

## MADRID REVISITADO

Hay retenciones acordeónicas en las carreteras,  
anuncia la emisora de radio.  
La muchedumbre es un disparate.  
Hay demasiados coches y grúas.  
Las mallas de hormigón se han comido las plazas.  
El tráfico se está cargando las explanadas.  
Está la ciudad en obras,  
en un afán de abalanzarse en reparaciones,  
en protagonismo plenitudinal.  
Estoy en Madrid , anegado en lucidez.  
Estoy y no estoy apurado – dirección las Musas.  
Cuatro Caminos – poesía, música, teatro y filosofía.  
Sentado en los acentos altos del autobús,  
La mirada en las aceras soleadas,  
vengo a reanudar el manantial de mis esperanzas.  
A sabiendas de lo que significa una siesta en  
cualquier estancia,  
Una vivienda donde acomodar lo pertrechos de la  
jornada,  
donde a nadie apetezca fumar.  
¡En tal momento culmen, desde luego,  
escribo para lucimiento de mi sanidad.  
Camino sin actos fallos ni objeciones,  
bajo el glorioso artificio del espacio azul,  
rayado de aviones,  
calle de la Princesa, día primaveral,  
aunque los árboles estén casi in hojas.  
La mañana es una floración de albricias.  
La vida como gracia,  
cuando marchan lo hombres con la urgencia de sus  
quehaceres

y las mujeres con mano llenas de fundas.  
Yo con el alma llena de lo que los ojos me enseñan.  
Soy el poeta de todos los sentidos,  
juglar de la sinestesia madrileña.  
Celebro la mañana con suavidad de natillas.  
Celebro España con cuadernos de cortes.  
Testigo de mi propio albedrío,  
mi primera hazaña es un almanaque perpetuo.

## RECORDATORIO

Por la calle de Espartero se llegaba a los arroyos.  
Madrid de huella tardomedieval.  
Santa María de Almudena,  
la imagen escondida, señeros actos.  
Madrid de los Austrias, capital de Europa.  
Dominada por el patronazgo,  
escenario de reliquias.  
Plazas con motivos laudatorios.  
Madrid irradia sus ráfagas oleadas,  
fraguando estacones.  
Raigambre de ornadas fuentes,  
Madrid ensanchada con plazuelas,  
donde se alzaron proclamas y barricadas.  
Madrid de los espectáculo castizos,  
calles atiborradas de automóviles,  
Madrid caudal sin fronteras,  
balcones hacia el Guadarrama.  
Colón sobre las aguas como a orillas de América.  
Madrid con sabor de tortilla y aceitunas de Jaén.  
Madrid que sabe a placeres

Y enciende relojes de fortuna.  
Extramuros las doradas cúpulas, cuadrigas  
monumentales.  
Intramuros el cortejo de las insignias,  
Labrados lienzos de alegorías.  
Madrid principio activo de la vida,  
Trashumancia en pasillos de deleite.  
Talismán cosmopolita.  
Madrid olor a castaño después de la lluvia,  
Cielo despejado camino de Atocha.  
Madrid las tiendas de paneles luminosos.

## **Na Trilha dos Eleitos**

Primeiro Volume:

- I) Gerardo Mello Mourão: Poeta Oracular
- II) José Alcides Pinto: Demônio Iluminado

**Márcio Catunda**

(Prefácio de Ernesto Flores)

Poucos poetas têm tido a dedicação que Márcio Catunda vem tendo em preservar patrimônios da poesia, através da transmissão das idéias de grandes poetas contemporâneos. Tal dedicação à memória dos seus confrades vem de sua convicção no ideal de fraternidade entre os poetas, que devem ser exemplos de vida, por tudo quanto podem aprender e ensinar através da arte divinatória da poesia. Também o inspira a admiração pela figura mítica do poeta --- um indivíduo que se destaca por expressar a linguagem do belo e do insólito. Um porta-voz da verdade e dos ritmos da palavra, o Verbo das origens.

Para iniciar o seu trabalho de divulgação da poesia através de seus adeptos, escolheu dois dos mais lídimos representantes da arte de versejar: Gerardo Mello Mourão e José Alcides Pinto, tracando-lhes o perfil, realçando-lhes o caráter peculiar, a convicção com que desempenham suas missões, as excentricidades e exotismos de seus gestos diante da vida e as suas virtudes humanas: generosidade, solidariedade com os amigos, mas também a irreverência de ambos, quando têm motivo para mostrá-la. A coincidência de muitas características entre os dois bardos aqui estudados justifica reuni-los no primeiro volume de "Na Trilha dos Eleitos". Conterrâneos e colegas de Márcio Catunda, Gerardo Mello Mourão e José Alcides Pinto merecem, pela obra e pela dignidade pessoal, o enaltecimento de suas qualidades literárias e humanas. Trata-se de um resgate de valores de duas personalidades formadoras da cultura e da alma nacionais. Estou certo de que o leitor, quando começar a ler este livro, concordará com o meu testemunho favorável ao autor, pela feliz idéia de expor, com talento, a autenticidade e a coragem com que os dois altos poetas vivem e expressam seus lúcidos pensamentos. As extraordinárias características de Gerardo Mello Mourão e José Alcides Pinto justificam a homenagem que lhes presta Márcio Catunda. O melhor de tudo, porém, é que a explicitação das lições de vida e do talento dos dois poetas se faz com grande senso de humor, num estilo que certamente agradará os leitores. O que considero interessante nos dois textos aqui apresentados, "José Alcides

Pinto: Demônio Iluminado” e “Gerardo Mello Mourão: Poeta Oracular”, é que configuram um gênero híbrido de biografia, crônica e análise literária, daí a sua originalidade. Resta convidar o leitor a ingressar no universo fascinante da vida e das idéias dos dois poetas.

## GERARDO MELLO MOURÃO: Poeta Oracular.

### 1. Infância e Poesia.

Em fevereiro de 1998 tive o privilégio de entrevistar Gerardo Mello Mourão em seu apartamento em Copacabana, que guarda uma biblioteca de 20.000 livros, com a intenção de fazer, na forma de ensaio, um resumo do seu pensamento e da sua poética, à luz de aspectos de sua biografia. Há tempos sonhava em transmitir as idéias do poeta, sua forma de ver o mundo e a vida. Vem de longa data minha estima pelo bardo cearense, que admiro pela devoção que consagra à arte poética e com o qual tenho afinidade por sua maneira de pensar e escrever.

Gerardo Mello Mourão teve a sorte de nascer na cidade cearense de Ipueiras, no dia 8 de janeiro de 1917 e viver alguns anos da infância em Crateus. No dia em que ia partir do sertão cearense, escondeu-se na igreja na hora em que passaria o trem que o levaria para Fortaleza e em seguida para o Rio de Janeiro. A única pessoa que conseguiu convence-lo a viajar foi o seu avô, prometendo-lhe que o faria retornar brevemente. Quando seguiu para o Rio de Janeiro, em 1928, com 10 anos de idade, levava na memória as imagens do sertão e de sua cultura. Sua mãe queria que fosse sacerdote e o matriculou no Seminário São Clemente, dos padres redentoristas holandeses, em Congonhas do Campo, Minas Gerais. Ali recebeu formação humanística durante sete anos e dali seguiu para o convento, onde tomou hábito e entrou na vida monástica. Ficou um ano no seminário e terminou clérigo. Mas não se ordenou padre. Abandonou o convento em 1935 e voltou para o Rio, renunciando aos três votos: pobreza, castidade e obediência. Das três virtudes, ficou apenas a pobreza, declara Gerardo. Naquele tempo o hábito da poesia era já um valor mais alto em sua vida. Abandonou o apostolado e o ministério. Nenhum poeta se enquadra em molduras de hipocrisia. Seu compromisso com a verdade

sempre foi demasiado forte para reduzir-se às condições impostas por estruturas opressoras ou dogmas. O poeta verdadeiro não se submete à máscara de ferro da pseudo-moral nem aos grilhões da farsa política. Gerardo, como lídimo representante da casta dos poetas, sempre teve pensamento autônomo e independente. Pagou sua coragem com a supressão de sua liberdade física, mas conquistou a liberdade maior que reside em obedecer à própria consciência. Sua poesia, lírica e épica a um só tempo, tem o tom altissonante da liberdade. É o lirismo-libertação de que falava Manuel Bandeira, insuflado pela intrépida cadência de ritmos delirantes, temperados pela razão suprema da realidade histórica.

Porque desde menino, em Ipueiras, costumava ouvir os cantadores que improvisam ao som da viola, a sua poesia guarda ainda instâncias do ritmo popular dos menestréis, o verbo de sete sílabas que escutava quando criança. Poetas-cantadores os mais geniais, como Oliveira de Panelas, Geraldo Amâncio, Otacílio Batista e Louro Branco encantam quem quer que os escute. Grandes folcloristas como Leonardo Mota e Gustavo Barroso louvaram o talento dos vates repentistas, alguns dos quais capazes de improvisar sobre qualquer tema com virtuosismo na diversidade de imagens e vocabulário e com rima e métrica perfeitas. Mas se é certo que Gerardo bebeu nas fontes da poesia popular, e se inebriou da musicalidade desta tradição, também soube combinar a influência daqueles ritmos com a erudição clássica que adquiriu através de leituras e do aprendizado de nove idiomas. Quando estudante no seminário chegou a certo virtuosismo na arte de improvisar a palavra nos ritmos populares. Podia conversar durante horas em sete ou em dez sílabas com os companheiros de estudos místicos. E foi apurando a habilidade nos métodos alexandrinos, num exercício que, apesar do perigo da impregnação de eloquência no verso medido, não lhe afetou a espontaneidade da poesia.

Na poesia de Gerardo Mello Mourão as cadências tradicionais do decassílabo e da redondilha se combinam com versos de fluência desgarrada e libertina, de frases indômitas. Nota-se, em sua expressão, o ecletismo de quem, ao mesmo tempo, prima pela fluência do verso livre e domina a escritura da palavra circunscrita à exatidão métrica. O ímpeto que brota nos borbotões de sua verve febril constitui o seu modo de criação por excelência. Exemplifico sua versatilidade de estilo nestes decassílabos de “O País dos Mourões”. “E no entanto durara: ao tempo quando/ a madressilva não temia os pés/ desabrochados entre margaridas/ e a mão sabia a dança que hoje não.”/ E também no ritmo desgarrado e borbulhante deste texto de “Rastro de Apolo”: “é minha profissão e consumo o crepúsculo a aurora os clitoris rosados em seu ninho/ e o rouxinol/ e o grito do amor...”

Os românticos foram os primeiros poetas que começou a ler: Castro Alves, Gonçalves Dias, Fagundes Varela, Casimiro de Abreu e Álvares de

Azevedo o impressionavam pelo talento, a criatividade e a cultura que tinham com a idade adolescente. Quando o visitei, falou-me de sua admiração pelos poetas gênios da geração romântica. Álvares de Azevedo, por exemplo, que ao morrer aos 21 anos, deixou uma obra que permanece viva e atual. Era um rapaz de família rica e fora preparado culturalmente desde a adolescência. Tinha um professor alemão, o Barão Toifus, contratado pela família. Casimiro de Abreu, no entanto, era filho de um comerciante português, vendia secos e molhados na bodega do pai e não pode ter grande formação cultural. Porém legou à literatura de língua portuguesa algumas de suas páginas de mais puro lirismo. Castro Alves, igualmente, com sua poesia fascinante, seus altos vãos condoreiros, foi mais longe e fez uma carreira poética, conquanto tenha vivido apenas 24 anos de idade. E Gonçalves Dias, que viveu mais tempo, pode fazer uma poética de grande inspiração e perfeição formal. Concordei com as suas observações sobre os geniais românticos, cuja leitura também me apraz desde os meus primeiros estudos. Têm a ressonância de suas leituras dos românticos estes versos de teor lírico, do livro “O País dos Mourões”:

“quem sabe deste sopro para sempre/ pássara de vinho/ no cristal das curvas deixarias/ bêbado/ o coração em cântaro durar-me?” Destaco ainda estes, de “O País dos Mourões,” inspirados num mote de Casimiro de Abreu: “Oh que saudades que eu tenho/ da aurora da minha vida/ ia colher pitangas/ trepava a tirar as mangas/ à sombra das bananeiras/ debaixo dos laranjais”.

Disse-me Gerardo que a sua geração começou pela leitura dos rapazes do romantismo. Eu, que desde adolescente me embebi da influência deles e me encantei com a altura lírica daqueles admiráveis bardos, concordei com sua tese. Em verdade as revoluções literárias se esgotam no momento do protesto e não constroem de perene nada a não ser o gesto inicial, o impulso gerador que as motivou. Os que ficam eternamente presos aos cânones do futurismo, construtivismo, dadaísmo, surrealismo, concretismo, esgotam-se como autores, porque na verdade fabricam um novo tipo de academicismo. Todas as escolas se tornam acadêmicas porque criam um molde acadêmico, uma norma fora da qual nada está correto. E os adeptos destes “ismos” ficam escravos dos moldes que criam. Mas a poesia é bem outra coisa. Gerardo cita uma passagem interessante do Borges, quando já na idade madura, disse ao poeta francês que dirigia a revista “Sur” em Buenos Aires: “yo he evolucionado”. E o francês lhe perguntou: evoluiu como? “Yo era surrealista, era ultraista y he evolucionado hacia Boileau”.

Há poetas que verdadeiramente estudaram e construíram os cânones da poesia: o organismo e a ossatura lexical. Fizeram as vértebras, os músculos, as veias e as artérias do poema. Destacaram-se dos panfletários das revoluções literárias, porque depois que trabalharam com a linguagem

ficou mais fácil distinguir a poesia da prosa, pela sintaxe e pelo processo de se servir das palavras. A poesia, na síntese que realiza, entrega-nos a verdade direta, sem redundância, e com a harmonia interior, a melodia do verso. Gerardo ironiza alguns poetas de hoje em dia, os quais, pensando que estão muito avançados, dizem que a poesia é só a palavra e escrevem juntando palavras como laranjas num balaio de frutas, sem nenhuma sintaxe. Com razão, acha que é preciso relembrar os gregos, que já sabiam tudo e cuja obra precisamos conhecer, se quisermos ter uma formação que nos permita expressar algo interessante.

Além dos cantadores de feira e dos românticos brasileiros, passou a admirar e a ler também Baudelaire, Rimbaud, Hoederlin, Leopardi, os gregos e os latinos. Na juventude, nos tempos do seminário, teve o privilégio de aos 14 anos começar a traduzir Homero e Virgílio, quando estudava grego e latim. Depois, ler A Divina Comédia foi mero deleite intelectual. Dante é a catedral da poesia do Ocidente, exclama Gerardo. Catedral, porque cabe tudo: a atualidade do contemporâneo e a perenidade do clássico. Quando Dante diz por exemplo *la luce é muta*, (a luz emudeceu) antecipa a linguagem dos simbolistas. Além da soma de todos os conhecimentos humanos de sua época (astronomia, matemática, mitologia, teologia, lógica, filosofia, etc), a Divina Comédia impressiona pela linguagem em si. Homero é algo medonho. Considera comparável a Homero a canção Asa Branca, em que Luis Gonzaga diz "quando o verde dos teus olhos se espalhar na plantação, não chore não, menina, que eu voltarei, meu coração". A poesia desta canção consiste em que os versos não têm raciocínio. É a anáfora da poesia. De fato, é impressionante como uma simples canção contém versos de profunda dimensão semântica, o que prova que a poesia não está na sofisticação da linguagem. A identidade do verde dos olhos com a plantação é uma metáfora pura: inclui a um só tempo o amor à terra, o sertão que o poeta deixou seco na hora em que partiu, e a saudade que faz chorar. A lágrima se confunde com a água que desce sobre a terra e a torna fértil e verde. Tudo isto, segundo Gerardo, tem a densidade de Homero. Quando o vate grego diz: "voltei embriagado do teu beijo", ele já tomou o vinho na metáfora, que é a palavra que se introduz na outra até fazer o seu "pakos". Mas não se deve cultivar a polissemia das palavras como uma disciplina obsessiva. O poeta sabe trabalhar com a metáfora naturalmente. Assim como na mística a pessoa se aperfeiçoa nas virtudes ascéticas, também o poeta avança no processo da linguagem poética. A poesia é sua profissão de fé.

Gerardo define-se como aprendiz da solidão, "aprendiz de sepulturas e ressurreições". Declara-se da estirpe dos que tocam pelos bosques dos homens as músicas dos deuses. A sua poesia, impregnada da geografia do nordeste, tem nas imagens do sertão uma lembrança obsessiva. Disse com propriedade o crítico literário J. G. Nogueira Moutinho, "o poeta sabe

enlaçar aos elementos telúricos de sua província largas lufadas de um vento que nasceu na Hélade, soprou a vela das naus descobridoras, ruge em certas estrofes homéricas dos Lusíadas e varre com um ímpeto maravilhosamente inaugural suas peripécias”.

### Alma grega, raízes nordestinas.

Gerardo é um poeta telúrico na medida em que sua poesia se nutre de signos recolhidos da realidade histórica. Mas o substrato de morfemas auridos das concepções mitológicas lhe confere atributos suprasensíveis. Como afirma Goethe, não há mais nada a não ser o mar e a terra, elementos criados pelos deuses. A terra, o mar, a árvore, os animais são as coisas essenciais, permanentes e portanto mais importantes do que partidos políticos e ideologias, que são efêmeros. Diz Gerardo em “A Invenção do Saber”: “não há ideologias políticas, o que existem são verdades econômicas temporariamente boas”. Nesse sentido, sua poesia se nutre da perenidade de arquetipos definitivos como as imagens da infância e a fantasia recriada a partir do paradigma dos ancestrais. Tanto o marcou o ambiente rural da infância que o seu inventário vocabular está assinalado de termos regionais: o mangará das bromélias e o ouro das macambiras, o cheiro dos cajás, bambus, barrancas, cacimbas, cabras assinadas na orelha, éguas e jumentos ferrados, coronéis senhores de engenho e homens vestidos de couro pelas capoeiras, caatingas e espinheiros do agreste, alimentando-se de caitetés, marrecos, graviolas, cajas, cajus etc. Protótipo da sociedade nordestina é o episódio em que sobressai o machismo personificado na figura do Coronel Francisco Feitosa que, bêbado, esbofeteia a mulher, D. Maria Alves Feitosa, e suas escravas, quando cantavam suas ladainhas. A mulher se limita a dizer que aquele gesto não constitui agravo. O vigor dos machos é sempre doce ao coração das fêmeas na raça dos Mourões: “nunca houve nesta raça/ homem não raparigueiro/ e nela não se conhece/ uma casada infiel”.

Gerardo Mello Mourão estabelece, ao longo de sua obra, um paralelo entre a Grécia do seu ídolo Apolo e a sua Ipueiras. Na epopéia da fundação do Brasil canta a gênese brasileira a partir do Nordeste. Na sua fábula, o Capitão-Mor, fundador do País dos Mourões, é um deus embriagado e cosmogônico, semelhante a Dionísio e Apolo. O Capitão mandou matar os gaviões, imolar os animais perigosos e queimar a bala os forasteiros. Ao longo da narrativa despontam outras figuras lendárias, como o Padre Inácio, mártir de Deus, amarrado ao tronco de um juazeiro e castrado a faca de ponta. Ironicamente, fora decepado o único falo que poupou as fêmeas da raça dos Mourões. Também Alexandre Mourão, que procura o assassino do irmão até vingar-lhe a morte, como se procede em toda sociedade primitiva e ainda hoje na primitiva sociedade moderna. Destaca-

se ainda o perfil heróico do Padre Gonçalo Ignácio Loyola de Albuquerque Mello, chamado Mororó, que curava as almas, recitava de cor Horácio, Tibullo e Ovídio e que proclamou a República da Confederação do Equador e foi arcabuzado, por não haver quem lhe quisesse enforcar.

Em “Peripécia de Gerardo”, a exemplo de “Rastro de Apolo” e “O País dos Mourões”, destaca-se o símile entre as paisagens do Ceará e da Grécia. As palmeiras da Ibiapaba são as mesmas de Delfos. Há carneiros e pastores nos montes da Tessália como no sertão de Ipueiras. Os bogaris mordidos na noite de Ipueiras se mesclam ao mar purpúreo da Jônia, no discurso sensualista das peripécias. E a epopéia da fundação da terra brasileira funde-se à narração das aventuras do poeta, numa alquimia verbal em que se combinam memórias dos currais de Tamboril e da ribeira do Sena e do Danúbio, imagens da Piazza San Marco, dos mármore de Atenas e o clangor das arapongas e os canaviais do Mundau, no canto polifacético de uma terra em que os homens comem colhões assados de bodes e ovos de ema e se deleitam sobre os montes de Vênus. A linguagem libertina e desbragada de “pastei-lhe o monte da boceta castanha” associa-se à dimensão romântica de “que importam as algas/ que importam as ondas/ feitas e desfeitas/ quando a bússola informa/ ao coração que chega e parte o espanto/ de tua formosura”. A poesia é sua peripécia: fruto de experiências da infância, erudição, viagens e a amizade com os poetas da Hermandad de la Orquídea, cujos nomes entremeia nos versos que escreve. Seu afã de viajar na Gávea e trabalhar com os olhos. De moto próprio afirma: “meu serviço é ver”.

Sendo Apolo o arquétipo fundamental da sua poesia, “Rastro de Apolo” é uma biografia apolínea. Narra a vida do deus da poesia, cuja vida triunfal passou por diversas dificuldades, desde o seu nascimento quando Leto, sua mãe, não tinha onde parir, porque que tinha violado uma lei: tinha dormido com um deus e por isso a deusa de Júpiter não deixara a Leto nenhum lugar na terra onde pudesse parir. Só numa ilha flutuante, Delos, é que foi possível o nascimento do deus luminoso, o qual, já ao nascer, fixou a ilha. Depois, saiu no dorso de um delfim, saltou nas praias de Iction, e estabeleceu em Delfos o culto de sua doutrina. Apolo fundou a Grécia e a democracia, porque a Anficionia, que fundou a nação grega, ia ouvir os oráculos em Delfos. Dalí se fez a Confederação de todos os gregos. Sócrates, o inventor da universidade, estruturou o seu pensamento na inscrição do templo de Delfos, que proclama a necessidade do saber a si mesmo como ponto de partida do saber de todos os tempos. E Hesíodo diz que é das Musas e de Apolo que vem os poetas e os citaristas.

O poeta nomeia-se filho de Calíope e diz que com Apolo aprendeu a tanger a cítara do amor. Segundo Severo Sarduy, a estátua de Apolo canta na tumba ante as palavras que Gerardo derrama no seu rastro. E ao buscar o rastro do deus de Delfos, peregrina pelas verdes águas, entre bosques e

mármore, pelos quatro cantos do mundo. Sua itinerância é a bússola de si mesmo, seu próprio ardil. Obsecado pelo carro do deus da harmonia e seus por capricórnios de fogo, imita os gestos da divindade apolínea. Em tudo vislumbra-lhe a imagem resplandescente: nas lindes crepitantes da América, nos campos de buriti e de ananás do Nordeste e no chão de Elêusis, de onde avista os cabelos de Artêmis e as pétalas da rosa-dos-ventos. Esse amálgama de culturas e paisagens é a essência de sua aventura: “meu coração suporta a delícia cruel da inventada beleza”. Rastro de Apolo é um testemunho de que os poetas são irmãos do deus que jorra o infinitivo dos intransitivos e ergue das ondas deusas calipíguas. O próprio mito é filho da liberdade (Eleutheria) de onde vem a criatividade poética. Sua peripécia é a liberdade de cantar os sagrados eólios ao ouvido da ninfa e à virilha da fêmea. Celebrando o êxtase da vida, louva a beleza e a sensualidade da terra e da mulher a um só tempo: “... e as orquídeas abriam as vaginas lascivas/ e os lábios abertos e as narinas tersas/esse cheiro de cio ao vento sertanejo.” No seu canto telúrico e onírico, a energia feminina e a natureza se confundem. A flor e o sexo da mulher perfazem uma só realidade. Sob o influxo do deus do amor e da luz é conduzido por um guia sublime na travessia dos céus e dos infernos. Ao buscar, em viagens iniciáticas, o rastro do deus guia, percorreu a Dácia, a Trácia, o Ponto Euxino, a montanha búlgara e alhures, insólito périplo em que “os firmamentos caíam dentro de um oceano de jardins”. Navegou a matina dos tempos, rastreando a escritura do chão, deixando a memória dos pés por onde a liberdade peregrina. Cantou Apolo: "de seu ombro formoso a lira a tiracolo e o mel que da boca funda para sempre o amor".

Deflui nestes cantos a similitude entre a geografia do nordeste brasileiro e a paisagem grega. O homem nordestino, de alpercatas nas estradas de poeira, transfigura-se no homem grego, que ouve a voz dos deuses e acredita em Deus através de superstições e promessas. Na metarealidade do mito e da fé, os santos do catolicismo correspondem as divindades imortais do Olimpo. Os padres e as freiras que instruíram o nordestino sobre a fé são versões modernas dos hierofantes e das pitonisas, dos quais proveio a crença de que se vai para o inferno ou para o céu. O costume grego de ouvir os deuses corresponde no Brasil as experiências que se faz no dia de São José e na festa de Santa Luzia, com as pedras de sal. Este universo da palavra e do sonho e o reino onde Gerardo Mello Mourão celebra, na figura dos seus ancestrais, a terra e o homem do nordeste, tão vinculados a Deus e aos mitos quanto o grego antigo. Em suas metáforas, o país de Elêusis revive nas catacumbas do coração como o país das esmeraldas, o Brasil.

Até quando vai durar essa religiosidade nativa do homem grego e do nordestino, pergunta-se o poeta. Lamenta que as cidades tentaculares estejam começando a provocar a degenerescência da alma natural das

peessoas. Mas o Nordeste é forte como a Grécia. Uma prova de que a Grécia continua viva é a maneira como é tratado pela escritora Galatea, sua amiga grega, e por seus filhos Aquileus e Afrodite, quando os visita. Quando estes amigos lhe servem vinho, e conversam sobre os gêneros da poesia clássica e sobre a literatura teogônica de Hesíodo, tem a sensação de que ainda existe a Grécia dos tempos de Platão e Safo. Sempre que visita aquele país encantado, berço da poesia, tem este mesmo sentimento inspirador.

Estas semelhanças entre o mundo grego de suas elucubrações e o universo de sua província natal são pilares com que constrói a sua fábula, vaticinando a grandeza do poetar que funda civilizações. Nesse transporte poético no tempo e no espaço associa as dimensões geográfica e humana das duas regiões do seu imaginário, onde edifica o monumento de sua obra, elaborando a saga brasileira. Quando vê nos cantadores de feira de Ipueiras a imagem de Homeros de eterna verve, constata o quanto é forte o Nordeste brasileiro. Não é por acaso que o Brasil começou ali, afirma, sem esconder a satisfação de haver nascido em terra cearense. Como disse José Alcides Pinto em artigo publicado em jornal de Fortaleza, o poeta eleito das musas, identificado com as lendas e o mito, as escritas antigas, o papiro e o pergaminho, escreve a história de Portugal, do Brasil e das Américas e "traz a Grécia com espantosa facilidade para o Ceará, como se fosse um mágico".

A poesia de Gerardo Mello Mourão nasce das experiências vividas na sua infância no sertão, (narra as aventuras sangrentas do clã de sua família, o tropel dos cangaceiros, descreve os pastos e os pastores) e adquire atributos de dimensão universal ao sedimentar-se no palimpsesto das aventuras do andarilho que percorreu todos os continentes. Estes atributos da criação poética, no dizer de Zenon de Elea, são o metro, que é a sua dimensão horizontal e o "pakos", ou a espessura da palavra, (daí vem a palavra paquet, pacote). A poesia eleva a palavra da sua dimensão horizontal para a sua espessura, ou "pakos", ou o tônus, que é um tom que a distingue da prosa e que constrói a beleza. E a estrutura que as palavras adquirem quando se acumulam umas sobre as outras. Esse tônus é notável em qualquer grande poeta. Vindo das fontes dos cantadores de feira, de onde veio também Homero e todos os grandes poetas antigos, Gerardo faz o seu tônus próprio da poesia, criando o verso sobretudo com substantivos. Tinha razão Verlaine, quando mandava "torcer o pescoço da eloquência", sob pena de se fazer apenas retórica. Manifestava-se o poeta de "Fêtes galantes" sobretudo contra os adjetivos que poluem, deturpam e criam conceitos e preconceitos em torno do nome. Quando se diz mesa, a mesa é, em sua plenitude. Ela não deixa de ser mesa se dissermos que é bonita, feia, grande, alta ou baixa. Os adjetivos na poesia têm que ser administrados com grande economia, porque o nome é que é forte. Apesar de considerar-

se um poeta que não faz economia de palavras e que gosta das palavras que criam o tom, adota a maior parcimônia em relação aos adjetivos, que têm também o seu momento. Cita Virgílio e Homero como mestres na arte da adjetivação. Melhor que as alegorias simbólicas é o trabalho com o nome, o cantar objetivo em que os substantivos realçam os seres e as coisas cantadas. Elogia o vigor oracular de Whitman, um vigor elementar em que as coisas, lugares e pessoas são chamados por seu próprio nome. Observa, porém, que em Leopardi o uso de arcaísmos amplia-lhe certos tons fantasmagóricos. Em verdade as formas poéticas são contrapontos de formas anteriores. As novas formas são ressurreições de formas antigas. Assim Homero re-surge em todos os grandes poetas. Em Kavakis se descobrem planos sucessivos de criação: em cada verso há ecos de outros poemas. A tese da sucessão genealógica da poesia está bem explicitada no final de Invenção do Mar, quando Gerardo apresenta o inventário dos poetas ou a gênese das nações por seus cantores. Entalhando caminho na pedra ou na casca da árvore, os poetas geram as nações, desde os profetas David e Salomão, e desde Homero, que gerou a Grécia, e Enéias que gerou o Lácio e Virgílio, que gerou Roma, até a Ibéria e Camões, gerados pelo Lácio e até D. Diniz, Anchieta e Joaquim do Amor Divino Caneca, poeta e professor de Geometria.

### Poeta Oracular.

A inspiração é o dom do poeta, o dom de identificar a palavra própria para cada coisa, cada momento, cada objeto da sua alma. Nesse sentido, considera Baudelaire o mais revolucionário dos poetas modernos. Embora fiel aos cânones da poesia antiga, homem do alexandrino e da rima, Baudelaire criou a poesia moderna. Depois dele foi possível tudo. É preciso ler os grandes tratadistas de estética como o crítico francês Sainte Beuve e Benedetto Croce, que escreveram teses decisivas sobre a teoria do poema. Mas além do conhecimento profundo dos sintagmas e paradigmas da disciplina poética, há que saber “tocar de ouvido”. Quando Baudelaire apareceu, Tibaudet disse: ele faz a poesia de Sainte Beuve e mais a Poesia. Fazer poesia só das regras dos críticos e dos tratadistas da estética é criar um deus ex-maquina. Fazer uma poética com o metro e o "pakos" é bem outra coisa.

A poesia é a sua forma, e a forma é que traz tudo em todas as artes. Benedetto Croce, no seu Tratado de Estética diz que a poesia é o belo. E não é apenas a coisa bonita que faz sentir prazer. O belo é algo que pode causar até tristeza, mágoa e amargura. Diz-se, por exemplo, um belo incêndio porque se trata da expressão do acontecimento. Ariosto fala nas belas feridas no corpo dos guerreiros. Uma ferida não é bela no sentido hedonístico. Então o belo, a poesia, é “l'espressione riuscita”, lograda, “reussite”. A expressão

poética se faz através do conhecimento mago ou intuitivo. O conhecimento lógico nos dá o conceito da coisa. Informa que a mesa é quadrada, é boa, é de madeira, etc. O conhecimento mágico é mesa em si. Tudo o que se disser além da mesa é um pre-conceito. O conhecimento mágico nos dá, além do conceito das coisas, a própria coisa em si, a “espressione riuscita” da coisa. E a poesia é a forma na qual a coisa em si é apresentada. As palavras estão a mercê de todo mundo. Todo mundo pode usá-las impunemente. As mesmas palavras que usa um poeta são usadas por qualquer pessoa, mas nem todos sabem usá-las na ordenação mágica que só o poeta sabe.

Aquele que habita a pátria intemporal das palavras imerge no tempo da concepção mágica do mundo. O princípio ontológico e ecumênico da poesia restaura as raízes metafísicas e religiosas do homem. Reintegra a cultura à natureza, ajudando a consciência humana a encontrar o sentido da unidade. A poesia é uma tábua de salvação: em meio à desagregadora crise axiológica da civilização, planta verdade no coração do homem. Essa é a idéia central do ensaio de Heidegger sobre Holderlin ou a essência da poesia. Ele diria mais tarde que toda a sua filosofia está fundada sobre alguns versos de Holderlin e alguns outros de Rilke. Holderlin é um exemplo de alguém que se dedicou inteiramente à poesia, como um poeta deve dedicar-se. É o poeta do poeta. Foi até à loucura em sua obstinação. E no entanto ninguém sabe sequer se ele estava realmente louco. Gerardo relembra com perplexidade a história de Holderlin, que viveu 40 anos numa aldeia alemã, no sótão de um maceneiro que o acolhera. Aquele artesão alemão deveria ser um santo, porque aguentar um doido dentro de casa durante tanto tempo, dando-lhe de comer cotidianamente com todo o respeito... Um homem ignorante, um maceneiro... Holderlin enlouqueceu com poesia, só fazia poesia. E da loucura dele resultaram alguns fragmentos geniais. Quando as pessoas da aldeia diziam ao maceneiro: o Sr. Holderlin está doido, porque não fala, não conversa com ninguém, nem com você, o cidadão que o hospedava, sabiamente ponderava: “é... ele não fala comigo nem com vocês, mas quando vem aqui o Sr. Schiller e o Sr. Hegel ele fica longamente conversando com eles”. O poeta tem que ser assim, essencialmente poeta. De resto, tinha razão Rilke: cantar é ser. Desgraçadamente, às vezes somos forçados a fazer outras coisas na vida. Gerardo confessa ter tido a necessidade de exercer atividades as mais díspares na vida, como a política partidária e outras aventuras. Mas considera tudo isso “adultério” à sua musa permanente, a poesia. “Quanta necessidade aborrecida”, lastimava Camões, no sentido daquilo que adultera a natureza do poeta, cujo sagrado ofício é uma marca indelével em sua alma. É uma prerrogativa da qual não pode abdicar. Heidegger deu a conhecer memoráveis ensinamentos de Holderlin. O primeiro consiste numa resposta a uma carta da mãe dele. Quando a mãe o aconselha a deixar

esse negócio de poesia, por achá-lo um tanto perigoso, pois o impediria de viver uma vida normal, ele escreve à mãe: “a poesia é a coisa mais inocente do mundo.” Inocente, em alemão, é “unschuldig”, que quer dizer uma coisa não-culpada, isenta de culpa. Em latim “inocens”, significa algo que não prejudica, nocere é ser nocivo, prejudicar. Inocens é aquilo que não prejudica a ninguém e a nada. E a poesia é inocente porque é a expressão verdadeira, “riuscita”, de todas as coisas, lugares e pessoas. A poesia quando diz mesa, exprime a mesa em si. Chamar uma mesa de árvore é agredir a sua essencialidade. Chamar um elefante de cordeiro é destruí-lo. A poesia, ao enunciar a coisa, dá a conhecer o seu verdadeiro nome. E o nome nunca trai. Por isso os poemas de Gerardo Mello Mourão estão cheios de nomes próprios das pessoas, dos lugares e das coisas. E a poesia é oracular porque profere essa verdade feita com o verbo, que é o dom mais precioso que os deuses deram aos homens, o dom de criar coisas, lugares e pessoas ao nomeá-los.

Ao mesmo tempo, numa passagem que parece um paradoxo, disse Holderling que a palavra é a coisa mais perigosa que existe. É perigosa quando empregada indevidamente, porque assim destrói a coisa, em vez de expressá-la e criá-la. Por isso ela é o oráculo verdadeiro, que diz a palavra, (de “oras”, “oris”), proferida pela boca do homem.

Se a arte pictórica é centrífuga (o artista joga tudo em cima do quadro: cores, luzes, linhas e volumes), a poesia é centrípeta. Tudo que está nela se dirige ao laboratório da alma, do coração e da inteligência do homem. Não há coisa mais poderosa que impregnar o espírito de sua própria verdade. Não o poder de mercado, que reúne um bilhão de pessoas na rua pra uivar o que se supõe ser uma música e às vezes nem é. Não é a massa que conta. A inteligência humana, o sonho do homem é que justificam a vida. Não o poder da bomba atômica, que na realidade é um falso poder. A vida é criação e recriação, jamais destruição. E a poesia é cosmogônica, porque só ela funda o que permanece. Funda definitivamente e profundamente.

Ao escrever a epopéia do Brasil, Gerardo sente que está fundando o Brasil, como os Albuquerque, os Mem de Sá, os Raposo Tavares, os bandeirantes, que percorreram o Brasil de norte a sul, numa época em que tinham de arriscar a vida nas brenhas incertas do Brasil primitivo. Quando iam sair em suas aventuras faziam seus testamentos, confessavam-se e comungavam, porque não sabiam se retornariam. Era possível que, uma légua depois, os índios os flechassem e os comessem. As cobras, as onças, a fome, os rios onde se afogavam, eram tantos os perigos que os ameaçavam, que levavam um padre para se confessar sempre. Mas cometiam crimes de toda sorte, trepavam mulheres, faziam filhos, deixavam uma filharada criada ao Deus-dará, no meio da selva. Mas sabiam que o seu destino era fundar uma nova civilização. Gerardo se

refere com ênfase a fabulosa história de Raposo Tavares: quando, depois de dezenas de anos, Raposo Tavares retornou a São Vicente, tinha o aspecto de um monstro, uma grenha de cabelos, a barba imensa, a pele como um couro curtido por anos de sol, cheia de rugas. Bateu na porta, as filhas o expulsaram. Não sabiam quem ele era. Ele insistiu, a mulher veio, tomou um susto e gritou: quem é esse maluco! E ele se retirou e voltou para as bandeiras. Assim também é o poeta: como o herói se aventura nos mares ou na selva para fundar a pátria, ele cumpre a missão de fundar a verdade. É o poeta quem “funda para seu povo o mito e a tradição que cunham sua referência humana original, sua indelével identidade”. O vate “vaticina a aurora e acende as fogueiras que iluminam o caminho do amanhã”.

### "Invenção do Mar", uma epopéia moderna.

Seu mais recente livro, *Invenção do Mar*, é uma metáfora da história, um inventário dos haveres e da identidade da nação brasileira. A crítica saudou *Invenção do Mar* testemunhando que, a partir dele, a poesia de língua portuguesa se fundava em três nomes: Camões, Fernando Pessoa e Gerardo Mello Mourao. É o fruto da paixão da Santa Hermandad de la Orquídea para ver toda a América. Epopéia brasileira, especialmente do litoral, onde nasceu o país, evoca a origem, o espaço e o tempo do Brasil. É o resultado do longo amadurecimento intelectual adquirido em suas experiências, leituras e viagens pelas Américas. A saga de *Invenção do Mar* celebra os navegantes portugueses, inventores do Brasil e o mar, que com sua imensidão mística, impulsionou os viajores a buscar as terras ignotas de América.

Foi o chão das águas que levou Colombo e Cabral a percorrer os caminhos que dançam sobre o chão do abismo. Desbravar a selva das ondas do mar. As caravelas que “aos ventos devolvem os véus das névoas” e desvendam as várzeas do horizonte. O poeta lê nas espumas do mar os nomes dos marinheiros e recorda Dionisos, Henrique, João e Manuel, inventores das tábuas, das enxárcias, cordas e cabos de mastaréus -- e as velas. Pelos caminhos das Índias, em busca de Calicute, o Gama já se aventurara, marinheiros povoando a têmpera na voz mar, quando nos lustros dos quinhentos, tempo em que Paracelso descobre o hidrogênio e Erasmo escreve os Adágios, testemunha-se o nascimento da terra de Santa Cruz. Pedro Álvares de Cabral toma conta da Terra Atlântica. “No calvário da vela a cruz em sangue”. Este verso resume o ideário imperial das navegações das potências européias. As missões da catequese e a ambição do ouro. A conquista dos chãos de prata dos sertões, repletos de pedras milagrosas. As naus vieram rasgando o hímeme do horizonte e de súbito, a visão da terra, tal a aparição da mulher mais bela, “calipígia de outeiros e palmeiras, morena e núbil -- a terra desejada”. Os capitães do mar

desbravaram a selva noturna das ondas, até o encontro das serras e sertões. Vieram do Tejo e do Mondego, enfrentando golfos tormentosos, varando a matilha do mar em busca de D. Sebastião, caçadores de esmeralda, desbravando as verdes terras das Américas.

Depois de haver lido os primeiros cronistas da História do Brasil e ter pesquisado em mais de 400 livros, inclusive na Biblioteca da Torre do Tombo, Gerardo concluiu que o Brasil é uma invenção do mar. A idéia de um país inventado pelo mar está presente nas crônicas dos navegadores, como Pero Lopes de Sousa, irmão de Martim Afonso de Sousa, que aos vinte e poucos anos comandou a primeira frota que viajou do Maranhão até a Patagônia, desenhando a costa do Brasil, fazendo-lhe o perfil e nominado os acidentes geográficos: cabos, rios e enseadas. Pero Lopes escreveu um Diário de Navegação em que narra objetivamente os acontecimentos da sua temerosa aventura: “Esta noite caíram dois homens ao mar, procuramos e não encontramos, seguimos adiante. Hoje desapareceu um navio durante a noite, procuramos e não encontramos.” O país custou o sacrifício de muitas vidas. Os marinheiros que o mar trouxe têm seus nomes escritos nas estrelas, diz o poeta. Sofreram muitas agruras até chegar à “terra dos grandes arvoredos, dos ares frescos e temperados e das águas infinitas”.

O Capitão Nicolau Coelho pisou por primeira vez o chão achado e viu perplexo os pardos nús, sem coisa alguma que lhes cobrisse as vergonhas. Os índios trocaram arcos e flechas por sombreiros e carapuças de linho dos portugueses. Para salvar os aborígenes do fogo do inferno, os colonizadores ergueram cruces na praia para o rito da missa. Depois de vencerem a inumerável solidão do mar, o sal, o vento, os uivos da tormenta, tiveram que enfrentar a selva, o sertão, a escarpa, a solidão da terra e a seta envenenada nas tocaias. Na história romântica que lemos nas escolas o índio é bom, belo, generoso. Mas os cronistas são unânimes em que os índios eram antropófagos entre si e comiam a carne branca dos portugueses com mais prazer ainda. “O tacape partidor de cabeças, a flecha, a embira/ e o espeto do moquém/ tocaiavam por toda parte/ não detiveram os passos do povoador./ (Invenção do Mar, Canto Quinto, VI). A luta dos padres contra os silvícolas em São Vicente começou no dia em que os sacerdotes, recolhidos a cabana de palha que tinham construído, ouviram de noite um barulho, uma espécie de forró. Foram investigar o que era e viram a tribo dançando ao redor de um índio que estava sendo assado. Os padres tomaram o índio, derrubaram o palco da pajelança e começou a guerra. Os silvícolas não admitiam que lhes tirassem o costume mais sagrado. Comer gente era um ritual imprescindível. As mulheres índias comiam os rebentos nascidos de pais brancos. No momento em que pariam, assavam o menino e a mãe tinha direito de comer o primeiro pedaço. Era tudo um ritual como outro qualquer. Não se deve por isso estigmatizar os

índios, pois eles estavam na idade deles, a idade da pedra. Gerardo cita todos estes casos para elucidar o quanto foi duro fundar o país. Muito sangue e suor custou a fundação do Brasil. Mais de 100 mil portugueses morreram e morreram índios e negros aos milhares. As navegações custaram milhares de vidas, mas possibilitaram a invenção do Brasil.

Depois, quando se descobriram as primeiras riquezas do país, o pau-brasil e a cana de açúcar, foi preciso lutar contra os invasores. “Afia as unhas o carcará de Holanda/ mercadores sem pátria armam a frota e em busca/ de trezentos e sessenta e três engenhos de açúcar alvo,/ vinte e seis velas quinhentas bocas de fogo/ emergem da neblina”. (Invenção do Mar, Canto Sétimo III). A cana de açúcar, naquele momento da história do Brasil, foi o maior negócio do mundo. Naquele tempo não havia açúcar na Europa. Usava-se doses homeopáticas de mel de abelha. Quando começaram a sair do Brasil navios abarrotados de açúcar, os engenhos foram alvo da cobiça internacional. Chegaram piratas franceses e ingleses. Pero Lopes passara a fio de espada os corsários calvinos, os huguenotes, mais bárbaros que os tapuias comedores de gente. De repente, os holandeses invadiram o Nordeste e organizaram a Companhia das Índias Ocidentais, um império atlântico da Holanda, com centro estratégico em Pernambuco. Para esta missão mandaram um príncipe culto, civilizado, amante das artes, mas que era também um grande mercenário, um negociante, o Nassau, que tinha comissão sobre as coisas dos holandeses no Brasil. Chegou arruinado ao Recife em 1637 e ficou riquíssimo. A região se tornou tão importante que Felipe II queria transferir de Madri para Recife a capital do império ibérico. De Recife, Nassau mandou ocupar Angola, Guiné Bissau, São Tomé, com frotas holandesas saídas de Pernambuco. A luta tremenda na costa brasileira para expulsar os holandeses durou muitos anos. O império holandês permaneceu três décadas no Nordeste todo, do litoral da Bahia ao Maranhão. Naquele tempo o país não tinha interior. Todo mundo vivia na costa, se defendendo e defendendo a terra. Quando Portugal já havia concordado em entregar aos holandeses a parte ocupada por eles, da Bahia pra cima, os brasileiros e alguns portugueses se levantaram. João Fernandes Vieira e outros decidiram declarar guerra aos holandeses, expulsá-los do Brasil e depois apresentar-se ao rei de Portugal para receberem o castigo de sua desobediência. Despido da estola, até D. Marcos Teixeira organizou um regimento de clérigos para combatê-los. E travaram a guerra mais desigual do mundo. Os holandeses tinham um exército de primeira linha, com soldados mercenários da guerra dos 30 anos da Europa. Uma elite de imenso exército formado por belgas, franceses, alemães, ingleses e até polacos. Mas, entre o trovão da artilharia e o clangor das trombetas, os caboclos nordestinos acabaram os expulsando, liquidando o domínio holandês e deixando o país em segurança. Os holandeses foram destruídos

e não tinham mais como voltar. “O holandês honrou a bravura dos guerreiros nossos”, escreve Gerardo em Invenção do Mar. Só depois que os holandeses foram expulsos do Brasil é que foram derrotados em Angola, Guiné Bissau e Príncipe pelas tropas nordestinas.

Só então, depois de 1700, os primeiros homens do país puderam navegar o sertão e descobrir o resto do Brasil. Chegaram a Minas Gerais, onde descobriram o ouro, e foram ao Rio Grande, através das bandeiras, que não teriam sido possíveis sem o heróis da guerra contra a Holanda. Buscavam horizontes e sonhavam ouros e diamantes. Marchavam entre oncas, cascavéis e crocodilos. Por vezes, em delírio místico, esperavam ver de repente D.Sebastião com seu rosto de arcanjo e sua espada, e a armadura de prata ao sol do trópico.

Depois da guerra de Holanda, combate precursor da história militar do ocidente, cujas táticas são comparadas às de Napoleão e de Clausewitz, os desbravadores do interior do país fundaram Minas Gerais e o Rio Grande do Sul. Mas o Nordeste do Brasil existiu antes dessa gente toda, o Nordeste fundou o Brasil. Quando Ouro Preto começava como espectro de povoado em 1748, os nordestinos já estavam no Brasil há mais de 200 anos antes dos mineiros. As primeiras lavras de minas de Ouro Preto eram de 1711, portanto do século 18. Os nordestinos começamos a povoar o Brasil no século XVI, quando o país foi fundado.

Com relação à importância do Nordeste na formação do Brasil, lembra o caso de um jornalista, que numa entrevista com João Cabral, disse, empolgado com o poeta: “que maravilha você, um pernambucano, fazer uma poesia de tão alto nível. Imagine se tivesse nascido em Minas Gerais!”. E o Cabral contestou: os mineiros são do século 18 e nós, nordestinos, estamos no Brasil desde 1500, desde o tempo da fundação do país.

Recife foi naquele tempo o maior porto do Atlântico, onde aportavam mais de cem navios por dia, no esplendor do ciclo do açúcar. São Vicente e Rio de Janeiro, que tinham seus engenhos, também foram centros importantes. O resto não exista. O Brasil foi fundado sobre estas bases: o Nordeste, São Vicente e o Rio de Janeiro. Foi um Albuquerque de Pernambuco que fundou São João del Rei, que se chamou em princípio Vila Rica do Pilar do Albuquerque. Gerardo, que sempre teve interesse em genealogia, e que cultivava a heráldica, ciência que permite estudar as origens da nobreza européia, descobriu em suas pesquisas nos centros de estudos genealógicos da Europa, que as primeiras famílias brasileiras descendiam dos Albuquerque e dos Cavalcante. Todos os nordestinos são descendentes destas famílias, assim como toda a população da Alemanha e a grande maioria dos franceses descende de Carlos Magno. Segundo a lenda, tinha Jerônimo de Albuquerque, chamado o Adão pernambucano, cerca de 200 filhos. Era conhecido pela alcunha de “o torto”, porque tinha um olho torto,

vazado pela flechada de um índio. Gerardo conta como Jerônimo de Albuquerque escapou de ser assado e comido quando foi preso pelos índios. Na hora do ritual, depois que já haviam comido vários brancos, quando iam prepará-lo, a filha do cacique Arco Verde disse: esse não, esse eu quero pra mim. E o cacique deu Jerônimo à filha. Como sinal de gratidão, fez muitos filhos na índia e viveu com ela durante muitos anos. E depois de batizá-la, tornou-a uma dama importante. Mas Jerônimo tinha mulheres em toda parte. Quando Dom Cristóvão de Mello veio para a função de Capitão-Mor, equivalente a de governador, a Rainha de Portugal enviou através dele uma carta a Jerônimo, na qual manifestava apreço pelos serviços de guerra que prestara na qualidade de bravo soldado, mas o censurava pela vida devassa e recomendava que se casasse com uma das filhas de D.Cristóvão. Daí surgiu praticamente toda a raça brasileira, a partir dos Albuquerque Mello, cuja história consta em O País dos Mourões, livro que Octávio Paz considerou uma genealogia da América.

A genealogia, disciplina fundamental para o estudo da história das civilizações, não visa apenas a procurar dourar brasões. “Imaginamos sempre que temos um príncipe ou um marquês lá em cima, mas a verdade é que temos também um enforcado, um patife. Isso é verdade pra todo mundo. O importante é saber de onde vêm as coisas, saber quais foram os fundadores do povo brasileiro”. Em seus estudos sobre as origens brasileiras Gerardo constatou que em Portugal havia apenas 180 sobrenomes no tempo da colonização do Brasil. Havia 180 famílias, casadas entre si. Todos nós temos quatro avós, oito bisavós 16 trisavós 32 tetravós, 64 pentavós, 128 hexavós, 256 heptavós, 512 octavós. Quando se chega a um décimo já há mais de mil, quando se chega no século 16, temos 1 milhão de antepassados em linha direta. E como há os cruzamentos, o pai foi parente da mãe, o avô parente da avó e assim sucessivamente. Gerardo descobriu que tem um tataravô oito vezes, o Coronel José de Barros Mello, chamado o Cascavel. Hoje o Brasil tem 23 milhões de sobrenomes italianos só em São Paulo.

## Poesia e cultura.

Com relação à cultura no Brasil, o poeta deplora a levandade com que estão tratando a realidade brasileira. Gerardo atribui a sociologia a criação de um conceito falso de cultura. “Qualquer asneira passou a ser considerado cultura, desde uma peça de artesanato sem valor até as ancas de uma crioula rebolando. Mas a palavra, que vem do verbo colon, e que significa aquilo em que habitamos, (ou "morar em", aquilo onde o homem mora), a palavra é que é a morada do ser. E no Brasil não se leva isto a sério”. O poeta denuncia o engano de quem considera cantores de música popular como símbolos da cultura brasileira. Esse é o conceito de cultura

inventado pelos sociólogos: a coisa que é vendida, que se torna comum, que a maioria quer, o pitoresco degradado, o exótico, o Brasil para os estrangeiros se divertirem. Os próprios gringos riem disso, desdenhando de um Brasil que aparece apenas como produtor de samba, carnaval e futebol, manifestações populares que representam pequenos detalhes da grande riqueza que compõe o Brasil. Meros adereços, penduricalhos do conjunto do barroco nacional, cujo valor humano mais importante é a palavra, porque ela é a morada do ser. Então, se não a cultivarmos, perderemos o próprio sentido do humano, a própria identidade e a alma do povo. Mostrar apenas a parte pitoresca do Brasil ou da América é degradar a sua cultura, é ignorar o quanto de sangue, suor e lágrimas custou para se fazer o país e o continente. Milhares e milhares de pessoas lutaram com fé e esperança e morreram pela fundação deste país. Os primeiros séculos de existência do Brasil estão marcados pela vontade dos nossos ancestrais de fazer uma civilização nova, com a utopia de fundar um paraíso na terra, ou de encontrar Dom Sebastião. Vieram com a intenção de criar algo apolíneo e não dionisíaco. Como Apolo, que com sua paideia (ou educação), fundou a Grécia, os poetas fundam as nações com suas metáforas. Gerardo tentou também fazer uma paideia do Brasil, contando o que foi a sua história, como o país se fundou.

Não importa que a poesia não alcance milhões de pessoas. Nenhum poeta pretende ter o auditório do Chacrinha, do Ratinho ou da Xuxa. Se houver 10 pessoas no Brasil que tomem consciência de que o país precisa ser redescoberto já é grande coisa. E a poesia tem essa força de desvelar a pátria, de desvendar a verdadeira alma do povo. Sendo a cultura a coisa que identifica o homem que mora num certo lugar e num certo tempo, (a coisa do “in-cola”), uma nação só passa a existir quando se dá conta de sua própria identidade. Para os gregos e romanos, os povos que não tinham uma cultura nacional eram simplesmente bárbaros. A cultura é o sopro e a floração do espírito, pelos quais a tribo humana toma posse de seu tempo e de seu espaço e marca sua vontade de existir. A cultura, portanto, como a entendia Max Scheler, é algo que se incorpora como uma categoria do ser. É a essência qualitativa do trabalho do espírito humano. No seu sentido de eterno valor, a cultura de um povo pode ressurgir como o renascimento ítalo-europeu dos séculos 15 e 16. Nesse sentido é que Gerardo acredita no destino cultural do Brasil, que há de ressuscitar dos escombros do que resta da cultura africana, sobre os rastros étnicos e ctônicos da cultura indígena, e do lastro da cultura européia, na síntese dos elementos que o compõem.

Pouco importa o reconhecimento público, fama, sucesso ou uma condição que permita ao poeta viver de literatura. Recorda que Rimbaud nunca vendeu nenhum livro, mas há pouco tempo uma edição daquele poeta vendeu 60 mil exemplares numa semana, quando distribuíram um de seus livros nas bancas de jornal. Aquí na América só Neruda viveu de

poesia, mas ele era um caso à parte, porque tinha a promoção do Partido Comunista. Tinha a máquina publicitária do comunismo montada na China, na Rússia, na França, em toda parte, da qual se beneficiou também Jorge Amado. Em verdade, nenhum dos grandes poetas da humanidade encontrou mercado de trabalho para as suas obras literárias. Nem Camões, que com o seu poema imortal fundou a nação portuguesa, nem Dante, que com sua criação fundou a Itália, nem mesmo Tales na Grécia encontrava mercado de trabalho para o triângulo retângulo, nem para o triângulo isóceles. No entanto, “se ainda hoje o Karamanlis, o Papandreou e até o rei Constantino podem disputar o poder num país chamado Grécia é porque um vadio, sem mercado de trabalho, talvez mesmo um cego de feira, chamado Homero, criou a língua e a glória sobre a qual se fundou a eternidade de uma nação”. Há o caso de Vinícius de Moraes, que ganhou algum dinheiro com poesia, mas apenas quando passou a escrever canções. Aliás a propósito de Vinícius, Gerardo lembra sua amizade com o grande boêmio, quando ele ainda não havia adentrado as lides da vida dissoluta das paixões. Era o primeiro Vinícius, o apolíneo. Um Vinícius que comungava diariamente... Que fenómeno, que mudança radical! Admira naquele romântico extemporâneo a sua propensão a temática da mulher. De fato, a condição genetriz do ser humano não poderia estar ausente da poesia. Os deuses sempre as tiveram e não é por acaso que os anjos da guarda dos poetas são musas.

### As viagens como fonte de inspiração.

Em suas aventuras de viajante recolheu, pelos países que visitou, subsídios que lhe enriquecem a poesia. Sempre buscou inspiração nas viagens e qualquer país o diverte. Lembra de países exóticos como os do Extremo Oriente, o Vietnam, por exemplo, onde viu coisas extraordinárias, como uma biblioteca feita de pedra, com quatro mil anos, perto de Hanói. Acha fascinantes a China e todo o Oriente, que nos trazem uma riqueza nova. Também os países da America Latina, porque proporcionam a satisfação de identificar raízes históricas comuns, a mesma formação ibérica em todos eles. Não esconde sua paixão pela América Central: Nicarágua, El Salvador, Guatemala, Honduras, Costa Rica. Comove-se ao encontrar nestes países costumes idênticos aos que se encontram no sertão do Ceará. São países como o Brasil, onde há homens coetâneos de todas as idades. No sertão profundo, na puna, nos altiplanos andinos ou na selva amazônica há homens que vivem ainda em condições semelhantes às que existiam no tempo da Idade da Pedra Polida. Na América do Norte admira o Quebec, a Belle Provence, país de origem francesa onde as aldeias dos

séculos XVI e XVII estão melhor conservadas do que na França. Mesmo os cidadãos dos países latinos, França, Portugal, Espanha, Itália nos falam mais do que os anglo-saxônicos, que vivem outra realidade, são de maior estatura física e de temperamento retraído.

Sua primeira viagem ao exterior foi à Argentina, em 1942. Era uma época de esplendor em que se vivia naquele país com um padrão de riqueza que impressionava o mundo. O povo tinha o seu pão, sua lã, seu vinho e salários dignos. Ficou deslumbrado com os encantos de Buenos Aires. Voltou muitas vezes à capital argentina para conferir que a cidade sabe conservar os seus encantos. Vai sempre à calle Florida, a um bar que frequenta desde 1942. O bar ainda está no mesmo lugar, com as mesmas mesas, servindo da mesma forma que servia. Parece que os garçons são filhos, netos e bisnetos dos antigos.

A viagem a Buenos Aires resultou do encontro que teve com três poetas argentinos numa noite, num bar da avenida Atlântica, em 1939. Naquela noite nasceu a Santa Hermandad de la Orquídea, cujo projeto era navegar o interior da América toda, em nome da poesia. Arranjando recursos sabe Deus como, saiu pelo mundo com aqueles poetas idealistas, que abandonaram tudo, casa, família, etc. Foi com eles a Buenos Aires, tendo lá celebrado o “pacto del Victoria”, isto é, um pacto feito no bar que se chama Victoria, que consistia em queimar todos os versos que tinham feito até aquele momento e adotar a seguinte consigna: ou Dante ou nada. Não adiantava escrever o que já foi escrito e dizer o que já foi dito. Ou fazer o que fez Dante ou nada fazer. E a partir daquele momento começaram a percorrer a América toda em várias etapas. A primeira fase da aventura começou num navio japonês e terminou em lombo de jumento no Piauí. Numa segunda fase, percorreram a Europa quase toda, juntos em dois ou três companheiros de ideal. Viviam da boa vontade de alguns mecenas amigos que os hospedavam. Por onde andavam, declamavam versos e impressionavam senhoras sensíveis. Um dos membros da confraria, Napoleão Lopes, tinha o dom de encantar as mulheres, o que podia, as vezes, constituir para o grupo uma vantagem a mais, do ponto de vista logístico. Depois das primeiras incursões com o bando de viajores, Gerardo continuou suas peregrinações por conta própria. Passou dois anos e meio na China e percorreu todos os países da Ásia, inclusive o reino de Siquin, que é menor que o seu apartamento. Estas descobertas que lhe forneceram matéria-prima para a poesia. Em todo esse tempo, contudo, foi forçado a cometer o que chama “adultérios à poesia”, isto é, desempenhar funções profissionais diversas da poesia. Mas sempre foram atividades passageiras. A política, os negócios, o jornalismo são bordéis da vida, o essencial é a poesia.

De suas andanças constata que há mais momentos que países. Certamente os momentos em que se inspirou para escrever sua obra. Viajar

sempre é fascinante. Concorde com Rilke, que disse que viajar é essencial para a arte de escrever. Certa ocasião Carlos Drummond de Andrade, que nunca saía do Brasil, confessou-lhe de que se ressentia de não haver viajado. Sentia por isso como uma espécie de lacuna em sua vida, mas citou Antônio Nobre que dizia: “viajar, viajar todo o planeta é zero”. O tema faz lembrar Zenon de Eleia, para quem uma seta lançada permanece imóvel, sendo o seu movimento apenas aparente. No caso de Gerardo, as viagens lhe propiciaram o amálgama de diversas tradições culturais que enriquecem sua poesia. Colheu dos países que mais lhe falam, como a Grécia e a Itália, todo o mistério, toda a fascinação de que estão impregnados. A Grécia nos legou tudo quanto deu origem ao mundo ocidental. A mitologia grega, precursora da religião cristã, e a tradição de Delfos, em cujo santuário Gerardo escreveu a maior parte do livro Rastro de Apolo. Percorreu o roteiro sagrado de Apolo: de Delfos a Itéa e ao Parnaso e aprendeu que o deus dos oráculos é um precursor de Jesus Cristo. O primeiro deus nascido de um deus e de uma mulher mortal, o primeiro que cultivou ao mesmo tempo o belo e o bem e criou uma paideia, uma educação, ao contrário de Dionísos, para quem era o belo se destinava apenas a fruição, ao edonismo, o que não constroí nada. Apolo é o deus construtor do belo. E a paideia do belo é o bem inarrebatabél, a educação que salvará os homens. No dizer de Menandro, é o refúgio de toda a humanidade. Esse refúgio dos humanos é um dos legados da Grécia antiga, da qual Gerardo sempre foi enamorado, pois constata que no país dos mestres filósofos sente-se existe uma emoção até no ar. Parece que o ar da Grécia é diferente. Aquele céu azul de Atenas, as montanhas, o Olimpo, o Parnaso, o mar da Grécia, as ilhas são visões extraordinárias. E a língua é a mesma dos tempos em que Sócrates ensinava na ágora, em plena praça pública. O alfabeto e as palavras são as mesmas, com algumas modificações, como o português de hoje em relação ao português quinhentista. Gerardo chegou a pensar que a Grécia já não existia e que os gregos atuais eram quase todos descendentes de turcos e búlgaros. Mas, enquanto Galatea, sua amiga romancista, ganhadora do Prêmio Nacional da Literatura Grega, falava do seu glorioso país, e quando os filhos da romancista, Aquileus e Afrodite, lhe serviam vinho, teve a sensação de que a cultura grega permanece viva. Naqueles momentos de conversação erudita, na casa da escritora, em Atenas, encontrara a própria expressão “riuscita” de Croce. Galatea recordou que os gregos sempre foram escravos de outros povos e que só foram livres no século de Péricles. Porém, durante toda a sua história de servidão, os gregos sempre dominaram culturalmente e civilizaram os seus colonizadores. Gerardo menciona também o seu amigo poeta e editor grego, Gudelios, o qual acha desnecessário aprender outras línguas além do grego, pois julga que o Ocidente não fez grande coisa depois de Homero, Platão, Sócrates e Píndaro. De fato, um verdadeiro

poeta se encanta ao ver os templos e as linhas do mármore e ouvir a saga de figuras lendárias como Ulisses, o herói da Odisséia, Teseu, o herói do labirinto, Fidias, arquiteto do Partenon, e o tirano Hiparco, que mandava ler Homero em praça pública e que chamou a Atenas Anacreonte e Simônides para educarem o povo. Também aprecia na Grécia o fato de que, ao passear pelas ruas, constata que elas têm ainda os nomes dos grandes filósofos e poetas da antiguidade.

A Itália também tem o seu fascínio e guarda em sua cultura o berço da nossa civilização greco-romano-judaica. Também em Israel se encontram realidades de 2 a 4 mil anos que falam profundamente `a alma. Houve uma época em que Gerardo ia amiude `a Italia. Um dia, encantado com os esplendores da pátria de Dante, enquanto conversava com um dos seus filhos, o diplomata e poeta Gonçalo Mello Mourão, que lhe herdou o talento de escritor, e que na época trabalhava na Embaixada do Brasil em Roma, Gerardo chegou à conclusão de que o mistério da Itália, o encanto de todas as suas cidades, se deve ao fato de ser um país com uma história ininterrupta de dois mil anos. Nem os países anglo-saxônicos, nem Alemanha, nem França tem esses dois mil anos de história que ostentam o Lácio e todas as cidades da península italiana. E depois há o Renascimento, o triunfal retorno da Itália às raízes culturais da Grécia. Os alemães, os ingleses e os franceses são filhos da Idade Média, tempo em que seus países foram criados. Mas a Itália criou a Idade Média. Apesar das viagens que fez, Gerardo acha que tem viajado menos do que merece. Em algumas de suas peregrinações foi acompanhado por D. Lea, sua esposa. Ela foi com ele a Portugal e à Africa portuguesa, entre outros países. Ambos têm viajado à França, para visitar Gonçalo, atualmente Ministro-Conselheiro na Embaixada do Brasil em Paris. Entusiasmado com seus planos de continuar viajando, diz que viajar não apenas enriquece culturalmente como também ajuda a viver. Faz planos de ver a passagem do milênio em Paris. Na entrada do século XX houve uma festa imensa na capital francesa. A expectativa era de que o novo século seria de paz. E apesar do progresso técnico alcançado, com o avião, o telefone, o computador, o DNA, criou-se também a bomba atômica, a bomba de napalm e foram perpetrados vários genocídios. Mas, ao contrário do que divulgam algumas seitas escatológicas, Gerardo crê ser preciso esperar melhores dias neste novo milênio.

### Agruras nos bastidores da política

Antes da Segunda Guerra, o Brasil era uma colônia de banqueiros americanos e Gerardo optou por posicionar-se à direita, que organizava a luta contra o imperialismo americano. O nacionalismo exacerbado o levou à cadeia. Durante a guerra, no período de 1942 a 1948, foi condenado como

espião alemão, sem jamais ter espiado nada. Naquele tempo não havia nem lei para condená-lo. Foi condenado por decreto, fato inédito na história mundial do Direito Penal. Hoje, com tantas comissões e pen clubes de direitos humanos vê-se que o mundo de algum modo evoluiu. Como não havia lei para condená-lo, nem o Código Penal nem o Código Militar, nem a própria Lei de Segurança Nacional, que era um decreto-lei da ditadura, nada constituía fundamento legal para a sua prisão. Então, investidos de pseudo-autoridade, os ditadores e delatores da época criaram um decreto para condená-lo à pena de 30 anos e o recolheram durante o tempo que durou a ditadura. Quando acabou a ditadura, Gerardo entrou com um recurso e o Supremo Tribunal Federal anulou, por unanimidade, o nefasto decreto, tendo o Ministro Nelson Hungria considerado uma monstruosidade a condenação dos políticos da época por decreto, com efeito retroativo, e por um tribunal de segurança, que não era formado sequer por juizes. Aquela cretinice deveria ser revogada para salvaguardar a dignidade da justiça. O decreto era de 1 de outubro de 1942 e estipulava sua vigência a partir de 28 de janeiro de 1942, isto é, retroagindo 10 meses. Nunca houve no mundo, desde a Revolução Francesa, desde a codificação do Direito Romano, uma lei desse tipo. Constitui uma orientação universal do Direito o primeiro artigo de cada código estabelecer que a lei penal não pode retroagir. O primeiro artigo do Código Penal brasileiro e de todos os códigos do mundo estipula que não há crime sem prévia cominação legal. Ninguém pode ser processado e condenado senão em virtude e na forma de lei anterior. A forma é o Código de Processo. As ditaduras tornam possível toda sorte de abominação. Só quando acabou a ditadura foi que se anulou tal aberração.

O período da prisão foi literariamente fecundo. Escreveu e leu muito durante os cinco anos, dez meses e vinte e oito dias em que esteve preso. Faz questão de mencionar os dias, pois cada dia na prisão tem o seu peso e evidentemente é muito diferente de qualquer dia vivido em liberdade. Recordo o quanto sofreu nas mãos da polícia. Foi torturado. Entre outras atrocidades, arrancaram-lhe uma unha. Depois foi levado a um campo de concentração na Ilha das Flores, na baía de Guanabara. De lá para a penitenciária e depois para a Ilha Grande. Na época de sua prisão Gerardo estava casado com sua primeira mulher, que morreu no mês em que ele foi liberado. Ela morou com ele na Ilha Grande e o acompanhou todo o tempo em que esteve preso. Os presos políticos podiam morar com as famílias e lá o poeta morou, numa casa modesta. Estavam lá os comunistas, os integralistas, diversos presos políticos visados pela ditadura. Até o general Flores da Cunha, que tinha sido Governador do Rio Grande do Sul, também estava preso na Ilha Grande. Na prisão, os livros que lia eram censurados. Mesmo A Divina Comédia foi considerado um livro fascista, tal a ignorância dos falsos mandatários daquele tempo. A ignorância é a

característica de toda atitude autoritária. Contam que no tempo da ditadura militar confiscaram, na casa de um suspeito de subversão, um livro intitulado “Cubismo”, por acharem que o assunto era o regime de Cuba... Um delegado, que certamente relacionaria cubismo com o governo de Fidel Castro, e confundiria castrense com castrista, confiscou-lhe os originais dos livros “O Valete de Espadas” e “Cabo das Tormentas”, porque achou que fossem obras subversivas, obscenas e perigosas para a Segurança Nacional. Os originais foram restituídos depois pelo General Aduino Esmeraldo, cujo nome faz questão de citar, pois “assim como os nomes dos que destróem livros devem ser esquecidos, os nomes dos que os salvam devem ser lembrados”. Durante o tempo em que esteve preso os seus artigos foram publicados, sob vários pseudônimos, pelo amigo Jorge Lacerda, que mais tarde foi governador de Santa Catarina.

Terminado o regime de autoritarismo, candidatou-se a Deputado Federal pelo Partido Trabalhista Brasileiro e exerceu mandato de 1963 a 67. No meio do mandato o prenderam de novo e o soltaram depois por ordem direta do general Castelo Branco. Por imunidade parlamentar foi liberado, mas ficou ameaçado de morte. O próprio chefe de polícia, o general Krugel, que era compadre do seu sogro, na ocasião Senador e ex-líder do Governo Jango, o procurou e disse: “compadre, mande o menino embora, há um grupo de oficiais que quer matá-lo”. Ficou hospedado na casa do Deputado Paes de Andrade e já estava preparando a viagem para o Chile, via Trinidad e Tobago, naquele tempo o único vôo internacional partindo de Brasília, quando, de repente, o General Krugel apareceu na sua casa do seu sogro para avisar que Gerardo corria o risco de ser pego no aeroporto do Rio. “Daqui não o pegam porque eu boto ele dentro do avião, acompanhado por um oficial do Exército”, assegurou o general. Então, Gerardo saiu de Brasília com documentos falsos (com a carteira de identidade do Deputado Miguel Marcondes de quem era amigo) e foi até o Paraguai. Embarcou para Ponta Porã e atravessou a fronteira. Como no avião das Linhas Aereas Paraguaianas não havia lugar, só pode viajar para Assunção depois de mostrar ao piloto um maço de notas. De lá seguiu para o Chile. Foi uma temeridade, um grande risco para ele e para o seu amigo Miguel Marcondes.

A sorte do poeta nos bastidores da política não foi das mais venturosas: se durante a primeira ditadura foi perseguido como homem de direita, na segunda foi tido por militante de esquerda. Não lhe deram trégua. Havia apenas a distância uma geração entre o coronel que o acusou de nazista-fascista e o coronel que o considerou um dos mais perigosos comunistas do Brasil. Os pequenos ditadores de caserna não entenderam nada do ideal libertário do poeta, cujo único pecado cometido fora o de “adultério `a poesia”, nos bordéis da vida política, segundo seu próprio depoimento.

Viveu dois anos no Chile, como professor de Estudos Americanos na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Valparaíso, onde conviveu com alguns dos amigos da Santa Hermandad de la Orquídea e conheceu Pablo Neruda. Gerardo fala com entusiasmo da Faculdade de Valparaíso, situada sobre um rochedo, com vista para o Mar Pacífico. Trata-se da mais avançada de todo o mundo, onde os estudantes recebem sólida formação humanista e na qual Le Corbusier disse que gostaria de ter estudado. No primeiro ano se estuda Platão, Aristóteles, Homero, Pound, a poesia moderna, música, etc. Os alunos não frequentam salas de aulas, mas os ateliês dos professores. Ali Gerardo lecionou a história, a cultura, a literatura e a arte da América e teve a oportunidade de viajar pela América Latina, com poetas, arquitetos e pintores. Fez uma excursão memorável na companhia do poeta Michel Deguy, do filósofo François Fedier, provenientes de Paris, e do poeta inglês Johnon Bolting, procedente de Londres. Percorreu, com tal plêiade, os altiplanos bolivianos e a Patagônia. Em 1967 tomou parte em vários atos poéticos regidos em Londres e na costa do Pacífico pelo poeta Godofredo Iommi, integrante da Hermandad de la Orquídea.

Depois daquele período de exílio, retornou ao Brasil e se reintegrou à Câmara. Como a situação política estava menos complicada, pode terminar o mandato. Mas em seguida cassaram-lhe os direitos políticos. Então, foi trabalhar num grupo de revistas econômicas, com o amigo Osvaldo Peralva. Confessa que não sabia grande coisa sobre Economia, mas isto não foi um empecilho, pois, segundo seu parecer, os economistas, a exemplo dos sociólogos, também nada sabem. Unamuno dizia que o sociólogo é um sujeito que não sabe nada, e quando sabe é a posteriori. O trabalho dos sociólogos é só estatística. Saber o número de pessoas que fazem determinada coisa e o que fazem não chega a constituir uma verdadeira ciência, porque é secundária toda informação sem um embasamento humanista. Gilberto Freire e Guerreiro Ramos se indignavam quando os chamavam de sociólogos. Consideravam-se “antropólogos do cotidiano e não das estatísticas.” Notei que dizia pouco entender de temas econômicos por modéstia, pois em seguida começou a comentar alguns problemas econômicos brasileiros, tendo afirmado que os salários baixos, a renda concentrada e os juros altos são as causas da inflação e que é inútil tentar corrigi-la sem eliminar estas causas. Tentar corrigir a inflação é corrigir os efeitos e não as causas do problema. E aduziu que ancorar a moeda ao dólar beneficia apenas os especuladores da moeda estrangeira.

Depois da experiência no campo árido das revistas econômicas, trabalhou no jornal A Folha de São Paulo, tendo naquele período viajado por toda a Europa e a Ásia, na condição de jornalista. Ficou dois anos e meio no mundo asiático. Depois visitou o Canadá e outros países.

Apesar do que sofreu pela simples coragem de ser autêntico, a

irreverência sempre foi uma característica de que não abre mão. Ouvi-o contar um caso em que terminou mandando à p.q.p. um sujeito que se atreveu contradizer-lhe frontalmente uma afirmação sobre a qual tinha absoluta certeza, o que desafiava a veracidade do que dissera. Aquele atrevido o chamara indiretamente de mentiroso e sua reação incontida foi despachar o cidadão para aquele lugar... Nesse mesmo sentido, para que se tenha idéia da agilidade com que não deixa passar determinadas asneiras do bestinário da mídia nacional, não deve passar despercebida a carta que escreveu ao diretor da Biblioteca Nacional, o escritor Eduardo Portela, a propósito da publicação, no jornal O Globo, de uma lista dos pretensos vinte poetas brasileiros destinados à sobrevivência neste século. A reação de diversos amigos que lhe telefonaram a propósito de tal irrisão o estimularam a manifestar o seu protesto contra aquela "afoiteza e tolice discriminatória e enganadora, publicada sob a égide da Biblioteca Nacional". Expressou sua indignação contra o tal recenseamento dos poetas dizendo que querer implantar uma relação oficial de poetas brasileiros era uma impostura fascista, comuno-stalinista e arrogante. Tal lista fazia lembrar os "cretini fosforescenti" de Marinetti. Mencionou os nomes dos grandes escritores dos quais recebeu consagração, como Jorge Luis Borges, Octávio Paz e Ezra Pound, entre outros no Brasil e no exterior. Lembrou que quando esteve preso foi visitado algumas vezes por Albert Camus que o advertira de que poetas não devem meter-se em política, sua função seria apenas sofrer a história. Mesmo assim não deu ouvidos ao filósofo. Lembrou ainda (ou esclareceu a Eduardo Portela a verdade dos fatos) que na ditadura de Getúlio Vargas não foi condenado por nenhuma lei, nunca compareceu diante de nenhum juiz, nem para ser interrogado nem para ser julgado ou condenado. Foi a condenado por um decreto que retroagiu 10 meses. Preso novamente em 1964, o Conselho de Segurança Nacional escrevera o seguinte no texto de sua cassação: "um dos mais perigosos comunistas do Congresso, porque, ao contrário dos outros, que são geralmente burros e incultos. Este é uma das maiores inteligências e certamente a maior cultura do país". Como se vê, a consagração dos críticos do Conselho de Segurança foi a um equívoco, ironiza. Declara ainda que se orgulha destes fatos de sua biografia, pela riqueza da aventura humana que tem sabido viver "para que a vida seja menos curta e mais fecunda" E aduz: "não me arrependo de nenhum comportamento de meu surpreendente passado. Dele só tenho recebido compensações espirituais duradouras e generosas e até louvores de quem os pode dar, por uma inegociável fidelidade ao culto da honra, herdado de velhos e reiuões Mellos e Mourões do tempo antigo". Diz por fim que renuncia a figurar em listas e antologias em que seu nome e sua obra fiquem expostos a promiscuidades infecciosas, porque, afinal, burrice também pega. " ... As ditaduras sempre fizeram suas listas oficiais de escritores. E a primeira

vez que se vê uma lista organizada por suposto sufrágio universal. Parece que o Ratinho, a Xuxa e outros menos votados estão entre os sufragantes".

### Algumas Reflexões Existenciais.

A noção de monoteísmo adquirida no seminário não entra em choque com a sua posterior formação politeísta clássica. Nossa religião judaico-cristã foi uma coisa rara nos povos antigos. Era um monoteísmo com as três pessoas da Santíssima Trindade. No entanto, a divindade grega era uma só (o que muita gente não entende). Em vez de 3 tinham trezentos, mas havia o culto de um deles em cada cidade, de acordo com a escolha da respectiva população. Havia os heróis que se elevavam e se tornavam semi-deuses, participantes da divindade, representantes do gesto criador da humanidade. Quanto à distribuição de funções, também no cristianismo existe tal peculiaridade. O Espírito Santo é responsável por determinadas tarefas, o Verbo Encarnado, o Cristo Jesus é o medianeiro entre o Pai e a humanidade. Assim também, entre os deuses gregos, cada um tinha a sua missão: o deus da música, o da guerra, o do comércio etc, sendo que Deus era Zeus. Eram 300 pessoas distintas num só Deus verdadeiro. A religião cristã e as religiões do Ocidente de um modo geral são judaico-cristãs. Resultam da revelação das verdades pelos profetas. As outras foram adivinhadas nos tempos aurorais, caminhando nos mitos que fazem a história e a verdade. Mas o mito é a origem de tudo, o ovo, a grande nebulosa dos tempos. Tudo nasceu dos mitos. Eles são precursores das coisas, como Apolo foi precursor de Jesus Cristo na consciência e no sentimento do homem. Portanto, não é tão difícil conciliar o paganismo antigo com o monoteísmo. A própria religião católica nasceu do sincretismo cultural formulado por seus primeiros teólogos.

A felicidade é irrelevante para quem veio ao mundo para fundar alguma coisa, pois este é o propósito da vida. Parece sem sentido fazer tal pergunta a um navegante que atravessou tormentas durante meses e foi recebido a flechadas. A alegria interior de estar fundando alguma coisa não tem nada a ver com o conceito burguês, comum, de felicidade, que é algo como o prazer de trocar de carro e ter várias televisões para assistir novelas e programas de auditório. A seu ver, a própria religião cristã não é uma religião de felicidade, é uma religião agônica. O Cristo agoniza perpetuamente, até o fim dos séculos e o homem cristão é aquele que agoniza no Cristo diariamente. Tudo é uma agonia porque a vida na terra é assim, marcada sempre por um desejo e o desejo é sempre uma prisão. Só se chega à felicidade eterna no paraíso, quando não se tem mais desejos. Quando Dante comea sua viagem, vai entrando nas sombras do inferno, guiado por Virgílio, em busca de entender-se, realizar-se, felicitar-se. Aparece então uma figura de mulher bonita e pergunta a Virgílio, quem é

esse sujeito que ousa entrar nestes reinos de onde não se volta? Era a bela Beatriz. Virgílio não diz o nome de Dante. Diz apenas: “Libertava cercando che si cara comesa che per lei vita rifiutae”. “Esse é um sujeito que está buscando a liberdade, que ele sabe que é tão cara que até recusa a vida por ela”. Porque tudo aqui na terra está na escravidão dos desejos humanos, a liberdade é a extinção dos desejos, o nirvana. E quando Dante chega de seu turismo patético nos três outros mundos, (inferno, purgatório e paraíso), no último canto do paraíso, quando lhe é dado contemplar a visão beatífica de Deus, aparece o fulgor da divindade, e então ele diz: “l’ardor del desiderio in m’e fini”. (Acabei em mim o ardor do desejo). A liberdade é obra nossa, mas aqui no plano terreno, só depois desta vida. E esta vida tem que ser construída para se chegar a uma vida onde se tenha liberdade. Para o místico, a compreensão de que há uma plenitude na vida pos-terrenal já é uma espécie de felicidade, de êxtase. É a única felicidade possível, a única coisa que nos conforta, senão estaríamos mergulhados no desespero. E nessa esperança se está pre-vivendo a liberdade. Para algumas pessoas, os místicos que mergulham na fé, essa esperança pode se tornar uma certeza. Santa Tereza dizia “me muero porque no muero”. No livro *A Invenção do Saber*, Gerardo afirma que “o saber não conduz o homem à felicidade paradisíaca, mas ao contrário, o lança no caminho permanente de uma peripécia de perigo, a uma coexistência com a aflição e com a tragédia.”

### Opiniões críticas.

Creio poder aplicar a poesia de Gerardo Mello Mourão a seguinte definição: é como a erva do beduíno. Amarga como a vida, forte como o amor e suave como a morte. Com esta verdade concordaram os mais importantes poetas e críticos literários brasileiros, entre os quais Alceu Amoroso Lima, Augusto Frederico Schmidt, Jose Lins do Rego, Adonias Filho, Graciliano Ramos, Anibal Freire, Murilo Mendes, Waldir Ayala e outros de diversos países, escreveram ensaios sobre a obra de Gerardo Mello Mourão. Inclusive o grande Ezra Pound também lhe escreveu elogiosas cartas. Disse-lhe Ezra Pound: “Em toda a minha obra o que tentei foi escrever a epopéia da América. Creio que não consegui. Quem conseguiu foi o poeta de “O País dos Mourões”.

Pelo renome internacional de que desfruta, chegou a ser indicado pela Universidade do Estado de New York para receber o Prêmio Nobel de Literatura, tendo várias universidades brasileiras e estrangeiras subscrito a indicação. Ninguém melhor para emitir uma opinião sobre um poeta que outro poeta da mesma estirpe. Então vale a pena citar as palavras de Carlos Drummond de Andrade sobre o livro *Peripécia* de Gerardo: “Leio, releio, me entusiasmo a cada momento. Declaro-me possuído de violenta admiração por esse imenso, dramático e vigoroso painel, que atestara sempre a

grandeza singular e a intensidade universal de sua poesia.”

Sobre Cabo das Tormentas, um de seus primeiros livros, editado em 1950, José Lins do Rego disse ser “o livro da carne aflita, o canto de uma criatura que sente as belezas da terra e, em vez de se contentar com os deleites dos sentidos, põe-se a cantar como um Salomão, com a cabeça na cinza do borralho. ...Li este seu livro de um fôlego, sentindo nos seus versos que ali não existem somente as palavras procuradas para a riqueza de um ritmo de balanço sobre o abismo, existem as palavras que são, verdadeiramente, o serviço de um mago da dor, da alegria pecaminosa, da redenção desejada, mas perdida. Este poeta sabe que as palavras carregam a vida eterna. E das palavras se serve para nos alarmar e nos encantar”. A respeito do mesmo livro disse Augusto Frederico Schmidt: “Não posso deixar passar mais um momento sem transmitir a viva emoção que me deram os seus poemas. É um poeta autêntico... De quantas coisas invisíveis os seus poemas me deram o conhecimento”.

Vale a pena citar aqui a resposta de Gerardo a um comentário de Tristão de Ataíde, que classificara o seu romance *O Valete de Espadas* como obra satânica e panfletária de um monge apóstata. Gerardo justificou o livro, em carta a Tristão de Ataíde, no ano de 1955, mostrando que o seu dramático romance não era obra de apóstata mas resultado “da irresidência de um pecador sobre a terra, ou da distração do homem de si mesmo e de Deus.” E elevando a discussão teológica a um nível mais amplo de compreensão, indagou: “Estará talvez a apostasia na passagem escatológica da prostituição? Ou não terá lido o caro Mestre o episódio onde o ludíbrio do Arlequim estabelece o verdadeiro templo do demônio naquele que deverá ser o Templo do Espírito Santo?”. Quanto às palavras usadas, declara que elas estão no dicionário e que “não escreve apenas para as meninas de Siao”. Com relação ao caráter panfletário, esclarece que o livro não é nenhum libelo agressivo ou infamante. Em sua réplica, Tristão de Ataíde se retrata dos termos de seu texto e do juízo temerário que fizera do livro e do autor. Reconhece nele “uma alma de abismo”. “Tertuliano já dizia que o demônio era o “*Simius Dei*”... Não me espanta, por isso, que eu tenha confundido uma alma angustiada, em crise, em um livro terrível e por isso mesmo absolutamente fora do comum, com uma alma marcada pelo Anjo rebelde”. O livro em verdade o impressionara profundamente. Sentira “cheiro de enxofre nas suas páginas dantescas”, e não vira que havia “uma alma em luta contra o Anjo, como Jacó, mas não em sonho, na vigília”.

Concluo esta mini-biografia comentada do poeta Gerardo Mello Mourão, incluindo aqui o poema intitulado “Peripécia de Gerardo no País de Apolo”, que lhe dediquei em 1986, no meu livro *A Quintessência do Enigma*:

Gerardo Mello Mourão, a bordo de um batel sem âncora,  
o Sol em Capricórnio, a Lua em Touro,

navega em águas belas,  
praticando a disciplina da estética.  
Escande o ritmo da aurora,  
aurora de Ipueiras.  
É um profeta, oráculo intemperante,  
enfeitiçou os querubins,  
respirou a violeta divina,  
no pomar, no sacro bosque,  
escoltado pelas andorinhas,  
em peripécias e proezas decifrou a esfinge do labirinto,  
colheu orquídeas, romãs, tangendo a lira  
à sombra do jasmineiro.  
Encantou alcatrazes,  
é um mago,  
feiticeiro viajando no relâmpago,  
pegureiro nos penhascos da Tessália,  
foi transportado na angra diáfana,  
o Zéfiro nas noites perigosas era o alazão de Andrômeda,  
pégaso da relva eólia,  
flanava no ar como as palmeiras do País dos Mourões.  
Dolorido de cláustros,  
verteu cântaros, fochos de prata e madrugadas,  
pendia das falésias,  
menestrel da aurora,  
aurora de Ipueiras.  
Discípulo de Apolo, decifra o presságio,  
vislumbra os umbrais da tarde,  
translúcido tormento que transcorre nas miríades,  
saboreia a cereja celestial,  
sopra a flauta evanescente,  
íncola das trevas, andarilho das cidades turvas,  
Gerardo sente a brisa fervorosa circulando o chão do apocalipse  
vertiginoso vôo! Profetizando feéricos frêmitos  
aos céus de Mecejana,  
vê as deslumbranças de magnitude precipitando-se  
sob a égide dos hiperbóreos,  
a sombra das oiticicas,  
trescalante vento fluvial.  
Alecrins, baunilhas, plátanos emergem das antífonas eclosivas,  
sazonando pitangas, lótus, girassóis e os pêssegos do outono. Os  
olhos de aedo pranteiam,  
reverberam conchas de labaredas, engendram fúrias eríneas  
e formas aladas.

Sua voz ressalta capricórnios de fogo no azul da Ibiapaba.  
O viajante do ignoto percorre a Grécia  
guiado pela mão de Artêmis,  
à procura de Eleutheria, colhendo cidras e maracujás  
nos áridos Inhamuns e além das plataforma de Copacabana,  
palmilhando os montes de Vênus,  
observador dos firmamentos, jardineiro das madressilvas, citarista e  
cantor da liberdade nos ares de Delphos.  
Esoterista dos arcanos em diálogo com as potestades,  
festejado pelas musas helicônias,  
anunciando a ressurreição de Apolo  
na aurora de Ipueiras.

## **DEMÔNIO ILUMINADO: (Pensamento e vida de José Alcides Pinto)**

### **Breves palavras à guisa de introdução:**

Dos doidos poetas amigos meus, o mais genial é José Alcides Pinto. Em verdade, não são doidos sem razão, mas na excentricidade, na coragem e até na inocência com que vivem num mundo de rapina e raposa. Numa sociedade em que a mesquinhez sobrepuja as boas intenções, os poetas são como as crianças que no Evangelho o Mestre recomenda imitar para merecer o reino do céu. Em face da hostilidade da civilização contemporânea, louvar os visionários da poesia, os eleitos da inspiração e uma forma de reconhecer que o mérito daqueles que nos ofertam os

prêmios da arte e as benesses do encantamento.

Haverá quem duvide de que o mundo precisará sempre dos artistas? Que o ideal do belo e o diálogo com a essência serão sempre imprescindíveis ao espírito? No estágio atual de evolução da humanidade, como em todos os tempos, há sempre carência da íntima viagem do sonho e da estesia. Em meio a tantos desmandos, a voz dos poetas há que se manter audível, no cumprimento da missão de resgatar valores humanistas e realçar o valor de quem se alimenta de ideais e princípios eternos. Nesse ponto, paródio Vinícius de Moraes: os muito pragmáticos que vão pro inferno, mas o lirismo é fundamental. José Alcides Pinto é um poeta cuja dedicação e serviços prestados a causa da poesia merecem destaque. Com uma obra que abrange todos os gêneros literários e que soma mais de uma centena de livros, em que se realçam a criatividade, o estilo inconfundível, a marca pessoal de uma visão própria da realidade humana, José Alcides Pinto se tornou uma personalidade admirada e cultuada, não apenas pela intelectualidade cearense e brasileira de sua geração, mas sobretudo pelos jovens escritores, sempre sequiosos de novas idéias e de autores cujo processo de criação literária apresente o maior suporte possível de experiências inovadoras.

Este livro foi planejado na viagem que fiz com José Alcides Pinto à sua fazenda, “Terras do Dragão”, durante dois dias que passei no sertão ouvindo e anotando as idéias que aqui publico. Na ocasião, conversamos sobre sua maneira de entender o mundo e o espírito, e recordamos momentos de nosso convívio diário na década de 80, quando dialogávamos diariamente e mantivemos proveitoso intercâmbio de idéias. Os dados biográficos de José Alcides Pinto, aqui divulgados, me foram transmitidos diretamente por ele. Contudo, a interpretação dos seus pontos de vista e dos textos citados reflete minha absoluta visão pessoal. Preservarei ao longo do livro a abreviatura do nome do poeta, utilizando às vezes as iniciais para nominá-lo nos capítulos que se seguem.

### **O encontro com Jap e outras peripécias.**

Fui apresentado a Jap por meu pai, em 1978, na fazenda do poeta, que se chamava “Equinócio”, no município de Acaraú, onde José Alcides decidira residir com o objetivo de se concentrar para escrever alguns livros. Como explicarei na sequência deste livro, Jap havia abandonado a cadeira de professor universitário para dedicar-se exclusivamente à literatura e havia decidido abdicar da vida urbana para melhor se concentrar em seu trabalho literário. Lembro-me da figura magra, do perfil aquilino, do bigote exótico e dos gestos sempre agitados, falando com tal velocidade que não se consegue entender bem tudo o quanto diz, e simpatizei de pronto com aquele tipo que me pareceu original, bem humorado e alvoroçado. Jap

ofereceu uma dose de cachaça a meu pai, e a garrafa foi trazida por uma jovem camponesa, que o poeta nos apresentou como sua nova musa. Segundo nos confidenciou, estava submetendo a musa a um estágio para testar os seus talentos de propiciadora de inspiração e de cozinheira. E arrematou o assunto dizendo, “pois é, poeta é assim, não pode ficar sem a companhia de suas musas”.

No dia em que o conheci Jap estava vestido de branco, pois, conforme explicarei adiante, já havia pago a promessa de vestir por um ano o hábito franciscano. Apresentou-me meu pai nos seguintes termos: “o meu filho também é poeta”. Alcides olhou-nos e disse, com a agilidade mental que o caracteriza: “é poeta? Então é um homem iluminado!” Senti-me desde aquele tempo, atraído pela força carismática de Jap, sua obsessão literaria, sua personalidade insólita, capaz de exaltar-se e de denegrir sua auto-imagem em poucos segundos, seu humor pornográfico, suas peripécias e aventuras, sempre fascinantes e dignas de admiração, podendo provocar pasmo ou repugnância por parte do aprendiz que dele se aproxime. O fato é que Jap não pode ser considerado um cidadão comum. Sua simplicidade singular, suas atitudes controvertidas, o costume de mudar de casa praticamente cada dois anos, os casamentos e os filhos que tem com diversas mulheres, enfim toda essa itinerância, essa inquietude que o faz fecundo na obra como na prole, e que o anima a escrever ininterruptamente, num intenso e constante processo de produção literária, tudo isto prova que a monotonia nunca foi uma característica na vida de José Alcides Pinto.

Recordo que o poeta Rogaciano Leite Filho, querido amigo precocemente ceifado da vida, costumava contar, com muita graça, o seu primeiro encontro com Alcides, rindo muito porque visitou o poeta cerca da hora do almoço, e ao tentar se despedir, disse que em casa o estavam esperando para almoçar. Então, Jap lhe disse: agora não, e colocou um cacho de bananas sobre a mesa e falou aos brados, como se desse uma ordem, “comei, poeta, saciai a vossa fome!” Depois encheu-lhe os bolsos de bananas, para a perplexidade do visitante.

Alcides diz que sua singularidade é devida ao sangue nômade de cigano, dos seus ancestrais. Lembro-me agora de dois episódios engraçados acerca da personalidade excêntrica de José Alcides Pinto. O primeiro, contado por Francisco Carvalho, o qual, quando foi à casa de Alcides notou, entre outras coisas esdrúxulas, que a porta estava escorada com o Aurélio, faltando várias páginas. O segundo me foi recordado por Natalício Barroso, que conta que Alcides, como prova de amizade, oferecia sempre sua casa aos amigos, para o caso de necessitarem de levar alguma companhia feminina para passar a noite. Tinha um quarto reservado nos fundos da mansão da rua Rodrigues Junior, para tais emergências. E lembrava ainda que haveria café da manhã pronto, no dia seguinte, como

num verdadeiro hotel. Alcides sempre fez questão de demonstrar sua aversão a tudo quanto é convencional. Por isso costuma dizer: quem quiser gostar de mim, goste como eu sou, quem não gostar, vá pra baixa da égua.

Depois do primeiro encontro na fazenda Equinócio, tornamo-nos amigos e quando Jap voltou a residir em Fortaleza, costumávamos ir à praia cotidianamente para conversar sobre literatura. A companhia do Alcides sempre me divertiu e instruiu. Exceto quando estava em crise existencial por causa de alguma mulher ou por motivo de saúde. De resto, o poeta conservou sempre o senso de humor irreverente, capaz de fazer-se auto-elogios ou comentários depreciadores a si mesmo, capaz de conversar com toda mulher que via na praia, revelando-se um incansável e renitente paquerador. Distribuía cartões com o seu endereço, pedindo-lhes para visitá-lo, pois assim ganhariam um livro, tomariam um café, assistiriam televisão, etc. É que morava só, numa casa imensa na Aldeota, onde, se quisessem, as musas poderiam também ficar para dormir... Eu via na insensatez do amigo uma graça especial. Como ele dizia, persuasivamente: “sou escritor e vivo só, venha conhecer minha obra ...” Com isto foi visitado por muitas mulheres de todas as idades e construiu para si a boa fama de Casanova, que logo se espalhou pela cidade. Acompanhava-nos as vezes o professor Jarbas Júnior, que durante certo período andava fazendo exercícios espirituais, submetendo-se a rígidas disciplinas e austeridades, fruto de suas pesquisas no campo do esoterismo e do hinduísmo. À maneira dos gurus de Índia, cuja biografia havia lido, decidira não mais comer carne, nem ingerir bebida alcoólica e fizera voto temporário de castidade, com o intuito de purificar-se das vibrações mundanas, método que, para Alcides, não fazia o menor sentido. Essa nova conduta do Jarbas era motivo de zombaria por parte do Jap. Era divertido observar que, enquanto eu e o Jarbas olhávamos a paisagem do litoral, as nuvens, a linha do horizonte, Jap chamava sempre nossa atenção para o corpo das mulheres deitadas na areia, e com seus comentários galhofeiros, dizia “que bunda cor de canela!”. Citava um poema do seu Relicário Pornô: “da prima vagabunda louvo a bunda”. Em seguida, recordava Camões: “Bramindo o negro mar de longe ouvia/ como se desse em vão n'algum rochedo”. E declamava depois uns versos de Gonçalves Dias: “Oceano terrível mar imenso!/ de vagas procelosas que se enrolam,/ floridas, rebentando em branca espuma de um polo a outro polo”. Depois, erguendo os olhos, dizia: “só o mar apagará a tua insensatez”. Súbito retornava à dimensão terrena e contemplava as mulheres de braços sobre a areia -- “contemplai ó poetas, a bunda dessas ninfas!”, exclamava heroicamente. Da inspiração colhida nos passeios pela costa cearense escreveu o poema “Sensualismo”, que começa com o seguintes versos: “vou comer a bunda dela/ que bunda cor de canela!” Passando rapidamente do terreno do erotismo para o campo do lirismo, recitava Castro Alves: “Cansado inda do dilúvio,/ qual Tristão

descomunal,/ o continente desperta/ num concerto universal”. Recitava caminhando pela praia e enaltecendo a genialidade do poeta condoreiro: “Quem sempre vence é o porvir”. Via nos versos do grande bardo bahiano um hino triunfal em louvor da cultura e da civilização: “O livro, esse audaz guerreiro/ que conquista o mundo inteiro/ sem nunca ter Waterloo”/. “Gosto de andar acompanhado por uma coorte de malditos iluminados, uma casta legião de poetas”, reiterava o bardo. E exclamava, afirmando sobre si mesmo: “ô macho culto, esse José Alcides Pinto é um gênio, esse puto!”.

Lembro-me de que, na volta da praia, com o calor abafado que ficava no carro, o poeta jamais sentava de imediato no banco quente. Esperava sempre alguns minutos com o automóvel de portas escancaradas até o ar entrar e refrescar os assentos. Apesar da vida sexualmente dissoluta, o poeta não negligencia os cuidados com a saúde. Para cuidar dos males da coluna ia nadar na piscina olímpica do Náutico Atlético Cearense. Obtinha, com o Avelino Dutra, um dos diretores do clube, dois permanentes que nos davam direito a frequentar a piscina, sem a obrigação de nos associarmos. Essa regalia era paga com livros autografados, que oferecia aos diretores do clube.

Nossos amigos comuns têm muitas histórias engraçadas sobre o Alcides. Uma delas me foi contada pela amiga Maria Auxiliadora, mais conhecida pela alcunha de Dorinha. No dia em que o viu pela primeira vez, nas imediações da Praça do Ferreira, no centro de Fortaleza, Dorinha o conhecia apenas de nome e de fotos no jornal. Pois quando passava pelos redutos de paquera do Alcides, foi notada pelo fauno-poeta, que ao vê-la se desdobrou em galanteios, como costuma fazer a todas as mulheres bonitas que passam. Falou o seguinte: “que coxinhas bonitinhas, grossas!” Ela olhou para trás e o reconheceu. E disse: “Ah é o José Alcides, só podia ser o poeta pornô, que tem fama de sem-vergonha, mas não pensei que ficasse elogiando todas as mulheres em plena rua!” Alcides gostou de sua franqueza e logo se tornaram amigos.

### **Irreverência e ceticismo**

A irreverência de José Alcides Pinto se verifica na vida como na literatura. São famosas as polêmicas que manteve com alguns escritores, cuja atitude desleal numa crítica ou comentário pejorativo feriram sua sensibilidade e despertaram suscetibilidade. Sempre respondeu às críticas ferinas com palavras duplamente mais pesadas e mais sarcásticas que as dos ofensores. Jamais hesitou em dizer o que pensa de quem quer que seja, ainda que se trate de uma autoridade política ou policial. Declara, por exemplo, que a maioria dos secretários de cultura que o Ceará teve foi gente incapaz de exercer a função. Com excessão de uns poucos como o

Joaryvar Macedo e o Eduardo Campos, “a maioria realmente ficou pendurada nos cabides oficiais e não quer nada com literatura e nem qualquer tipo de arte. São apenas maus políticos”. A verdade é dura, mas irrenunciável. “Toda vida consciente é uma revolta”, cita Albert Camus. Como polemista impiedoso demonstrou que muitas críticas que recebeu foram feitas apenas por inveja e decidiu respondê-las à altura. Alguns dos mais renomados autores da província e de outros estados engrossam as fileiras dos que passaram pelo crivo rigoroso da represália do Alcides. Bem feito, quem os mandou se meterem a bestas. Pra que foram pisar na asa do anjo maldito? O castigo não tardou. “Não trago desaforos para casa, já que não os levo para a rua”.

Exemplificam a virulência da verve alcidiana os poemas que retratam o tema da injustiça social. A indignação diante da miséria humana e da hipocrisia com que a burguesia tenta justificá-la suscita a sua mais veemente invectiva. No “Poema da Moral Exigida”, do livro Poeta Fui, Ora Direis, escrito sob o signo da irreverência e da ironia, o poeta apresenta um plano iconoclasta e revolucionário para subverter a falsa ordem. Propõe um anarquismo delirante como protesto pela condição absurda da sociedade. E com a voz do inconformismo, comanda o enforcamento das autoridades e até de alguns dias da semana... Confessa e reconhece o ceticismo de sua ideologia: “de nada adiantaria/ surgiriam novos tiranos/ novos parlamentares corruptos/ com cara de veteranos”.

O ceticismo que o impulsiona à irreverência e a ironia provém de sua compreensão de que a humanidade evoluiu no sentido do mal. Sua forma de interpretar o comportamento humano através da história constitui uma chave para a interpretação de sua obra literária. Durante a viagem que fizemos a fazenda Terras do Dragão, onde o poeta se refugia para meditar e escrever, Alcides falou-me de suas idéias sobre diversos aspectos da realidade humana. Segundo seu entendimento, o que vemos diariamente, em todas as classes, em todo o mundo, mostra que o homem não está caminhando no sentido do bem. Observamos em toda parte o sofrimento causado pela ganância e pelo ódio, onde deveria prevalecer o bem, que é um patrimônio público subtraído da maioria pela minoria que detém o poder econômico. A natureza é boa, mas os homens não a imitam. Nisso consiste a beleza e a tragédia do mundo, pois se a humanidade fosse toda conduzida para o bem, tudo se transformaria num paraíso, sem que o homem tivesse méritos para tanto. Há necessidade de que o mundo seja composto do bem e do mal. Essa disparidade sempre existiu desde os tempos mais antigos, desde o tempo da escrita ideográfica e mesmo antes dela, mas segundo entende Alcides, naquelas épocas os homens eram mais felizes, porque não havia outras opções ou ambições. O homem vai-se transformando com a evolução, mas não difere do animal em termos de defender-se e procriar. E revela uma maldade natural mais aguda que a dos

animais inferiores, pois impõe sua força, como um ditador, contra os menos favorecidos. O homem se tornou escravo da própria ciência, por exemplo, no emprego da força atômica. Egoísta e perverso, sua idéia de dominação do outro parece que não vem do homem primitivo, pois este direcionava sua força física e mental para dominar as feras e sabia harmonizar-se com a natureza. O homem contemporâneo, como não tem mais feras para dominar, volta-se contra o semelhante e o agride gratuitamente. Além disso não tem o sentido da eternidade, a não ser o do poder e do dinheiro; o do egoísmo e do sexo. Já no tempo do Império Romano, os reis, os grandes ditadores, criaram muitas instituições perversas. Durante os pagodes de Roma, por exemplo, que são uma das fontes do catolicismo, os cristãos eram atirados à cova dos leões, enquanto a platéia bebia vinho e dava gargalhadas. E eles sabiam que era um cristão, que tinha uma alma e um corpo igual ao deles. Por isso Jap acha que o mundo evoluiu e involuiu paralelamente, sendo que a involução foi maior que a evolução. Acredita que as duas bombas atômicas que os americanos jogaram sobre Hiroxima e Nagasaki, matando milhões de crianças, velhos, mulheres num minuto, criou um estigma no mundo que ninguém pode apagar jamais. As bombas não se justificam como fator de interrupção da guerra como querem explicar os americanos. Uma matança, um extermínio de tal enormidade é diferente de uma matança gradual durante uma guerra convencional. É possível que a guerra terminasse aos poucos sem a necessidade de apelar-se para a bomba atômica. Hitler não podia ser eterno. Era um homem, não era o anticristo. A existência do anticristo é uma figura de retórica. Ele era um perverso, com um exército altamente bem equipado, com uma disciplina extraordinária. Mas o mundo apavorado com o nazismo só encontrou essa saída, que no entanto não foi correta.

A humanidade precisa se conscientizar de que existe um Espírito Superior regendo o universo. Os homens deviam imitar o exemplo das abelhas e dos pássaros, que trabalham de forma harmoniosa. Deveria haver entre os homens o verdadeiro espírito de humanidade e de despreendimento. Só assim poderemos ver nos astros e nos animais o espírito divino. Enquanto não houver essa consciência, essa fraternidade que deve ser universal, não haverá paz no mundo. Se é possível a guerra, porque não é possível a paz? Os homens precisam se humanizar, seguir as escrituras. Se se adotasse a quarta parte da sabedoria que o Cristo deixou no mundo não se desprezaria o espírito. Seríamos mais solidários, mais dignos, mais tementes a Deus, pelo exemplo que o Cristo deixou na Terra e pelo próprio exemplo do universo. O universo é um todo orgânico onde reina a paz. Nele não há guerras, só harmonia. Diz Teilhard de Chardin que Deus é uma espiritualidade cósmica em expansão. O Deus que se encontra em expansão somos nós mesmos, os seres humanos. Mas o problema é que nem sempre evoluímos, pensa Alcides. E, segundo acredita, o sexo não é a

causa dessa involução. O sexo é integração do espírito. Ele só se torna um instrumento de regressão quando o homem o vulgariza, vulgarizando-se a si mesmo.

### **O Ceará, a natureza e o mundo.**

Quanto à influência da cultura regional em sua literatura, Alcides declara que a fidelidade às raízes e à paisagem cearense é a referência pela qual exprime a universalidade em sua obra. A fauna, a flora e a paisagem cearense estão presentes de forma marcante em sua poesia e em sua ficção. A infância é o fator preponderante na formação de todo indivíduo. Em qualquer país, época ou regime social, a infância é a matéria-prima de qualquer escritor. Ela acompanha toda a trajetória do homem. A realidade social e geográfica do Nordeste brasileiro são elementos que ressaltam em sua obra. O Nordeste, região de contrastes, carregada de mitos, de símbolos e do sobrenatural, produziu grandes poetas, como Padre Antônio Tomás, José Albano, Manuel Bandeira, Ascenso Ferreira, e grandes líderes espirituais como Frei Damião, Padre Cícero e Antônio Conselheiro, entre outras figuras que transpiram religiosidade e que estão presentes na arte alcidiana. “Esta paisagem sou eu, é a minha vida, são meus olhos, meus sentimentos, minhas recordações, que se transformam na minha criatividade literária, na poesia e na ficção que escrevo. Se eu não tivesse nascido em São Francisco do Estreito, no Ceará, jamais teria escrito *O Dragão*, *João Pinto de Maria*, *Biografia de um Louco* e *Os Verdes Abutres da Colina*”. A geografia do Estado está retratada em *Acaraú*, *Biografia de um Rio*. Jap carrega dentro de si imagens do ambiente místico e mítico de sua infância, a paisagem do rio Acaraú, os trabalhadores das vazantes, das plantações. Sua experiência fundamental está no âmbito sertanejo. Seu veio telúrico adquire proporções mágicas em “*Acaraú, Biografia do Rio*”, onde, segundo o crítico José Lemos Monteiro, Jap pretende antropomorfizar o rio a partir do próprio título. Segundo o autor de *Universo Mí(s)tico* de José Alcides Pinto, um dos fatores principais da tendência ao fantástico e ao sobrenatural na escritura de Jap provém das experiências vividas em sua infância, no ambiente de penúria e catástrofe, em que o sertanejo é vítima de secas e enchentes arrasadoras, tragédias que tornam o sertão uma região mística, palco do fanatismo, da desolação e da insegurança que fundamentam o pensar de Jap. Tão absurdas e terríveis imagens, gravadas em seu subconsciente, o convenceram da impenetrabilidade do mistério e da vulnerabilidade do ser humano. E diante de sua insegurança e fragilidade, resta ao ser mortal o mergulho no absurdo, no irreal. Em consequência disso, nos romances que escreveu, a paisagem se transfigura através da satanização do ambiente: a serra do Mucuripe é caracterizada como um antro de abutres demoníacos que sobrevoam o povoado à procura

da carniça dos mortos, vítimas da fome ou das enchentes. Assim, os pecados, as debilidades e os flagelos humanos são retratados em seus romances através da caracterização dos personagens. O vício sórdido da avaréza é focalizado na figura de João Pinto de Maria, que após uma vida aviltante e mesquinha, enlouquece de vez e beatifica-se subitamente. Trata-se de um caso de fanatização absoluta, sem meio-termo, de fanatismo extremo, um fenômeno absurdo, inexplicável. O transe, a ascese mística de João Pinto de Maria é típico da concepção existencial de Jap, ou seja, a de que nada faz sentido e que tudo é possível num universo ilógico. Também é próprio da personalidade do autor o oscilar entre a devassidão e a razão, entre a blasfêmia e a devoção, como demonstram fatos de sua vida. Sua tendência ao hábito franciscano nos momentos de fervor religioso e a negação dos postulados da fé nos instantes de irreverência. Sua propensão ao anarquismo e sua sede de justiça. Outros paradoxos veremos no decorrer do livro. Acontece que o poeta acredita que o homem pode-se redimir de uma vez por todas e purificar-se num simples ato de contrição, num átimo em que a consciência se ilumina pelo reconhecimento de seu pecado, numa conversão absolutamente redentora. Portanto, não se deve ter pressa em purificar-se. Pode-se aproveitar o tempo para fazer algumas sandices enquanto não chega o momento terrível, ou quem sabe, o momento luminoso da redenção.

A respeito da Trilogia da Maldição, o escritor e psiquiatra Carlos Lopes escreveu sobre os personagens da ficção de Jap, em sua tese intitulada *A Voz Interior em José Alcides Pinto*, que se trata de homens vitimados pelas intempéries e pelas estruturas econômicas oligárquicas cujo destino e a destruição, como o caso de João Pinto de Maria que finda os seus dias na mais completa loucura e do Padre Tibúrcio, que também imerge numa espécie de alienação. Contudo estes dois importantes personagens da tragédia clássica criada por Alcides são dotados de certa lucidez se comparados aos demais habitantes do Alto dos Anjicos, totalmente imersos na inconsciência e na depravação. E verdadeiramente cinematográfica a maneira como Alcides os qualifica, em *O Dragão*. “Vidas apagadas, inúteis, sem sentido. Criaturas idiotas que de manhã abrem as portas, se espreguiçam, dão dois passos dormentes até a beira da calçada, mijam e ficam olhando o tempo. As mulheres levantavam-se de lundum. A cara enferrujada. Catando pulgas nos cós da saia. Coçando a bunda e as virilhas. Mijavam de pé como as vacas, no quintal ou no terreiro. Enxugavam-se com o sungão e faziam o café. Às vezes iam até a bodega e ingeriam um dobrão de cachaça. Cuspavam ao pé do balcão. Calçavam o queixo com a máscara de fumo e repetiam o trago”.

Enquanto comíamos rapadura e cuscuz nas Terras do Dragão, explicou-me que o personagem central de “O Dragão” foi inspirado no sacerdote da paróquia de São Francisco do Estreito, Padre Araken da Frota.

Os demais personagens também foram inspirados na vida e nos costumes do povo da aldeia de São Francisco do Estreito, terra de nascimento de Jap. É através da caracterização do comportamento da geração ribeirinha que ele compreende o pensamento universal do homem e transpõe a sua concepção para o que escreve. Por isso se refugia na fazenda. Alí encontra o cenário e a matéria prima de sua arte: o silêncio e a paz de espírito que não existem na cidade, o céu pleno de estrelas e a quietude do sertão que jamais o entediam. Declara que só se entedia se não tiver uma companhia, pois para um artista a falta de diálogo pode tornar a vida insuportável. “Não posso ainda conversar com os astros”. E não há quem consiga bastar-se a si mesmo de forma absoluta, conversar com os astros, com os anjos, nem que sejam anjos hipotéticos.

Na fazenda Terras do Dragão guarda alguns objetos de estimação. Além do manto franciscano e de alguns livros seus e de amigos, tem a foto de João Firmo Cajazeira, um caboclo do Estreito, homem pobre e honesto, que era considerado um santo. Ele predisse a hora que ia morrer, mandou comprar a própria mortalha e disse que quando o padre chegasse já ele teria morrido. E tudo isso aconteceu. Era uma alma virtuosíssima. Por isso o poeta colocou na parede de sua casa a foto do “santo”. Trata-se de um dos personagens do livro “Os Verdes Abutres da Colina”. Era chamado de “João Grelô” porque tinha um olho torto. Os meninos gritavam, vem cá João Grelô e atiravam-lhe pedras. Ele não reagia e continuava caminhando, com a cabeça sangrando. Não dizia nada. Seu melhor amigo, que se chamava Messias Lourenço, outra pessoa singular, que também é personagem do mesmo romance, costumava brincar com João Firmo. Dizia que seu amigo olhava sempre para cima, para os astros, enquanto ele só via o que estava em baixo. Um dia Messias perguntou a João Firmo: quantos cestos dá o serrote do morro? Deixa eu pensar, Messias. Se for um cesto do tamanho do serrote só dá um. Nesse livro tem tudo isso. Messias, tu tá me vendo? pergunta João Firmo. Tô não, tu só olha pra cima, pros astros, e eu só olho pra baixo. Sem jamais ter lido livros, João Firmo sabia decifrar cartas enigmáticas. Sabia histórias de muitos reis. Contava a vida de Cleopatra, Herodes, Nero e outros, como se tivesse lido enciclopédias. Um dia decifrou até hieróglifos e caracteres ideogramáticos que lhe mostraram num almanaque. Era um fenômeno, um homem puro. Alcides se considera privilegiado por ter tido a chance de conhecê-lo. Todos os dias se levantava às 3 horas da madrugada e ia a pé do Alto dos Angicos até Santana do Acarau, vários quilômetros de distância. Voltava às 7 da manhã e continuava a trabalhar o dia todo no Alto dos Angicos. Quando previu a própria morte, deu o dinheiro para o caixão e mandou fazer a cova. Chamaram o Padre Araken, que veio a cavalo e confirmou-se o que havia previsto. O padre não chegou a tempo de lhe dar a extrema-unção.

Outro personagem seu é o padre Araken. Alcides recorda um

episódio em que o pai de uma moça veio queixar-se ao padre que um caboclo havia comido a sua filha. O pai da donzela levou o cabra, que era nativo da Serra do Mucuripe, à presença do vigário, para que ele punisse aquele crime. E Araken disse: Você tem que casar com a filha desse cidadão aqui. E ele, eu me caso, seu padre, mas eu tô desempregado. E o sacerdote retorquiu: vou lhe dar uma enxada de 3 libras e meia e uma foice pra voce trabalhar. Vocês, da Serra do Mucuripe, são uns chupadores de cajú! O meio ácido pede uma fruta acida onde dissolver seus sais ... Referia-se à mulher como fruta ácida ...

Na fazenda mantém sempre cabeças de alho espalhadas pela casa para afastar os demônios que farejam-lhe os passos. Não há nada de exótico, nada fora do comum para José Alcides Pinto. Um poeta íntimo das forças ocultas do universo, um homem que detesta a falsidade e rejeita homenagens. Jamais aceitará ingressar na Academia Cearense de Letras. Cada amigo seu que entra para aquela agremiação torna-se um pouco menos amigo, pois acha o academicismo uma banalidade e um embuste. Em São Francisco do Estreito quiseram render-lhe homenagem colocando-seu nome numa praça. Ele não aceitou. Não faz questão disso, acha bobagem, frescura. “Lanço minha maldição sobre todo aquele que prestar tributo à minha memória”, escreveu em Relicário Pornô. O importante é o seu apego à região onde nasceu e onde passou a infância. Esse zelo pela gleba de seus ancestrais, aquele rincão árido e quente onde viu a luz do sol pela primeira vez e que o inspirou tanta literatura. Pensa em vender a fazenda, mas só para algum amigo que possa conservá-la. Já me ofereceu a fazenda Terras do Dragão para que a comprasse, mas eu lhe disse que não tinha condições no momento. Alcides recorda que em sua infância São Francisco do Estreito se chamava Alto dos Angicos e era um matagal cheio de raposas berrando, redemoinhos carregando tudo. O rio Acaraú derrubando barrancos, carregando cercas, inundando plantações, destruindo os casebres da gente pobre ... Esse ambiente selvagem está configurado nos seus romances, especialmente em "O Dragão" e na "Trilogia da Maldição".

A configuração do universal através do regional aparece em sua obra nas imagens da realidade nordestina, presentes no discurso de sua ficção como em sua poesia. Nos versos: “Assim vou cantando o verde/ ruminando essa metáfora/ como a cabra sua semente”, do poema “Verde que te quero azul”, nota-se a metáfora recolhida do universo camponês, que mostra a sua sensibilidade profundamente marcada pelo ambiente do sertão. A consciência do homem rural prevalece, em grandes momentos de sua estética, sobre a realidade da vida urbana. As imagens telúricas do universo regional se encontram intensamente em sua poesia: “Escrevo teu nome/ no esterco do gado,/ no mijo das cabritinhas”. (Teu nome). Os elementos de natureza, que produzem para a humanidade as condições vitais: o vento, os astros, a flora e a fauna que habitam a terra, são referências determinantes

na sua criação. O fenômeno natural é o amálgama, o elemento original que o poeta transfigura em sua alquimia verbal. Em *Acaraú, Biografia do Rio*, a paisagem terrena é transmutada no mito: o relevo de Jericoacoara, de morros vermelhos, lembra o coração de Netuno. A figura do Frade de Pedra, que se avista na serra de Itapajé, domina o panorama, sugerindo a presença de um monge que se eleva acima do chão. Os soterramentos da velha igreja de Almofala pelas dunas trazidas por “ventos malditos”, também suscitam a lembrança do sobrenatural: “como se os demônios fizessem ali morada”.

Enquanto viajavamos para as Terras do Dragão, sua fazenda, o poeta disse: “Estamos caminhando para o mito, quando escrevemos um poema, também fazemos parte de um mito. Toda palavra tem sua mitologia, está carregada de sortilégio, magia, mistério, símbolo. O poeta é um mito e so através da poesia compreende sua situação no mundo. A natureza é pródiga, ampla, não tem limites. O homem é que é limitado. Mesmo os autores de grandes invenções como Thomas Edison e Santos Dumont dependem da natureza. Mas ela não subjuga o homem, dá-lhe tudo e não depende dele para nada. Quando é a estação de chover, a chuva acontece. Na época de dar frutos, sazona e produz a colheita, a flor abre os pistilos e se oferece às brisas no momento certo. As aves e os beija-flores a fecundam como a mulher. No verão há o cajú, rico em ferro e a cajá, em vitaminas. No inverno temos outros frutos e cereais, como o feijão e o milho, ricos em amido. É a natureza que mudou, entrou em outra fase, obedecendo os seus próprios desígnios. Ela é sábia e nela o homem deve inspirar-se. Mas não se encontram no homem as características dos astros, do mar, do vento. O homem se torna importante na medida em que reconhece esta verdade e dela dá testemunho, transmitindo a beleza da natureza através da expressão artística”.

Os livros *Os Cantos Tristes da Morte e Fúria* retomam a temática da indignação face à injustiça social reinante no Nordeste brasileiro. Neles, o repúdio à fome e à penúria impostas ao nordestino se faz denúncia e protesto. Tamaña indignação nem a hipérbole pode descrever: “A fome, como um incêndio sem ruído,/ mastiga a luz, rói os crustáceos do céu,/ e come o próprio corpo aos pedaços/. Assim o homem do Nordeste se come por inteiro/ -- cão agarrado ao seu único osso. “No clima psicológico de ambos os livros há uma atmosfera macabra, em que corvos sobrevoam sobre homens descarnados, esqueletos e ratos. Os demônios suscitam ira e blasfêmia. E o drama se torna mais angustiante, pois mesmo os poetas parecem insensíveis à miséria de seu povo. Só os poetas, que ainda constituem uma reserva moral, um baluarte de luta ante tal condição degradante, só eles ainda se condõem da penúria de seus semelhantes. Mas apenas os mais autênticos se sensibilizam com os problemas sociais de sua terra. “Onde estão os poetas deste país?” pergunta ele no poema. E

responde, com ironia, que andarão empoados e melancólicos, como arlequins de ventres entumescidos e nádegas gordurosas. E assim narra, com estonteante força expressiva, o drama da miséria nordestina e a indignação do homem explorado e esbulhado pela inextricabilidade dos padrões calhordas. Num libelo de angústia e revolta, constata, estapafúrdio, a pândega de violência desencadeada pelo crime da desonestidade: “Para onde se destina essa leva de almas extintas e condenadas?/ Mais temíveis que hienas, mais ferozes que lobos selvagens/. O que tocam, destróem; no que cospem, incendeia!”. Abomina tal iniquidade que provoca a rebelião de um povo faminto, de uma raça sedenta de justiça. E ao denunciar a calamidade da urbe descreve o combate das almas sufocadas contra as tropas opressoras -- uma luta cruel e injusta de facas e cacetes contra metralhadoras e fuzis. A poesia de Jap se nutre do limiar do desespero, alumbra-se no teatro do pesadelo. Por fim a revolta explode em gritos de ódio. Ante tamanha injustiça, a revolta parece ser a única solução: “A cidade é dos revoltosos/. Justiça se faz com as mãos. As ruas estão cheias de soldados armados de metralhadoras e fuzis/. Mas os retirantes não cedem: a faca na cintura, o cacete no punho levantado”.

Em “Fúria” também protesta contra a deterioração das condições de vida do povo cearense, especialmente os camponeses. O título do livro, “Fúria”, reflete o clima de violência de seus poemas. E o seu desabafo envereda na linha do pornográfico. Só a linguagem chula pode descrever os aspectos sórdidos da realidade social no Terceiro Mundo. O ambiente em que aparecem essas abjetas imagens é o da lama e do lixo, onde rosas e espermatozoides se misturam em meio às explosões e ao terror da guerra. Quem pode ficar indiferente a esta derrota e esta vergonha, cujos responsáveis diretos são os tiranos, os príncipes maquiavélicos? Súbito assoma o discurso político. Vocifera contra os déspotas e os magnatas. “América, quantos ditadores mais terias, não fosse a consciência proletária dos que por ti se sacrificaram, sem escapar das bocas suturadas um só grito?” Tal é a situação de pânico e de calamidade no deserto selvagem da sociedade capitalista: “uns pedem amor, outros pão”. Insólita visão de um mundo de canalhas, desonrados, prostitutas grã-finas e pederastas. E diante desse quadro escatológico e apocalíptico, confessa: “Nasci do abominável das coisas abomináveis”. Seu pessimismo se reflete ao longo da obra, numa fulguração de angústia. “Tudo caminha para a poeira: a fome, a fé, o êxtase. Tudo sem razão”. Mas um sopro de esperança ainda se pressente. “O vento da náusea açoita os homens, mas a fé não morre, a fé -- dimensão mais forte do mundo”. É a esperança de que o império das raposas termine. Mas o lodo que invade a alma, o terror e o pânico da morte e toda sorte de sordidez o poeta recolhe para enfeitar os cenários do livro: piolhos, mênstruo, blenorragia, fezes, urina, esperma e outras relíquias. Por fim, em tom profético, vaticina o castigo dos ignominiosos. Sua voz adquire

dimensão bíblica, apocalíptica. Prediz a ruína dos tiranos que perecerão, escravos da própria maldade, vítimas dos calabouços que construíram: “Manicômios, cárceres, leprosários, albergues, abri vossas portas/ a esses corruptos assassinos./ O império das Raposas Velhas está terminado”. Vislumbra então perspectivas de esperança em meio ao trágico influxo de peçonha das víboras e da ferocidade dos chacais. Nova aurora ressumbra no horizonte humano. É a poesia que rebrota em eterno devir, no retorno dos ciclos e das eras, permanente no coração da humanidade. Da luta titânica Ormuz vencerá o satânico Arimã e o poeta erguerá jubilosamente o facho da vitória, qual Zoroastro, com a sagrada flama nas planícies da Pérsia: “Por trás do leste surge um novo sol dourando o dia”/ ofuscando, com sua luz, os olhos venenosos dos chacais./ Eles serão enforcados nos próprios coletes/ como as víboras engasgadas com os monstros que geraram.”/ Um escritor não pode cruzar os braços diante da injustiça. A condição humana é a medida de sua dignidade.

### **Infância e juventude sob o estigma do sofrimento**

Durante a viagem que fizemos à fazenda “Terras do Dragão”, Alcides recordou, entre outros momentos de sua vida, aspectos de sua infância e adolescência, as aventuras e as decepções, os sofrimentos e os êxitos que conquistou durante sua permanência no Rio de Janeiro, e esclareceu-me pontos de vista relativos à sua concepção poética. Disse-me, por exemplo, que compreende o homem do sertão por ter sido criado a beira do rio Acaraú e ser filho de um sertanejo. Seu pai era lavrador e ribeirinho. Pescava de tarrafa e de anzol como ainda hoje fazem os ribeirinhos da região. Nesse ambiente árido, cercado de serras e palmeiras, viveu as experiências que se tornaram patrimônio do homem adulto e se transpuseram para a sua obra. A infância é prodigiosa na formação de todo indivíduo. Tem imagens que o adulto carrega para sempre na memória.

Alcides partiu da região de Santana do Acaraú com 10 anos de idade, mas nunca a desprezou. Após haver residido em grandes cidades, voltou sempre às origens. Retorna sempre ao sertão onde tem a satisfação de conviver com seu povo sofrido e humilde, com o qual se identifica e no qual se inspira para escrever seus livros. Recordar-se de que em sua infância muitas vezes passou fome, seu pai e sua mãe eram muito pobres. Houve um tempo em que a situação estava tão difícil que seu pai foi obrigado a colocar os filhos debaixo de um juazeiro, quase morrendo no calor sufocante do sertão, para que quem passasse os levasse. Não a maneira de Abraão. Não para submeter-se a uma provação divina, mas simplesmente para sobreviver, para que os filhos não morressem de fome. Quando Alcides era criança, seu pai viajava com animais emprestados, comprava pedaços de bofe do mais barato que tinha no Estreito e a família comia bofe

[M1] Comentário:

[M2] Comentário:

com farinha. A penúria o marcou tanto que, segundo afirma, esgotou-se-lhe a capacidade de ser bom. Seu pai, José Alexandre Pinto, conhecido que era como “poeta testamenteiro”, (fazia os testamentos de Judas na Páscoa), também era curtidor. Tinha os pés rachados da cal e da cinza crua --- elementos que utilizava na curticao do couro de gado e minucas. Tinha uma vida muito sofrida, pagava suas dívidas, inclusive os estudos dos filhos, com farinha e feijão. Alcides via seus irmãos passando fome e queria ajudar o pai a sair daquela situação miserável. E realizou, com sacrifício, o sonho de estudar e viver em melhores condições que as de sua família, chegando a auxiliar com alguns recursos financeiros os seus pais enquanto eram vivos.

Aprendeu as primeiras letras no povoado do Sao Francisco do Estreito e depois fez o ginásio em Massapé, onde trabalhou como operário da construção civil e auxiliar de padeiro. Em seguida foi para Fortaleza. Estudou então no Liceo do Ceará e posteriormente, completou o curso secundário no Colégio Pio Americano, quando foi para o Rio de Janeiro. Em Fortaleza, chegou a morar na Casa do Estudante, onde conviveu com o poeta boêmio Sidney Neto, com quem muito aprendeu. Sidney Neto costumava dizer-lhe “Pintinho, se você quer ser um poeta, estude”. Disse que com ele aprendeu, entre outras lições, a mania de andar nú dentro de casa. Mas só ficava nú quando estava só. Se aparecia alguém, logo se vestia como o mais recatado cidadão.

O poeta conta com júbilo as virtudes que aprendeu com seus pais. E seu pai, oriundo da Ribeira do Acarau, herdou a franqueza, a disposição para o trabalho, a fé em Deus, a capacidade para educação dos filhos e lealdade aos amigos. Mas também o temperamento resoluto e forte. Se um ladrão o atacasse ele lutava até vencer. Saía com 60 animais alugados e apenas um arrieiro, levando couro curtido e cera de carnaúba para vender. Foi muitas vezes atacado pelo caminho e botou pra correr os gatunos. Nesse sentido Jap se considera igual ao pai --- terno, amoroso, mas desabusado. Não leva desaforo para a rua e também não os traz pra casa. Diz que não tem medo de nada, só da palavra de Deus. De sua mãe, Maria do Carmo Pinto, nascida na região de Crateus, aprendeu o autruísmo, a ternura e a dedicação aos filhos. Mas também a firmeza de caráter. Ela dominava os filhos com o olhar.

O sangue de cigano e a vontade de aprender o impulsavam para mais além. Sentiu necessidade de partir do Ceará e foi ao Palácio do Governo pedir ao então governador Gomes Muniz uma passagem de navio para o Rio de Janeiro. Recebeu uma passagem de terceira classe e viajou no porão, dias e noites vomitando. No convés do navio encontrou-se com Braga Montenegro, que ia na primeira classe, sentado numa cadeira espreguiçadeira. Durante o trajeto manteve longas conversações com aquele escritor cearense, que já o conhecia através dos artigos que Jap já

naquele tempo escrevia para a imprensa de Fortaleza. Mas o acaso, ou o espírito de aventura, não permitiu que que Jap fosse direto para o Rio de Janeiro. Quando o navio fez escala em Recife o poeta se encantou com a cidade, com a beleza de suas pontes e de suas mulheres e não voltou ao navio. Passou ali quatro anos, dois em completa vadiagem e dois trabalhando no Diário de Pernambuco, como revisor, emprego que conseguiu graças ao poeta Mauro Mota. Frequentava o restaurante da Faculdade de Direito, onde conheceu Deolindo Tavares. Fez amizade também com Ascenso Ferreira. Em Recife conheceu Maria das Neves Sobreira, alta, magra, bonita, (a moca de blusa azul, de sapatos de nuvem, que menciona no poema). Morava atrás da Praça 13 de Maio. Tornou-se o seu primeiro amante. Ela lhe deu forças para permanecer ali o tempo que permaneceu. Quando se tem amor, ama-se a cidade. Em suas andanças na Veneza brasileira escreveu dois livros: As Pontes e os Catadores de Siri. O poema Rua da Imperatriz começa com o verso: “todas as pontes do Recife atravessadas no meu peito”. Nesse período sua diversão era observar os meninos pobres que catavam siris nos mangues do rio Capibaribe. Identificava-se com aquelas crianças, sentia-se pobre e marginal, “suando nos mangues de lama. Fezes. Febres”. Sua vida era um osso duro de roer, a liberdade era lama, e via os meninos como bichos dos mangues, espectros da lama.

Depois dessa fase de penúria em Recife foi para o Rio. Chegou sem dinheiro, procurando a Praca Tiradentes e o jornal Imprensa Popular, onde entregaria a Osvaldo Peralva uma carta de recomendação do poeta Aluizio Medeiros, datada de quatro anos atrás. Mesmo assim conseguiu emprego no Jornal do Partido Comunista, embora não compactuasse integralmente com a sua ideologia. Um dia, quando saía do jornal na companhia do romancista alagoano Airton Quintiliano, de Humberto Teles e outros, foi preso com todo o grupo. Deram-lhes socos, ponta-pés, pancadas na cabeça e os levaram como um carregamento de sacos. Nús, no pátio de penitenciária, estavam diversos companheiros, como José Maria Crispim, João Amazonas e Astrogildo Pereira, capturados na mesma emboscada. Eram mais de trinta na cela. Na pia não havia água. Passaram quatro dias quase sem comer e sem beber. Cospiram-lhes na cara, deram-lhes bordoadas na cabeça. Por fim dos quais foram libertados, graças a um habeas corpus impetrado por Pedro Pomar, que na ocasião era Deputado Federal. Clotilde Prestes, irmã de Luis Carlos Prestes, também detida, gritava, numa cela em frente, com os olhos de falcão: “Agüentem companheiros, não abram mão, companheiros!” Os policiaes diziam, “vou tirar tua roupa, sua puta!” E ela retrucava: pelegos, moleques, canalhas, escroques. O povo fará justiça.

Alcides conta que se decepcionou com o partido, porque ao escrever um poema louvando os seios lindos de Zelia Magalhães, uma dirigente,

líder da causa, os comunistas não aprovaram os versos, dizendo que revolucionário não podia ser romântico, tinha de falar era de sangue. Por fim largou o jornal e ficou dormindo ao léu. Vivia com os nervos esfrangalhados, com receio de uma nova prisão, escondido pela casa dos amigos. Tinha pesadelos terríveis: os agentes de polícia o perseguindo com cães amestrados. Foi no tempo em que passou uns meses na pensão de D. Livramento, no Morro de S. Teresa, num quarto de paredes lodosas, coberto de mofo, cheio de ratos e baratas. Com o companheiro de quarto, Agostinho, um estudante maranhense, acadêmico de engenharia, em igual situação, sem emprego, passava fome e perambulava pelas avenidas do Rio de Janeiro. D. Livramento queria expulsá-los porque não pagavam o aluguel e eles decidiram abandonar a hospedaria. Dormiram muitas noites no Passeio Público, com corjas de vagabundos cheios de talhos nos rostos e nos braços. Por fim Agostinho, sempre pessimista e revoltado, adoeceu e foi definhando aos poucos. Morreu tuberculoso num sanatório para enfermos indigentes. A visão e a lembrança do cadáver do seu companheiro de sofrimento o atordoaram durante muito tempo. Guardou-lhe os despojos: calças surradas, camisas esburacadas e alguns livros.

Alem de Agostinho, Alcides tinha um amigo de nome Airton, um condutor de bonde a quem dava aulas de português, o qual, como pagamento, dividia com ele o proprio almoco. Nessa epoca dormia num barraco no morro Santo Antonio. Tempos depois reencontrou Dona Livramento, que quando tomou conhecimento da morte de Agostinho ficou muito penalizada, arrependeu-se profundamente de haver maltratado aquele jovem indefeso, que antes considerava preguiçoso e vagabundo. Com pena e medo de que Alcides tivesse um fim semelhante resolveu acolhê-lo de novo. E de fato o poeta já se achava enfermo, com uma úlcera duodenal, cuja operação decidiu antecipar. Foi a primeira de uma série de cirurgias a que se submeteu. Estando internado numa clínica pelo menos estava a salvo das investidas da polícia. O restaurante de UNE vivia infestado de alcaguetes e Alcides, que havia passado uns dias na casa do líder comunista Pedro Pomar, em Laranjeiras, desconfiava que estava sendo seguido por detetives da Polícia Federal. Quase fora preso novamente durante uma invasão da UNE pelos policiais. Os policiais entraram com cassetetes batendo em quem aparecesse pela frente. Umás duas ou tres cassetadas resvalaram-lhes pelos braços, sem pegar de cheio na cabeça ou no pescoço. Conseguiu escapular, correndo. Quando quiseram agarrá-lo, ficaram só com o paleta na mão. Escreveu todas estas experiências no livro Manifesto Traído - Depoimento Memória.

Depois de ter sofrido estas agruras, com pouco mais de 20 anos de idade, arranhou emprego de bedel no Colégio Pio Americano, em Sao Cristovão, e conseguiu fazer o vestibular para a Faculdade Nacional de Filosofia. Trabalhou 3 anos como bedel, só pela comida e os estudos. Era

um dos maiores colégios internos do Brasil. Para ingressar no colégio, foi Jap atraído por um anúncio no Jornal do Brasil. Apresentou-se para o concurso, mal vestido, despenteado, juntamente com dois candidatos que apareceram na mesma hora. Pensou que fracassaria. Um dos candidatos era um bahiano, pernóstico, que levava uma pasta cheia de cartas de recomendação, e outro, um cearense. Ambos pareciam muito inteligentes e que fizeram antes dele a entrevista com o diretor do colégio. Quando chegou sua vez, ele teve um diálogo genial com o diretor. Recitou alguns poemas para o futuro patrão. Sabia de cor alguns sonetos de Augusto dos Anjos, Castro Alves e outros bardos. O diretor perguntou-lhe o que sabia fazer, além de declamar poesia. Ele disse, sou revisor. E o diretor respondeu: “mas aqui não tem lugar pra revisor, eu preciso de uma pessoa pra trabalhar na disciplina com os alunos”. E Alcides respondeu: “um inspetor de alunos é a mesma coisa de um redator ou revisor, basta que seja pobre e necessite de emprego. Além disso, não é o curriculum nem a carta de recomendação que provam a capacidade de trabalho de um cidadão. Mas a educação e a pobreza é que o dignificam”. Então, o diretor olhou bem para a sua cara e mandou que saísse. Depois, o fez entrar de novo e decidiu dar-lhe o emprego. Mas Alcides muito sofreu no trabalho de bedel. A maioria dos alunos, filhos de gente rica, mostrava um caráter perverso e insolente. O chefe da disciplina, cujas ordens obedecia, era um bruto. Perseguiu os seus subordinados, procurando achar neles a mínima falha para pedir que o diretor os demitisse. Mas o sofrimento ainda foi maior quando Jap deixou o colégio e quase morre de fome, no período subsequente em que ficou sem emprego. Nesse tempo, lembra-se de uma noite em que, de tanta fome, comeu uma banana podre, roída, que encontrou jogada na porta de um restaurante, apesar do medo de que a fruta estivesse impregnada com veneno pra rato.

Durante sua estada no Rio criou parte importante de sua obra. Realizou curiosa experiência literária, quando residiu algum tempo numa clínica psiquiátrica. Foi morar no manicômio de livre e espontânea vontade, segundo me assegurou. Essa proeza, por inverossímil que pareça, começou quando resolveu escrever um artigo sobre um livro do Dr. Neves Manta, psiquiatra que o convidou para fazer uma pesquisa na Clínica de Repouso que dirigia, em Petrópolis. Ali José Alcides escreveu O Criador de Demônios e Entre o Sexo: a Loucura/a Morte. Seu método de trabalho era a observação criteriosa do comportamento dos loucos. Anotava-lhes a conduta discretamente, porque eram furiosos. Envolvido no clima do manicômio, confessou que os loucos tomaram conta dos seus sentidos, mas o final foi feliz. Mostrou os originais ao Dr. Neves Manta e este lhe arranhou um editor. Mas ficou com os loucos na cabeça durante muito tempo. Escreveu os livros, fez a pesquisa e aproveitou para fazer também um tratamento. Na clínica, encontrou loucos geniais, como a pintora

Mausie, que o amou intensamente, antes de suicidar-se. “Entre o Sexo: a Loucura/a Morte” foi interdito pela ditadura militar. Depois de alguns anos voltou à clínica, para continuar escrever outros livros e tentar melhorar o juízo. “Traçei minha orbita como um astro, minha musa é minha via crucis, minha salvação. Escrevi tanto que perdi a conta, mas pelo menos guardo de memória ao todo 95 títulos. Aleluia! Sou a luz do mito, o reflexo do anjo”. Os Cantos de Lucifer também foram escritos no Rio, no ano de 1954. Alcides acha que estava fora de si quando o escreveu. Vivia como um marginal, numa época de desespero. Era aluno da Faculdade Nacional de Filosofia, mas estava desempregado, passado fome. Foi na fase em que dormia nos bancos das praças, na companhia de fascínoras e meliantes. Já não acreditava mais em nada: religião, amor, família, amigos nada fazia sentido. Estava se transformando num bruto, mas tinha a consciência acesa como um astro cintilante. Escreveu os Cantos de Lúçifer em folhas de jornais sujas de excremento e que eram usados pelos marginais que dormiam nas ruas. A poesia o salvou da escuridão, retirou-o da lama e do caos. Os Cantos de Lúçifer foram prefaciados por Cassiano Ricardo que o aplaudiu com generosas palavras. E pouco a pouco Jap foi conquistando a consciência de uma nova dimensão e as vitórias começaram a surgir. Fez amizade com muitos escritores que o apoiaram e o incentivaram, como Graciliano Ramos, com quem almoçava de vez em quando, e Rachel de Queiroz, que encaminhou a primeira versão do livro “O Dragão” para a Editora O Cruzeiro, cujo responsável na época era Herberto Sales. Muitos desses escritores fizeram resenhas, dando testemunhos favoráveis aos seus primeiros livros. Sergio Milliet, Gerardo Mello Mourão, Assis Brasil, José Louzeiro, Fausto Cunha, Álvaro Lins, Gilberto Amado entre outros, deram depoimento de aprovação de sua obra.

Viveu ao todo 17 anos no Rio de Janeiro. De 1955 a 1972. Ali casou-se com uma carioca, uma negra que se chamava Beatriz do Nascimento, com a qual teve uma filha de nome Belkiss, que reside em Paris. Depois que separou da primeira mulher, passou a viver com outra, de quem teve dois filhos, Paloma e Junior, que moram no Rio. Confessa e reconhece que era muito boêmio naquela época, colecionava calcinhas das mulheres que formam suas amantes. Uma delas era a Irene Santos Caldas, uma pianista de renome, irmã do Sílvio Caldas. No Rio conheceu e conviveu com os maiores nomes da literatura brasileira. Retornou definitivamente a Fortaleza quando o casamento não deu certo. O trauma do desquite ou o espírito nômade o induziu a largar tudo, o apartamento que tinha e o emprego recém-arranjado na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

### **A literatura como predestinação**

A literatura é efetivamente uma predestinação em sua vida. Escritor

de poemas, romances, ensaios, contos, voltado obsessivamente para a arte literária, faceta de sua rica personalidade, além do seu gosto pela vida no campo, seu lado camponês que curte a fazenda e que já criou gado, nada poderia desviá-lo de seu objetivo primordial. Impossível exercer outra atividade com tal plenitude. Jamais seria outra coisa senão escritor. Diz que é um homem rural e urbano ao mesmo tempo. Um camponês com o verniz da civilização. Viveu na agitação de uma cidade como o Rio de Janeiro, como na pasmaceira do sertão. E em ambos os lugares experimentou e aprendeu o sofrimento imprescindível à criação de sua obra. Trabalhou na redação de jornais e na universidade como professor. Mas para defini-lo de maneira exata bastaria dizer: José Alcides Pinto, profissão poeta. Como poucos artistas da palavra, Alcides jamais viveria sem uma pena na mão, ou como bem disse o escritor Gerardo Mello Mourão, com uma mulher escanchada nos ombros. Em síntese, não se adaptaria a outra modalidade de vida que não fosse a de escritor. Só no exercício de seu ofício sente-se integrado à natureza humana e divina. Não se satisfaria como engenheiro, médico ou aviador. Poeta eclético, que escreve em todos os gêneros da literatura, declara que nasceu para ser escritor. Uma de suas qualidades que mais me impressionam é a obsessão em publicar e divulgar seus livros. Muitas vezes, quando o visitei, como não sabe dirigir, levei-o em meu carro aos jornais de Fortaleza, onde entregaria algum artigo, contactaria algum jornalista para programar entrevista ou procuraria fotografias suas nos arquivos dos periódicos, entre outras coisas. De fato, toda atitude sua e tomada em função de escrever, publicar e divulgar sua obra. De resto, como certamente não sabe fazer outra coisa tão bem quanto escrever, é justo que se entregue por inteiro à sua arte e fuja de pessoas que não têm interesse por literatura. Alcides procura a companhia de pessoas de sensibilidade, criativas. Nesse tipo de companhia é que se compraz. O poema “Angoisse” ilustra sua obsessão literária. Nele Jap diz: “fora do meu antro me desabito --- ostra inexorável --- /decepado e indizível, declino e me elevo/ apalpo o corpo - involucro diuturno/ maldita composição de sal e carbureto”. Seu antro é a poesia, onde se integra na órbita do imaginário. Sem ela se dissolveria na pulverização do mundo. Fora do seu habitat de poeta, desabita-se qual “ostra inexorável”, vulnerável à mutabilidade.

Noutro poema que também caracteriza a sua obsessão literária e o seu devotamento à arte de escrever, intitulado “Não estou para ninguém”, revela que a única atividade que o satisfaz plenamente é a literatura. Não fora a poesia que escreve certamente não suportaria a vida. Em verdade ela se sobrepõe à própria vida. “Nem amigos nem mulheres me apareçam./Não me chegue o carteiro mesmo com boas novas. Ao mendigo que me bater à porta, fico devendo a esmola. Serei perdulário noutra oportunidade. Agora faço poesia e o mundo que se acabe”. Tudo parece insignificante quando o poeta exerce o ofício órfico, tudo o que não se relacione com o trabalho

poético é um desperdício. “Nasci poeta como o rio na foz, a sombra na árvore, o galo na aurora. A arte é uma febre, um momento mágico, divino”, palavras estas que ressoam como um toque de clarim na alvorada.

### **Maldição e misticismo, um paradoxo ambulante.**

Para interpretar a poesia de José Alcides Pinto é necessário entender-lhe a cosmovisão e a concepção de moralidade. Sua noção de ética é sensivelmente liberal e libertina ou libidinal. Tem, paradoxalmente, aspectos de ortodoxia e certos pontos dogmáticos. Sua filosofia de vida oscila entre a fé e o ceticismo. O realce que atribui à amoralidade ou a imoralidade de repente se anula, sobretudo quando se trata de honrar os compromissos com os amigos e defender o princípio da solidariedade humana. Embora descrente da bondade dos homens, acredita no valor da justiça. Confia na providência divina, e súbito, duvida do bem e nega a imortalidade do espírito. De revolta, invoca os demônios. Súbito, afirma que Jesus é o seu Mestre e nega a inexorabilidade da vida.

Embora o misticismo primitivo dos habitantes do sertão seja uma tônica em sua literatura, Alcides não acredita que os fenômenos da natureza estejam vinculados à conduta moral das pessoas, como se crê na mística dos antigos povos orientais e alguns aborígenes. Segundo Jap, é uma ignorância brutal acreditar, como os antigos hebreus, que os fenômenos da natureza estariam condicionados ao merecimento ético das pessoas. Para Jap não faz sentido a aliança que os profetas faziam com o Todo Poderoso, com a promessa de uma conduta fiel em troca da fertilidade da terra e das benesses da natureza. Nem tem cabimento o nordestino pensar que a ausência de chuva pode ser um castigo de Deus. Esse pensamento, no entendimento de Jap, não tem fundamento, pois segundo pensa, a única coisa que altera a natureza são os danos ecológicos, como as queimadas e a poluição, pelas quais a natureza passa a castigar o homem, como uma consequência previsível das leis da meteorologia e da física. Assim, os danos causados ao ecossistema causam perturbações climáticas podem provocar o aparecimento de vulcões e outros fenômenos perigosos. Salvo em tais casos, a natureza vem sempre em benefício do homem. Nessa linha de raciocínio, diz que os deuses egípcios não deram nada ao povo do Egito. Hoje nenhum povo adora o bezerro de ouro, que em nada favoreceu o homem daquela época. Era um atraso cultural a imagem de um boi, mas naquele tempo o homem não podia ter uma visão divina das coisas, não conhecia os princípios superiores do espírito. Os ditadores usavam o bezerro de ouro para manter os fanáticos aos seus pés. Tento argumentar que os rituais de louvor aos bovinos poderiam significar uma forma que o

homem primitivo encontrou para reconhecer sua dependência em relação àquele animal do qual precisava na agricultura, atividade imprescindível a sua subsistência. Por isso, de algum modo sentira a necessidade de prestar reverências a quem o ajudava a sobreviver. Mas Jap, em sua ortodoxia, acha absurda esta hipótese.

Capaz de dialogar com Satã e conservar na parede de sua casa uma foto do Papa, Alcides declara-se um poeta trágico, lírico, social e místico ao mesmo tempo. Por essa razão é que acende uma vela para o príncipe das trevas e outra para o sumo pontífice. De fato, a versatilidade é uma de suas características, já que escreveu livros em todos os gêneros literários, sobre os mais diferentes temas e com as mais díspares nuances de significado e estilo. Entre os estilos adotados, sua criatividade abrange do soneto tradicional ao surrealismo, que prevalece em grande parte de sua obra. E o poema experimental (o concretismo) do qual foi o principal arauto em seu Estado. Nesse aspecto, faz-se notar a fluidez delirante e oracular de certos versos com que, pela escritura automática, tenta reconstituir a ordem pelo avesso. A ensaísta Nelly Novaes Coelho destaca, no artigo “Erotismo/Satanismo/Loucura na Poesia de José Alcides Pinto”, os influxos do surrealismo incorporados em sua poética carregada de elementos terrenos e impuros, a saber, a revolta contra a falsidade das instituições burguesas, contra os tabus e preconceitos da moral hipócrita. E relembra com propriedade que esses aspectos terrenos, humanos e perecíveis da materialidade são por vezes ofuscados pelo “visceral apelo de Absoluto”. Nisto consiste a dicotomia radical da arte de Jap. Esse antagonismo básico se configura em sua obra na forma de oposição entre erotismo e ascetismo, amor e morte, ascese e abjeção, lucidez e delírio, etc. O binômio Eros/Tanatos aparece nos Cantos de Lúcifer como forças correlatas, na medida em que o Amor, que afirma a vida, pode anular a ação destruidora da Morte. Não obstante há também o vínculo entre erotismo e satanismo na poética alcidiana. É nesse campo que a idéia de um amor demoníaco, eivado de promiscuidade, se incompatibiliza com a idéia de um sentimento redentor. Nesse particular, há um dado biográfico que suscita curiosidade e ilustra a linha da sua conduta. O poeta passou a reduzir suas incursões na sexualidade promíscua por medo do contágio da aids. Mas o seu instinto de auto-preservação jamais o impediu de escrever, falar e pensar o que quer que fosse, uma vez que seus poemas estão sempre repletos de uma linguagem de desafio e atrevimento, que o emparelha realmente a Lautremont, Rimbaud, Baudelaire e Augusto dos Anjos. Veja-se este exemplo colhido em Cantos de Lúcifer: “Senhor, ensinai-me toda a casta de vícios sórdidos, para que se instale em meu peito o ato da mais vil compaixão. O mal, como o crime, reclama contrição. Prometo, Senhor, ser o mais devasso de vossos filhos, para que me acedas o perdão que apaga as nódoas, limpa o sangue das mãos, varre para distante as sombras negras do

coração. Que seriam dos perversos, Senhor, se não obtivessem o vosso perdão?”

Num artigo escrito e publicado na imprensa cearense louvei o livro “O Amolador de Punhais”, cujo título foi por mim sugerido. Em tom de brincadeira Jap queria pagar-me pela idéia e de qualquer maneira o livro foi dedicado a mim, como agradecimento. Destaquei-lhe a força expressiva dos sentimentos extravasados em vigorosa linguagem. A sua capacidade de combinar o lirismo mórbido com o misticismo, num amálgama de imagens horripilantes em que aparecem esqueletos, megeras, vilões, pederastas, sátiros e sílfides em dança lasciva e sobrenatural. Capaz de perturbar o juízo dos parvos e iluminar o delírio dos loucos, os versos pungentes de ironia e indignação de “O Amolador de Punhais” envolvem o leitor pela cadência de inusitado encadeamento frasal e pelas teias de densidade metafórica, cheias de arrebatamento. No aspecto sórdido das perversões e dos instintos, acentuado pelas hipérboles com que descreve as cavernas abjetas da alma, a criatura humana se assemelha ao piolho de cobra e ao escorpião contaminado pelo próprio veneno e perdido num labirinto de maldição e morbidez. A narrativa oscila entre a busca do cadáver de uma criança e a paixão do narrador pela hipócrita Camila, cuja venalidade enseja o questionamento ético e acentua o desespero, o ódio e o terror que exalam das páginas do livro, num clima de pavorosa angústia. Face a realidade do mundo, reduto imundo em que proliferam pragas, chagas e podridões horripilantes, resta a revolta contra a condição do homem degradado pelos vícios e pela sevícia, exposto a fúria infame do assassino a sangue frio e ao escárnio ignominioso do traidor. Resta, na concepção do Amolador de Punhais, realizar um pacto desesperado com a justiça, assumir um terrível compromisso com a verdade, antes que a morte derrame o fel dos seus enigmas sobre o campo de miséria e pusilanimidade da vida.

Jap se considera um escritor inconformado e seus livros são uma prova dessa afirmação. Por isso, a pecha de maldito lhe soa bem. A revolta fascina os que, como ele, fogem do comum e do convencional e não se acostumam com a hipocrisia. Diz que a burguesia sofre muito em seus romances. Ridiculariza-a a todo momento. O Relicário Pornô, por exemplo, é um livro que se insurge contra a moral estabelecida, e todo o sistema vigente, isto é, a falsa moral, a moralidade burguesa, que é mera opressão disfarçada. Essa pseudo-moral, que reflete os preconceitos de uma classe dominante despreparada intelectual e espiritualmente, é expressa nas escolas e em toda a sociedade. É preciso, pois, repudiar tal forma de entender e dirigir a vida. Portanto, embora seja um místico, acha que nasceu com o estigma da maldição dentro de si. Declara-se um místico em estado salvagem, à maneira de Rimbaud. Não se conforma com a injustiça e a mentira que tornam a vida diabólica. Por isso come as flores do

aniversário, é um fauno que vive à margem do sistema e que, portanto, não aceita a fantasia social. É muito angustiado com o tempo e pensa que a vida é desprovida de sentido. Quando reflete profundamente sobre o sentido de existir, a vida lhe parece algo insuportável, ou suportável apenas por causa da literatura.

O aspecto sórdido e maldito de seu pensamento é consequência de sua concepção existencialista, de sua constante hesitação entre a perspectiva de aniquilamento da vida e a esperança de sua continuidade em outras dimensões espirituais. Mas apesar de sua visão fatalista, vivencia experiências místicas de profunda revelação. Sente a presença de espíritos declamando os poemas que escreve. Ouve vozes e as vezes vê vultos de seres que não identifica. E fica em transe quando atinge o auge do processo criativo. Nesses momentos não ouve e nem sente a presença dos seus familiares, ou das pessoas que habitam sua casa, mas de seres estranhos que povoam o seu imaginário, e que se tornam personagens de suas esdrúxulas narrativas. Depois, estes sintomas desaparecem e, ao que tudo indica, volta à “normalidade”. Assim, o mesmo pessimismo que o impele à maldição e aos embates e conflitos, o conduz ao misticismo, como perspectiva desesperada de salvação. A respeito de seu mais recente livro de poesia, “Silêncio Branco”, disse o mestre Antonio Houaiss: “sua força verbal e mental da a seus poemas normais um conteúdo de canto e espanto que basta para os que creem que fazer, criar, edificar poesia --- embora por vias infinitamente diferenciadas -- não precisa de simulacros”. Em seu claro depoimento, Houaiss fala ainda de seus “poemas normais e anormais”.

A variedade temática da obra de José Alcides converge na concepção do absurdo e do grotesco. Ante a incapacidade humana de desvendar o mistério insondável da morte, resta ao homem a evasão da loucura ou o desespero da rebeldia. Mas estas situações extremas apenas complicam as agruras do pobre mortal, já assediado por demônios e cercado de abismos. Como alternativa à demência e à revolta, haveria ainda o sexo e o sonho, os quais, conquanto soluções provisórias e paliativas, seriam menos trágicas ou menos diabólicas. No seu inventário criativo, lega-nos, conforme o estado de espírito, a maldição ou o delírio. Duas possibilidades em face do inconformismo que o absurdo provoca. No seu receituário recomenda a danação ou o transe místico. Daí a concepção do niilismo e do fatalismo, passando da maldição ao misticismo desesperado, numa sequência sempre inusitada. Simbolizada pelo culto a Sata e a referência a animais mórbidos, como abutres e morcegos, que aparecem nos romances e poemas, nos Cantos de Lúcifer como nos Verdes Abutres da Colina e em outros textos, a maldição às vezes descamba, paradoxalmente na afirmação do reino divino. Assim, dialoga intimamente com as forças do mal, como no poema “Necrologio”. “Satã, tu, querido Satã, asa rubente de Caim/ à hora vespéral,

presto estavas/ à guarda dela, entre as mais cobiçadas de todas”. (Ordem e Desordem). Neste poema, conversa também com o anjo maldito, numa confissão de alto teor metafísico: “a todos bafejaste com teu halito de vinho podre/ teu odio ao idílio e tua inveja ao sonho/. Pois nunca conseguiste, ó velhaco mercador de bruxas/ domínio sobre meus áureos pensamentos/ que não se nutrem de lama podre como os vermes/ mas do fulgor mais alto das estrelas./ Sim, em verdade meus lares desfizeste. Entanto, a alma que anima essa materia vulgar/ é mais forte que tuas artimanhas/ e jamais terás sobre ela o menor domínio”. No primeiro caso, o anjo rebelde aparece como aliado. O poeta utiliza o adjetivo que os vincula num laço de afetividade. No segundo, é o inimigo da alma humana, contra o qual precisa precaver-se para que não lhe domine os pensamentos. Outro exemplo notável da ambiguidade espiritual de Jap e da intimidade com que dialoga com as forças do mal se encontra nestes versos do livro “Reflexões-Terror-Sobrenatural”: “Quem te disse, Satã, que minha alma está enferma? Quem te disse que as portas do reino dos céus estão fechadas para ela? Ó velhaco embusteiro, ladrão do óbolo do mendigo, teu farnel de trevas, roto, só consegue guardar as moedas com que Judas negociou Cristo”. Esse grau de convicção e firmeza pode vasclar subitamente nos momentos em que o poeta se revolta contra a angústia. Nesses momentos identifica-se com luxúria diabólica e assume a necessidade do erotismo satânico. Então, analisa a precariedade da existência corpórea: piolhos, urina e vômitos decoram o palco da vida, já cheio de tarântulas, víboras, pulgas, morcegos, vampiros e serpentes. E uma embriaguez alucinante permeia a trama obsessiva e mágica da fábula alcidiana. Como se vê em “O Amolador de Punhais”: “violei o campo natural e vivo como os escorpiões da lua, de cabeça para baixo, a girar sob as patas, emaranhado em meus anéis, em vôos e círculos precipitados”.

Sua idéia de um verdadeiro misticismo transparece quando declara, radicalmente, que para pronunciar o nome de Deus, e preciso despojar-se da carne. No entanto não pode abrir mão das tentações do mundo, como a publicidade de sua obra e as delícias do erotismo. Por isso o paradoxo entre o terror e a fé, a aproximação e a súbita negação de Deus: “Porque não existe, Deus existe”. A contradição flagrante se verifica também em Fernando Pessoa, Lautreamont e Augusto dos Anjos, visionários e ídolos de Jap. “O escatológico me persegue e me fascina”, assevera convictamente. “As pessoas malditas assumem sua própria perversidade, possuídas pelos demonios. Os poderosos da política são todos assim. Quanto a mim, faz parte de minha natureza, a integração no universo da condição humana, social, política, mística, religiosa e filosofica”. Alcides julga que certos poetas nascem como o Messias, marcados pela estrela dos magos, para sofrer, amar e morrer. E vivem do desespero e da esperança pela salvação. “Sou mais místico do que satânico. O Satanás em minha

obra é uma figura de retórica para ridicularizar a mediocridade burguesa. Sou uma montanha de paradoxo. Todos somos tarados. É esta uma faceta da vida”. Acredita que “não existe culpa nem pecado para nada que se faça na vida”. É a consciência do homem que estabelece ou não a culpabilidade. “Não inventamos a natureza, portanto não somos responsáveis por aquilo que não inventamos”. Essas diretrizes que formam sua verdade íntima o tornam sagrado e profano ao mesmo tempo. Um sujeito mergulhado na sujeira do mundo até a alma. “Não faço concessão ao decoro”. No entanto, acredita que se fosse julgado pelo Tribunal Divino sua bagagem literária lhe “asseguraria o Reino”. “Escrevo por destinação, por uma necessidade orgânica e espiritual. A arte é um tormento e um calvário. Numa entrevista ao jornal Diário do Nordeste, de Fortaleza, perguntado sobre a razão da antonomásia de maldito e fescenino, respondeu: “De que luz são feitos os meus testículos? Meu corpo desprende som e luz, sou uma arca onde guardo poemas e amores mortos, um nicho diante do qual me ajoelho; sou uma boceta que expelle urina e proporciona prazer e carrega o orgasmo até o útero onde a vida ser anima. Não faço muita diferença de um redemoinho que levanta poeira da terra, destrói o ninho e a flor, a fragância e o ócio, mas amo as nuvens, as estrelas e as auroras onde minha alma se ilumina”.

O sem-sentido da vida está retratado em livros como *O Enigma*, *O Sonho e Estação da Morte*, que compõem a trilogia *Tempo dos Mortos*. Nesses livros o motivo ventral é a situação de um paciente no hospital a espera de sua cirurgia, assaltado pelo sentimento de desespero e expectativa. A angústia dos personagens foi vivida pelo autor, que experimentou semelhante drama em sua vida pessoal. No *Poema à Difícil Realidade*, publicado no livro *Poeta Fui, Ora Direis*, sobressai o tom melancólico e as imagens insólitas, características marcantes do poeta maldito: “meu peito é uma arca fechada/ guarda o ruído de um furacão e se contorce como lagarto queimado”. A desolação e o desconsolo em que se encontra o levam a refletir sobre o modo de reencontrar os bens que dissipou: confessa-se um pródigo irremediável. “Que devo fazer para reaver o que perdi?/ Nada; pois perdi o que não tinha/ .../ perdi o que não podia perder: o caminho de casa”.

Alcides intitula-se “um viadão clássico-moderno” porque está na linhagem de Gide, Oscar Wilde, Proust, Stravinsky. Nesse sentido não tem nenhuma objeção a ser assim apodado, e faz mesmo questão de ter esse título que considera honorário, de nobreza, uma espécie de lema de vida, um ex-libris, uma legenda, de acordo com sua arte anti-convencional. Dentre os poetas brasileiros, gosta de Olavo Bilac, Raimundo Correa, Alberto de Oliveira, Castro Alves, Augusto dos Anjos, Cruz e Souza, Gonçalves Dias e Moacir de Almeida, que ele chama de “menino gênio”, morto aos 22 anos de idade, autor de um único livro, “Gritos Bárbaros”, pequena obra prima da poesia brasileira.

Relembro que, na década de 80, quando íamos diariamente à Praia

do Futuro, Jap gostava de recitar, antes de mergulhar, a primeira estrofe do poema *Mar*, de Gonçalves Dias: “Oceano terrível, mar imenso/ de vagas procelosas que se enrolam/ floridas, rebentando em branca espuma/, num polo e noutro polo./ Enfim... enfim te vejo: enfim meus olhos/ na indômita cerviz trêmulos cravo/ e esse rugido sanhudo e forte/ enfim medroso escuto/. Recordo também que ele costumava citar trechos de seu próprio poema “Unicórnio Dourado”: “a poesia é didática, luz sobre a história e esquecidos altares”. Ao recordar aqueles alegres passeios, Jap diz que somos da mesma idade, entidade e identidade de ideias. E de subitito afirma que a vida é tragica, o destino é cruel, não é um jarro de flores. Então enveredamos pela metafísica, campo onde divergimos em alguns pontos. Diz ele que o espírito se desintegra em 10 mil elementos de movimento de luz e som, mas quanto a voltar a um corpo, não acredita que isso seja possível depois da morte. Argumento que, se o espírito não reencarnar, nós, humanos, teremos uma chance única de nos salvar. Então, faço as seguintes perguntas. Se não conseguirmos nos salvar nesta única encarnação, que acontecerá com o plano divino de redenção da humanidade? Será que uma só encarnação é suficiente para que possamos nos purificar? E quanto aos puros, também se dissolverão? Então Jap entra em contradição e concorda que é possível que a consciência não se dissolva em elementos cósmicos, pois acha que os espíritos que se purificarem terão a chance de ficar ao lado de Deus.

De repente, quando a conversa está enveredando demasiado no âmbito da espiritualidade, Jap muda estrategicamente de assunto. O terreno do transcendentalismo não é bem o seu forte. Prefere o domínio da escória e da podridão mundana, onde, qual abutre, recolhe imagens repugnantes para cingir a aura do seu poetar. Então reitera que esta no mesmo patamar de Proust, Stravinsky, Gide, Oscar Wilde e Baudelaire. Encontra ressonância nesses monstros sagrados, em sua universalidade. Escolheu a transgressão como deusa e musa, como dele afirmou Ivan Junqueira. De fato, veja-se a agressividade destes versos que exprimem, a um só tempo, repugnância, abominação e asco: “Es mais perversa que o assassino e tua alma está cheia de piolhos e moscas como um monturo onde se atirou uma carniça. Com nojo de ti as próprias víboras vomitam do ventre amaldiçoado os folhos que acabaram de engolir. Talvez os vermes, que são numerosos, e que se multiplicam debaixo da terra, recuem diante de tua podridão, que não é só a do corpo mas a da tua alma disputada por demônios!” (O Amolador de Punhais - 3 Episódio). De fato, impropérios diabólicos, pesadelos, cemitérios, crimes, imprecações e outras realidades nauseabundas encerram o desatino léxico, a morbidez vocabular de sua obra de ficção e de sua poesia. Por tais atributos, fecundo escritor de têmpera indomável, Jap se credencia à posição de lídimo herdeiro de grandes malditos como Rimbaud, Lautreamont e Baudelaire. Com efeito, ele mesmo confessa seu gosto pela

escória e pela prostituição. Já que beijou travestis, pensando que fossem mulheres e quando percebeu já era tarde. Estava com o pé na escada de seu apartamento e “salve-se quem puder...”, como ele próprio diz. Enquanto a maioria dos poetas zela criteriosamente pela reputação moral e pelo prestígio social, José Alcides faz pouco caso se o chamarem de doido. Faz mesmo questão de forjar uma imagem de doidice, insensatez e devassidão em torno de sua aura. Segundo declara, essa é uma ideologia intrínseca, um atavismo seu, parte de sua própria vida e do absurdo existencial.

Apesar de todos estes rompantes amorais, Jap diz, surpreendentemente, que o homem não deve largar sua primeira mulher, isto é, aquela com quem se casou. Não deve fazer como ele fez e depois se arrependeu. Nunca mais se encontra outra igual. Mesmo tornando-se velha e fria, devemos nos manter casados com a mulher do legítimo matrimônio, aquele que o padre e o juiz sacramentaram em suas instâncias de poder. Pode-se fazer umas piruetas por aí, mas depois voltar pra casa. Não se deve arranjar cumplicidade com ninguém. Ser cúmplice apenas de si mesmo. Vê-se, por trás da rigidez aparente de sua moralidade, a flexibilidade com que a velocidade com que a reverte em nome da libertinagem.

Volto ao tema do espiritualismo e lhe pergunto se concorda que no plano astral superior Deus pode nos ter reservado uma vida maravilhosa, plena de êxtase e que pode valer a pena estar naquele lugar. Se ele acredita numa vida espiritual, além desta vida em que encarnados, talvez melhor que esta que vivemos em matéria. Quem sabe nesse reino da eternidade ficaremos em situação melhor que esta do mundo terreno? Quem sabe? E nós ignoramos tudo sobre tal paraíso enquanto permanecemos exilados na terra. Então Jap argumenta que se Deus eventualmente nos reservasse prêmio, é preciso que tenhamos mérito para tanto. Mas onde vamos arranjar esse mérito? Que mérito temos nos para que Deus nos entregue tamanha dívida? Seremos filhos dele, digo eu. Ao que Alcides replica: sermos filhos dele não significa sermos canalhas, bandidos, maltratarmos nosso próximo, deixando as crianças morrerem de fome como fazem os governadores e presidentes? Negligenciando a educação? Quem não tem educação só pode ser um criminoso! brada o poeta. Mas alego que há pessoas que estão se dirigindo no caminho do bem e os que não estão, também estão purgando, e um dia pagarão toda dívida moral que tiverem, até se tornarem dignos do Reino. Passarão por sucessivas reencarnações até merecer o lugar esplêndido que Deus nos reserva. Quem sabe essas pessoas que você admira, e diante das quais fica perplexo de ver que tiveram de abandonar cedo a matéria, ceifadas precocemente da vida material, quem sabe essas pessoas estejam num lugar melhor do que nos aqui, que estamos enfrentando as lutas pela sobrevivência no planeta? E Alcides responde então, em flagrante paradoxo: ninguém pode saber os desígnios de Deus. Deus disse: procura e encontrarás, bate e a porta se abrirá. Eu sou o

caminho, a verdade e a vida. Portanto, os que não seguem Jesus não podem ter esse destino reservado. Digo, em seguida, que com certeza os que o vem seguindo já estão lá, porque Deus faz tudo da melhor maneira possível e ninguém deve duvidar que Ele faz as coisas com perfeição. Quem duvidar disso está blasfemando. Deus é a perfeição e faz tudo de forma perfeita. Os mistérios de Deus têm uma lógica, nós é que não os entendemos ainda. Eles deixarão de ser mistério quando compreenderemos esta sua lógica. E se Ele faz tudo de uma forma absolutamente perfeita e correta, nós é que precisamos melhorar o nosso grau de compreensão para entender esta verdade. E como melhorar, pergunta ele? Através não só da oração, mas de uma prática de vida condizente com as instruções do Divino Mestre, respondo eu. Mas Alcides não aceita estes argumentos, que considera “kardecistas”. Em compensação, chamo-o de existencialista radical e de agnóstico. Mas ele dá uma gargalhada de deboche e diz: “a vida é muito trágica. Se acaba tudo num abrir e fechar de olhos”.

Uma maneira de compreender a vida com tal carga de ceticismo faz lembrar o filósofo espanhol Miguel de Unamuno, um místico martirizado pela sentença de suas próprias dúvidas. Contudo, quando Alcides entra em fase mística, repudia a sua poesia erótica, como uma agressão ao espírito, e se agarra de tal maneira com o socorro divino, que faz promessas e penitências que seriam impensáveis em seu estado de lucidez racional. Aflora súbito sua natureza religiosa, e com incrível força dogmática. Jap explica que esses fenômenos de sua conduta se devem ao profundo misticismo e transcendentalismo que o caracterizam e que se refletem na sua poesia. Esse paradoxo seria normal em pessoas sensíveis como alguns poetas que, como ele, têm traumas espirituais. Mas em seus momentos místicos, sente uma espécie de remorso, um peso na consciência pelo que praticou de errado e adomina as blasfêmias que falou e as patifarias fesceninas que praticou. Segundo me revelou, essas fases acontecem nas mais diversas circunstâncias, e não apenas quando está atravessando um período de crise, pressionado por algum distúrbio de saúde. Quando está amando, por exemplo, também se torna religioso e menos revoltado com a vida. Atualmente apenas uma preocupação o aflige: a idade está avançando, a velhice começando a chegar e a deixar suas marcas. E constata perplexo, perguntando a si mesmo: Que fiz eu para a minha alma? Nada. E tem vontade de pegar o manto que está guardado no armário da fazenda e vesti-lo. Contudo, desiste da idéia, com medo de não poder mais cuidar de suas filhas Alesandra e Jamaica. Para doar-se completamente a religião teria que renunciar a todo conforto material e viver de pedir esmola, comendo apenas quando alguém lhe desse algo. Acha que não tem saúde pra enfrentar uma vida de penitência, pois fez várias operações para extirpar uma série de doenças que sofreu ao longo dos 74 anos de vida. Lembra o dia em que encontrou os dois frades franciscanos na igreja do

Carmo, ambos de pés descalços, com os pés cortados e sangrando. Ao vê-los, foi ao encontro deles e disse: “frades, por obséquio, sou uma pessoa mística, religioso e tenho vontade de um dia entrar num convento, mas tenho medo de não conseguir-me manter lá dentro, dar continuidade, e fracassar”. E acrescentou, justificando, deste logo, a sua incapacidade de realizar o ideal místico: “Tenho também crianças que preciso educar”, referindo-se as duas filhas e ao Artaud, cujo nome foi dado em homenagem ao poeta frances que tanto admira. Posso deixar-lhes uma pensãozinha, mas não é suficiente. Preciso orientá-los”. E os dois monges o consolaram dizendo-lhe que sua intenção já significava algum crédito ao prestar contas no Juízo Final. Explicaram-lhe que andavam descalços porque Sao Francisco não usava chinelo. Então Alcides disse, “mas vocês estão com os pés sangrando ...” E eles responderam: “mas isso não importa, quanto mais cedo se morrer melhor”, concordando com S. Teresinha e S. João da Cruz, que disseram “morro porque não morro”. O exemplo dos dois ascetas lhe deu entusiasmo para renunciar a tudo, mas não teve forças para concretizar esse projeto redentor. Ficou admirando à distância o procedimento daqueles pessoas notáveis, que se entregaram inteiramente a vida monástica e à atividade religiosa. Na lista dessas pessoas incluí a princesa Diana Spencer, pelo exemplo de humildade que ela deixou. Quando tomou conhecimento de sua morte ficou profundamente chocado e chorou muito. Teve vontade de imitar-lhe o exemplo. Abandonar as futilidades da sociedade aristocrática, trocando a ostentação dos castelos da monarquia inglesa pelo ninho frágil das crianças pobres. “Me deu vontade de largar tudo. Não existe nada de permanente no mundo. Se eu ganhasse 5 ou dez milhões na loteria dividiria a metade com os pobres”. Contudo, acha que já pagou muitos dos pecados que cometeu: “Um homem que tem uma vida interior esfacelada como eu, com a alma cheia de punições espirituais ...”

Entre os momentos felizes da vida, recorda o mais feliz de todos. Foi quando adotou, com oito dias de nascida, Alesandra, que passou a chamar-se Alesandra Maria de Andrade Pinto, e cujo pai não conheceu nem procurou saber quem era. Este foi certamente um ato de extrema generosidade humana, pois trouxe para sua companhia uma pessoa que pertencia apenas a Deus e essa pessoa o fez muito feliz. Recorda também, como o dia mais triste de sua vida, aquele em que Chico, seu irmão, morreu de câncer. O sofrimento foi muito grande e ele acompanhou todo o processo de dor porque passou o inolvidável Chico Pinto. Só a morte poderia separá-lo daquele irmão a quem se sentia espiritualmente tao ligado. O irmão a quem ele queria mais bem. Também um grande amor fraternal o ligava à Gercy, irmã que morreu antes, mas com ela não conviveu tanto quanto com o Chico. Ele era o seu braço direito. Quando viajava e chegava em casa, se a televisão estivesse quebrada, o Chico imediatamente mandava consertar. Quando queria pagar, ele dizia, “deixa

de besteira, poeta, vai cuidar da tua vida”. Trabalhava no Banco do Brasil, vivia muito bem e sempre ajudou o poeta nos momentos de necessidade. Mas sentiu sua morte não porque o ajudasse, mas por puro amor e apego a uma pessoa de um coração incrivelmente humano. São os dois extremos que marcam o poeta na terra. Teve inclusive uma experiência mística, uma visão premonitória da morte de sua irmã Gerci. Essa dor que ainda hoje o persegue. Ela era muito bonita e religiosa. Sua morte em plena mocidade abriu um vazio dentro de si. Foi no tempo em que morava no Recife. Sua imagem se fixou em sua retina e está presente em toda a sua poesia.

A idéia de uma concepção existencial do mundo aparece na maior parte dos seus poemas. Um dos que escreveu num hospital, quando achava-se enfermo e que se chama O Tempo da Morte, bem exemplifica esta concepção: “O tempo da morte/ é o tempo da inerte/ é o tempo do corte/ é o tempo do forte”. Dá testemunho da dura realidade e dos padecimentos porque teve de passar quando se submeteu às operações. O tempo do corte exige do homem a força para suportá-lo, força que só se encontra na fé, pois no momento de angústia, se não recorremos aos poderes divinos, a sensação de desamparo e abandono torna o sofrimento ainda mais desesperador. “É o tempo da foice,/ que ceifa sem dó/ é o tempo-lamento/ das penas de Jó”. A foice aqui adquire dois significados o de bisturi e o da própria morte. A noção de existencialismo está sobremodo ligada a de espiritualidade na arte de Alcides. O medo, os perigos, a perspectiva inesperada, tudo assusta o frágil ser humano em sua condição mortal. A vida é plena de sobressaltos, expectativas fatídicas: “A vida é esta/ armadilha (oculta?)/ entre o passo, o pânico, o grito, o desespero” (Vida-Havida). “Tudo é ventura, mágoa e vão contraste” (Camões). Mas, simultânea à impressão do pânico iminente diante do trágico e do efêmero, sobressai algo de devoção, de confiança e de entrega ao poder da fé: “Com o teu rosário de contas estelares/ e a cruz de Cristo - quem poderá investir contra tua fúria?” Nestes versos dedicados à sua mãe, o arquétipo da mulher se transfigura na mágica da metalinguagem, torna-se a heroína invencível, por divinas razões. Torna-se o sustentáculo da casa, a estrutura sólida da própria vida: “porque tu és os contrafortes, a cumeeira, a cobertura protetora da prole de teu útero/ forte como o amianto. Desse modo, é instantânea na poética de Alcides a transmutação do realismo mágico e do terror na esperança na redenção do espírito. O mesmo impulso que o fez crer e descreer, impele o pêndulo da esperança e do desespero, que o anima a voltar a vestir o manto franciscano e ao mesmo tempo o mantém prisioneiro no cárcere dos sentidos, pois a vocação da carne não lhe permite o gesto desprendido. No formidável texto de “A Pequena Varredora”, do livro “Ordem e Desordem”, há exemplos da perfeita conjugação entre o existencial e o espiritual. A varredora é uma menina frágil e inocente, que inconsciente da grandeza do seu ato, limpa a escória do mundo, a

perversidade dos ditadores, o cinismo dos párocos, o vômito dos bêbados, etc. “Tanges a vassoura com tamanha leveza/ tal pássaro que se alça ao morno vento da tarde”. Em versos que relembram Victor Hugo, Alcides acentua o contraste entre a pureza, a formosura da criança e o lixo da hipocrisia e do crime da sociedade. Súbito a varredora se transfigura em mito. É Vésper da tarde, portadora de grande ventura, pois representa o ideal do belo e do verdadeiro, tão caros ao espírito. Tudo nela é delicado e frágil, seu corpinho franzino como uma pétala representa a esperança de transformação do mundo: “Oh princesa do lixo!/ Oh vestal! Oh sílfide!/ Flor que recolhe o lixo em seus perfumados pistilos,/ O rouxinol e o sabiá cessam o seu trinado/ quando tu passas bailando com tua vassoura/ empurrando o lixo para o corpo acéfalo do mundo?”. Como as coisas puras e os seres sensíveis, a varredora se expõe aos perigos de um mundo perverso -- aos microbios que se agitam no ar quando ela tange a poeira com leveza de pássaro que se alça ao vento da tarde.

A miséria social é desvelada entre as tenebras do horripilante, em meio ao pavoroso quadro de podridão, de abutres, de insânia e de vezânia que prevalece na vida dos homens. Súbito, o sobrenatural e o fantástico assomam no discurso e a natureza se transfigura. No poema “A Miséria Poderosa”, em Os Amantes, o mar ergue as pálpebras para ver o espetáculo oprobioso da miséria em seus redutos de lama. O discurso oscila entre a indignação diante da condição humana e a exaltação do mar como fonte de inspiração e alumbramento. Em metáforas inusitadas que configuram um paradoxo entre lirismo e irreverência, entre a admiração ante a grandeza oceanica e a visão indesejável da peste, da chaga que penetra no coração humano, a alma geme, “como um vulcão rompendo suas milenares cadeias”.

Explica o poeta que os seus procedimentos díspares na vida se devem a natureza bruta, selvagem, contraditória, mística, sensual, lírica e ética de si mesmo. A própria vida é cheia de paradoxos, pois nos traz inesperadamente e aparentemente sem motivo, alegrias e tristezas, vitórias e derrotas, dávidas e sacrifícios. Confessa que já não se empolga como antigamente quando vê um livro seu publicado. Aos poucos se lhe desaparece a mocidade e com ela a alegria de viver. Já não tem boa saúde. Fez várias operações, e atualmente se queixa de dor nas pernas, por causa de varizes. “Não dá mais pra ter uma mulher na vida com essa idade”, lamenta. E reconhece que cometeu pecados. Houve o caso da portuguesa com quem namorou quando morava no Rio e que, anos depois ao regressar aquela cidade, foi visitá-la e ela que não quis nem recebê-lo, dizendo “você acabou com minha vida e não quero lhe ver mais não” e bateu a porta. Jap diz que em seus 74 anos bem vividos já fez muita coisa ruim, “eu sou um homem sensual ...” Trata-se de Adelaide, mulher alta, magra, e linda portuguesa que namorou no Rio. Ela trabalhava no IPEC e morava em

Botafogo. Teve um sonho com ela como se estivesse acordado. Ela aparecia velha, gorda, pobre, horrível. O cabelo crestado. Levantou-se apavorado. Depois de uns 4 ou 5 anos que teve o sonho, voltou ao Rio de Janeiro, e foi à rua Farani para encontrá-la. Tocou a campainha, ela abriu a portinhola e perguntou quem era. E apareceu com a mesma imagem do sonho ... E ao perceber que era ele, gritou: “você acabou com minha vida ... vá embora ...” E bateu a porta, como uma maldição. Ele hoje tem remorso pelo que fez e diz que viveria com ela, mesmo com aquela cara de espantinho. Mas ela deve nutrir grande ódio pelo poeta, pois disse ao vê-lo, “você acabou com minha vida”. Soube depois, através do porteiro do prédio, que a mãe de sua ex-musa morrera havia alguns anos e que desde então ela sofria constantemente com crises nervosas. A propósito de sua vida dissoluta, Jap confessa que só veio criar juízo depois de velho. Antes era um bandido honesto e decente. Mas sempre foi um visionário do sonho, pois só o sonho da arte e o extravazamento do sexo podem redimir o ser do absurdo existencial.

Alcides acredita que uma pessoa não é culpada pelo sofrimento causado a outra por falta de conhecimento. No entanto, terá de pagar por tudo quanto faz de errado, mesmo se o fez pensando que estava certo. Constata o quanto é difícil aniquilar todo o orgulho: só Deus pode dar força pra se cumprir uma destinação destas. Se assumisse a condição de asceta resolveria o problema da angústia espiritual, pois perderia todo o amor próprio, imerso na solidão metafísica. Seria a renúncia total ao mundo. Então pergunto-lhe se em sua opinião essas pessoas renunciadas, como os dois monges que conheceu na igreja do Carmo, estariam realmente na plenitude de sua satisfação espiritual. Ele me confirmou que acredita que aqueles anacoretas já não estão sofrendo com o mundo, pois as coisas mundanas já não os interessa. De todo modo estão causando sofrimento físico à matéria, à carne, mortificando-a, mas estão salvando a alma através do jejum e da maceração do corpo, como fazem os santos. Pergunto se esse sofrimento imposto ao corpo não seria mais cruciante que o sofrimento da não-renúncia, ou seja, a dor de viver sem uma entrega total à vida religiosa. Diz ele que deve haver um conforto espiritual para quem pratica isso. Tem certeza de que se chegasse a acabar com o orgulho e se suas filhas tivessem uma melhor condição material, se se tornassem independentes e não corressem o risco de morrer de fome, ele seria capaz de pedir esmola tranquilamente. Renunciaria à beleza e à sensualidade do mundo em busca de uma beleza maior, da verdade maior que é Jesus. Seria um ato impessoal, ditado pelo espírito. Teria a coragem de viver sem qualquer ambição literária, anônimo perante os homens, mas reconhecido por Deus. E mesmo que pensassem que ele estava doido, não se incomodaria. Jamais se incomodou com o que quer que pensem a seu respeito, e não seria agora que se perturbaria com a opinião dos outros. Argumentei que considero

possível a plenitude espiritual sem a renúncia, isto é, com a pessoa usufruindo dos bens do mundo, ao que José Alcides redarguiu que alguém usufruindo dos confortos materiais teria mais dificuldade em entrar no reino do céu: “mais fácil seria um camelo passar dentro de uma agulha. E acrescentou: “Meu reino não é deste mundo”, como reforço ao seu argumento.

De súbito empolga-se com outro assunto e começa a falar de poesia. Colocamos duas cadeiras no meio do terreiro, no terreno em frente à entrada da fazenda e vimos o por do sol e o aparecimento das primeiras estrelas no céu do sertão. Um espetáculo que só quem viu sabe a beleza que se revela. As Terras do Dragão estão circundadas pela Serra do Mucuripe, que no crepúsculo se envolve de cores de diversos tons e uma brisa balsâmica vem nos deleitar e reconfortar do calor sufocante do começo da tarde. Depois de alguns minutos de contemplação da paisagem, o poeta recomeça a falar, velozmente: “Todos reconhecem o meu talento”. E sabem que sou um marginal clássico-moderno. Qual o escritor que tem esse desprendimento que eu tenho, de viver com uma nêga, uma cabocla? Só Camões. Viver com mulheres sem nenhuma condição moral, passear com elas na frente de todo mundo e assumir. Eu não minto, é muito difícil eu mentir ... Já ouvi certo poeta amigo dizer que queria o caixão mais caro, as vestes funerárias mais bonitas para as pompas de seu enterro. E a melhor classe de amigos, pessoas nobres para acompanhar o féretro. Eu prefiro uma rede, um caixão de terceira classe. Se me dessem a sereia de ouro eu mandaria empurrar no rabo, não quero sereia de ouro, não quero academia. Pra que? Eu nunca quis academia. Só aceitei uma placa na casa onde morei porque foi uma homenagem a mim dedicada pelos artistas que pintaram os murais”. Na casa na rua Rodrigues Júnior, onde morou durante alguns anos e que foi vendida e um advogado para servir de escritório, tem hoje uma placa de bronze como tributo ao poeta. Jap vendeu-a e com o dinheiro comprou a fazenda Terras do Dragão e a casa da Vila Cordeiro, onde atualmente reside. Para não parecer que saiu perdendo, disse-me que se não a tivesse vendido ela teria caído por cima dele. O advogado a reformou. Foi um mal que veio para o bem. Os pintores vão morrendo mas a obra fica eternizada. Disse isto referindo-se aos murais pintados por diversos artistas plásticos cearenses nas paredes da casa. Na parede de sua casa atual na Vila Cordeiro, conserva a foto em que figura, vestido com o hábito franciscano, ao lado de uma plêiade de poetas, todos seus amigos: Antônio Girão Barroso, Otacílio Colares, Caetano Ximenes de Aragão, Milton Dias, Barros Pinho e Artur Eduardo Benevides. Destes amigos só três ainda estão vivos. Oh vida terrível! exclama, meditativo.

Na época em que estava trajando o hábito franciscano, no ano 1980, em cumprimento a promessa que fizera, por recuperar a saúde, ficou ressentido com um certo confrade, um escritor de renome em Fortaleza,

que ao vê-lo andando de chinelos, parou o carro e o criticou, asseverando que um escritor de sua categoria não deveria andar de chinelos, pois envergonharia a classe. O beletista não entendera o seu gesto e certamente, pensou: isso é um doido! Um irresponsável! Só faltou dizer... E depois de fazer-lhe tal advertência, arrancou o carro bruscamente. Mas Alcides compreendeu a atitude do amigo e acha que não foi uma estupidez, mas uma atitude que traduz o modo de pensar dos burgueses. O cidadão ia dentro de um carro de luxo, tinha muito dinheiro. E é natural que com o status social que tinha não tivesse a coragem de trajar um manto franciscano e nem mesmo a sensibilidade de entender a dimensão de tal atitude.

O poeta me recomendou escrever tudo isto, para servir de exemplo ao pessoas que como ele erraram e hoje estão pagando. Noutra ocasião em que vestia o hábito, quando passava por baixo de uma construção com sua filha Jamaica, uns operários gritaram: “respeita a moça, padre safado!” Alcides fez pouco caso da ignorância daqueles trabalhadores que jamais leram sobre a vida de um místico e jamais entenderiam o procedimento de um monge. Ao invés de ficar magoado com as zombarias de que fora alvo, andava com níqueis nos bolsos para dar esmolas a quem lhe pedisse, de tanto que já estava afeito ao hábito. Contudo, mesmo de balandrau não pôde evitar o assédio de uma freira. Tudo bem: a carne é fraca e o demônio é forte, tem muita astúcia. E a promessa foi com São Francisco, não com as mulheres ... Também na época em que estava de batina uma mulher pediu-lhe que fizesse uma promessa para seu marido deixar se beber. E o seu conselho foi o seguinte: largue esse vagabundo e arranje coisa melhor.

A cirurgia que motivou a promessa foi devida a uma pedra nas vesícula. A radiografia acusava um tumor. Daí a promessa. Comprometeu-se a não mais escrever poesia obscena e a rasgar os poemas imorais que já publicara. Então, depois que teve a confirmação de que não se tratava de um caso grave, começou a portar o manto franciscano em sinal de gratidão a Deus pela graça alcançada. “Sou um cristão primitivo e a meu modo; declara convicto. “Tudo o que vem de Deus é bom, mesmo que venha com a aparência do mal. Ao todo fez dez operações: vesícula, úlcera duodenal, hérnia inguinal, cisto na garganta, apêndice, amígdalas, próstata, etc. Em todas as ocasiões se sentiu desesperado no período pré-operatório e recorreu a Deus, tendo encontrado amparo na Providência Divina.

“O”, o vento, o vento, este higiênico ladrão universal. Oh frase bonita, é um viado! exclama “elogiando” a si mesmo. Não existe nada no mundo a não ser poesia ... Como é que morre uma mulher linda daquela com trinta e poucos anos de idade?”, (refere-se à princesa Diana). Contou-me então o que sabia sobre a vida da princesa. “Ela nunca teve prazer na vida. Casou-se com um cara que era um bruto, que já tinha outra mulher e ela não sabia. Então começou a sofrer estupidamente. Pegou uma doença

estranha, em que a pessoa come e depois vomita tudo em seguida”. Depois veio a frustração e Diana tentou o suicídio várias vezes. Renunciou ao trono e à riqueza e veio o divórcio, que foi uma humilhação terrível. O mundo veio acusando-a de prostituta. Depois de tudo isso ela chutou todos os prazeres da vida e começou a se dedicar a viajar e visitar os pobres, as crianças da Etiópia, da Bósnia. No Brasil subiu o morro de pés descalços, vestida com roupas comuns. Passou mais de dez anos peregrinando assim e fundou sua própria irmandade beneficente, com a ajuda de Teresa de Calcutá. Deu quase tudo o que tinha para a irmandade. E quando havia encontrado o cara com quem poderia viver um grande amor, subitamente perdeu a vida. Diana renunciou a tudo, a riqueza, a beleza, etc. Esses nobres são um bando de devassos, só ela teve a coragem de tomar uma atitude desprezada desse tipo. Alcides confessa-se fã incondicional de Diana Spencer. Disse que chorou imensamente a morte da jovem princesa e acha que o seu exemplo deveria ser imitado principalmente pelas pessoas ricas. Colecionou seis revistas sobre Diana e leu tudo o que foi publicado sobre o assunto na imprensa brasileira.

Continuamos a falar sobre temas metafísicos. Digo-lhe que, em minha opinião, pode ser que haja uma lógica por trás dessa aparente absurda realidade, a qual, por falta de conhecimento, não estamos ainda capacitados a entender. Mas há pessoas que entendem isso. Essas pessoas que adotam o procedimento de renúncia certamente têm um esclarecimento, por inspiração mística, sobre essa realidade. Mas Alcides me interrompe e assevera: Só o Messias sabe. Ninguém mais conhece os desígnios de Deus. Quanto a explicação do kardecismo, de que certos acontecimentos na vida são consequências de atos praticados em vidas anteriores, ou nesta mesma vida, acha que este conhecimento não nos dá nenhuma paz. Argumento que pelo menos se pode saber que existe uma lógica, que nada é tão absurdo. E Jap contesta: de nada serve essa lógica para a conformação do nosso espírito, nossa paz interior. Só Deus sabe se voltaremos ou não reencarnados. Insisto no tema. Digo que existe o ensinamento dos profetas, dos sábios antigos e que se obedecermos tal ensinamento poderemos nos livrar de muitos perigos e evitar muitos danos. Mas não se pode evitar a morte e o envelhecimento, e aí reside todo o problema, retorque Alcides. Ninguém aceita a morte. O sofrimento é a purificação, mas é preciso renunciar a todas as comodidades do mundo renunciar à saúde, como os frades franciscanos da Igreja do Carmo. A própria irmandade não aceita o ascetismo deles, e por isso vivem como marginais e mendigos, atirados num cubículo no subúrbio de Fortaleza. Porque São Francisco era assim. Viver como São Francisco viveu é renunciar a tudo, prazer, dinheiro, fama ... Replico que cada pessoa tem o seu caminho, seu método de evolução ... E Jap interrompe, taxativo: “não se pode seguir o caminho de Deus sem renunciar aos bens materiais”.

Insisto em que seria possível aceitar os desígnios supremos de uma forma serena. sem temores ou conflitos, sem necessidade de viver como um mendigo, pedindo esmola irresponsavelmente. Ademais não adiantaria forjar uma aparência de santidade, o que importa é o sentimento interior de desapego e de amor ao próximo. A conversa vai tomando um rumo excessivamente polemico e resolvemos mudar de assunto. É justamente nesse momento que sobrem a inspiração e o poeta começa a recitar, criando de improviso, os seguintes versos que anotei num caderno:

“Há um urubú voando no céu escampo./ Contemplo as pedras, as pedras milenares./ Que alma possuirão?/ Como as fogueiras, elas ardem em seu interior./ As pedras ancestrais como os poetas/ e como os poetas ancestrais as pedras também se comovem, /diante do homem, da grandeza, da firmeza/ e da fragilidade do homem,/ pois tudo o que existe é frágil,/ menos as pedras, os rios, os mares e os astros./ Por acaso uma mulher é frágil?/ Uma mulher que fecunda o homem não pode ser frágil./ Ela é a matriz e o homem é apenas uma fonte de referência./

... Belas e afagantes carnaubeiras,/ que belos seios possuis?/ Que coração de morto os suspeitaria?/ Não, vos sois a vida, que nasce do caule,/ das raízes, da terra e chegais a uma altura invejável?/ Vossa cor, no verão ou no inverno é sempre verde,/ como a esperança, o amor, a vida nascente,/ a vida de todas as horas, de todos os dias, eterna./ Vós sois o cálcio da terra, a sutileza do olho, o gesto abençoado de Deus, a menina que cresce em esperança. E como a fada sonha, como a vaga emerge sob a dança do vento.

Oásis onde impera o verde e a vertigem/ e onde a imagem da Graça se reflete/ na superfície tranquila e solitária das águas./ Por um momento só,/ oh lago, oh lago, estou, estaremos,/ eu e meu amigo, dois poetas aos teus pés para que nos abençoes/ e nos faças teu irmão/ na comunhão do espírito e do corpo de luz que afagas/ com os teus beijos imprevisíveis”.

Os urubus sorvendo a linfa da caatinga,/ enfileirados à beira dos açudes,/ como um exército negro,/ como um cortejo de vampiros/ devorando restos de uma raposa no asfalto,/ em plena tarde como frades malditos encapuzados e mórbidos./ Oh relação estranha de feiticeiros, oh ato inquisitorial de íncubos./ Voai, dispersai-vos no azul que tanto conheceis./ Maldita ave negra que lembra Baudelaire,/ corvos da noite, embriagai-vos,/ fugi, feiticeiras do medo,/ tabacaria do ócio, luz do ícone.

Apesar de parecer cético em muitas ocasiões, Alcides demonstra ser dotado de profunda religiosidade em outros momentos. Antes de comer, por exemplo, sempre reza agradecendo pelo pão de cada dia. Roga a Deus que “olhe para os vossos filhos que passam fome, injustiça, desespero, aflição e doença”. Foi criado em ambiente místico, onde se rezava antes das refeições, pela manhã e ao deitar. Isso ficou gravado em sua memória. Embora rebelde, jamais perdeu o sentido religioso. Tendo estirpe de

cigano, andando sempre com uma rede a tira-colo e uma mulher escanchada no ombro, mesmo assim sempre obedeceu a ditames de ética. Procurou ser bom filho e bom amigo. E se já mentiu a algumas mulheres, é que elas também lhe mentiram muito mais. Aliás, como escreveu no Relicário Pornô, toda mulher mente, e as que ainda não mentiram estão na fila esperando sua vez.

Sua obra reflete o lado cristão do homem. Fazia-me essa revelação quando chegou uma família pobre ao portão da cerca de arame, pedindo-lhe um resto de esterco que havia num monturo em frente a fazenda Terras do Dragão, para utilizar em sua plantação. Alcides deu-lhes o estrume e deu-lhes também pão e rapadura. Depois, continuou falando: “a quem pedir ou suplicar Deus ouve e atende. Pois tem o coração magnânimo e bom. A prece é um pedido. É preciso rogar a Deus que tenha piedade de nós. Deus também precisa de nós para que a palavra do Pai se cumpra. Ele precisa salvar o rebanho humano, torna-lo eterno, reunir os pecadores. Sua bondade é incomensurável”. E aí está o exemplo da mulher humilde, que ficou feliz de carregar três sacos de bosta seca. Uma mulher e duas criancinhas colocaram dentro de sacos o estrume para plantar sementes que Deus tornou pródigas para o mundo. Semear no seu canteiro, já que não pode comprar. Para ela, a mulher que lhe pediu aquele presente, o esterco seco de gado era mais precioso do que o ouro. A pobre mulher sentou-se sobre os sacos para descansar, quando eles estavam plenos. Depois seguiu com as duas crianças sob a quentura do sol, no meio do sertão. Perguntei a Alcides como faz sua oração noturna. Ele reza sempre em pé, pois deitado seria uma falta de reverência. “Jesus, dai-me força para morrer, assim como me deste para viver. E não vos ausentais do meu leito de morte”. Acrescentou que já tem o seu epitáfio: “aqui repousa Jap, um servo de Deus. Orai por ele”.

Seu misticismo tem momentos de transe e vidência. Viu a sua irmã Gerci, em pleno meio-dia, quando escrevia uma reportagem. Ela apareceu em sua frente, caminhou quatro passos sem se deter, esboçando um sorriso triste, passou como um vulto errante e desapareceu na parede ao fim da sala. Isso lhe suscitou maus presságios. No dia seguinte veio a confirmação de sua morte. Outro acontecimento extraordinário, uma espécie de revelação, foi quando encontrou a pedra discóide ou fóssil sideral. Considera o tal fetiche, encontrado na fazenda Equinocio, um signo do sobrenatural, algo que o distingue como uma criatura extraordinária dentre os humanos, “pois o mito só se revela a quem está destinado”. Trata-se da imagem de um disco voador em miniatura, diz o poeta. Encontrou o objeto quando fazia a sesta, andando a cavalo. Sentiu uma inquietação estranha e foi ao final do terreno da fazenda, onde os trabalhadores faziam uma cerca. A certa altura freou o animal, mergulhou as mãos em um seixo à beira do riacho e o objeto saltou-lhe aos olhos, estranho e enigmático. Logo pensou

tratar-se de um segredo da vida extraterrestre, um fóssil sideral. Esse objeto místico foi alvo de reportagens de diversas revistas especializadas em temas espiritualistas. O tal pedregulho espacial fez tanto sucesso que, segundo me revelou, vendeu-o por 14 mil reais a um engenheiro, que lhe paga o valor a prestação, até o ano 2000. Noutra ocasião, impelido por uma força estranha, descobriu na fazenda de seu irmão Chico Pinto, uma pedra com a forma de um braço, espécie de tótem que denominou de “o braço do primitivo”. Estes achados seriam sinais de sua missão de poeta místico, prodígios de sua vidência. A poesia é sentido e revelação em si mesma, enquanto enigma.

### **Erotismo e lirismo**

Quando lhe perguntei qual a maior fonte de inspiração para um poeta, respondeu-me: a mulher. Ela é a única coisa essencial para alguém que nasceu sensual. Gerardo Mello Mourao, poeta amicíssimo de José Alcides, diz que, como Lawrence, Alcides só sabe andar com uma mulher escanchada no ombro. Veja o exemplo de Deus, que fez Eva, como um complemento para Adão. “Eu jamais viveria sem o sexo, e quando digo o sexo, digo a mulher, digo a virtude, digo a religião, o misticismo e tudo o que é belo no mundo. As plantas, os animais, tudo tem sexo, todo ser da natureza tem o seu par, até as flores. A própria aurora tem seu dia. Ela se levanta sanguínea como um menstruo, depois sua luz é palida como uma mulher, como uma camélia, romântica. Tudo isso é o amor e tudo parte da mulher. Sexo envolve tudo. Nesse ponto lembrei-me de um poema em que Walt Whitman diz exatamente a mesma coisa: “Sex contains all”. A coincidência do seu pensamento com o do poeta norteamericano prova a existência da sincronicidade de idéias, que faz coincidir a maneira de pensar de alguns poetas. E prossegue, dissertando sobre o tema: “só o mito pode viver sem uma mulher, porque está acima do bem e do mal e não possui um corpo como nós. Não se pode avaliar a dimensão enigmática do espírito. Mas o homem tem que ter uma mulher e ter sexo, no bom sentido”.

A aceitação total do erotismo é uma proposta de vida para a falta de sentido da existência humana. Na fusão de hormônios e sensações do ato sexual dá-se uma catarse, uma liberação dos males e da angústia do absurdo do mundo. A sua tese sobre a comunicação erótica figura no livro “Comunicação: Ingredientes-Repercussão”, escrito para servir de material de consulta para os seus alunos da Faculdade de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará. Num dos ensaios Jap expõe que o erotismo impregnou sempre a história da humanidade, desde os primórdios, mas acentuou-se hodiernamente com o surgimento dos meios de comunicação e seu aparato tecnológico. Todo esse aparelhamento audiovisual e

cinematográfico, que esta absorvendo os sentidos e subjugando a mente humana na forma de um condicionamento inexorável, tem como fundamento o apelo sexual. O certo é que, desde os povos primitivos, as imagens e a escrita pictórica já eram plenos de erotismo. A força de Eros atravessa o tempo e se revela no sincretismo religioso dos anjos e na conduta dos deuses e demônios da mitologia, pois se trata de uma energia que deriva da própria natureza. De resto, o sexo é indistinto da religiosidade, estando impregnado dela nas seitas orientais e na vida dos santos e ascetas, que maceram o corpo com flagelos e jejuns exatamente por causa do sexo. Tentam reprimir a força libidinosa que se apresenta maior do que a capacidade de reprimí-la ou sublimá-la. Na mente dos humanos, como no instinto dos animais e nos processos da natureza, existe um sentido de sexualidade. Sua obra não poderia desviar-se de tal realidade, que se apresenta como alternativa para o caos do mundo e como cumprimento de uma lei natural. O erotismo em sua poesia consiste na tese de que o imoral não existe, e sim a hipocrisia, que é revoltante. Embora se considere de natureza voltada à pureza, diz que não pode renunciar as vibrações do corpo, pois até as pedras amam. “Veja o orgasmo de Netuno boiando nas espumas do mar, o gemido voluptuoso e lascivo das sereias nas ondas”. Não se pode viver negando a fonte do prazer da vida. Mausie, personagem de *Entre o Sexo, a Loucura/ a Morte*, representa sua idéia de erotismo, de necessidade liberdade para o extravasamento da energia sexual. Ela é uma espécie de deusa do amor, dotada altíssima sensibilidade e vidência, mas possuidora de um furor lascivo incontrolável. Outro exemplo é o do vigário fornicador que mantinha relações sexuais dentro da própria igreja. Também o Coronel Antônio José Nunes, de *Os Verdes Abutres da Colina*, personificação do gananhão que cobre as fêmeas da região, inclusive as próprias filhas, conduta inspirada pelo demônio, que em sua fábula terminaria por destruir todo o povoado de Alto dos Angicos. Recordemos que o apetite sexual do personagem se transfere para o bisneto, autor do livro, cuja caricatura pode revelar uma versão de Príapo pós-moderno. A esse respeito Alcides declara-se capaz de enxergar uma bunda a uma légua de distância. Frases doidas como esta se encontram abundantemente no livro *Relicario Pornô*, que mereceria um capítulo à parte para comentá-lo. Há nele tanto versos de pesada pornografia quanto de mavioso lirismo. Por exemplo: “Que natureza possuo, capas de amar a mulher mais desprezível dos prostíbulos ébria e carregada de piolhos e afastar de minha presença, com uma estocada, uma infanta linda como a lua e mais sorridente do que o lago”. “Prostitutas! Ó virtuosas amantes! Antes que o pároco execute os ofícios da morte, ide colher boninas nos campos e entregai ao coveiro para semear na minha campa mortuária”. O escritor Pedro Nava elogiou, num artigo magistral, o talento e as dissolutas confissões do poeta pornógrafo. Viu nas revelações lúbricas do *Relicário*

um banho poético fornecido com a palavra livre de peias. Disse que só um imbecil não reconheceria a necessidade de investir contra o preconceito e o tabú imposto pela moralidade burguesa contra certas palavras, as quais, assim como os direitos humanos devem ser preservados, têm também direitos a serem acatadas. E identificou como poesia da melhor qualidade os versos de Cantiga: “Flor bonita é a da moça/ como a do maracujá./ Roxa per fora, e vermelha/ por dentro, se mergulhar/ Nas bordas que cor bonita!/ nos cachos do pentelhar. Que achado soberbo! exclamou o grande memorialista a respeito da palavra pentelhar, “um reencontro como espírito da língua (em todos os sentidos que se queira)”.

Perguntei-lhe sobre a origem do nome Terras do Dragão, com o qual batizou a fazenda. Explicou-me que se deve a uma profecia do Frei Vidal da Penha, segundo a qual, um dia aquela região viraria mar e um dragão correria sobre as águas. A terra se transformaria numa cama de baleia, por causa dos pecados de seu povo. Alcides, como autêntico nativo da região, não pode fugir das origens nem escapar da influência primitiva dos seus conterrâneos, dos quais herdou algumas taras impescindíveis. Portanto, não abre mão de seu misticismo e do erotismo que o faz andar sempre acompanhado de mulheres com os quais pode satisfazer os clamores da própria ancestralidade. “Esse homem parece que tem o diabo nos couros”, disse-lhe certa vez uma mulher depois de alguns momentos indescritíveis. Ficou apavorada: “com essa idade é capaz de tal proeza!” E ele respondeu: “é genético em mim, é orgânico”. Também o seu avô, personagem de O Criador de Demônios, tinha um caráter exacerbadamente libidinoso. Cobria as fêmeas como um touro reprodutor. José Alcides demonstra sua convicção fescenina, escolhendo, para as capas dos seus livros, fotos ou gravuras de mulheres nuas. O lirismo é indissociável do erotismo em sua poética. Veja-se o poema “A posse”, do livro “Ordem e Desordem”, onde há versos como “arranquei-te do sono - teu sorriso morno ainda dormia/ como as parcas nos túmulos marinhos./ E disse: despe-te - e tu te despiste/ pálida estrela morta na tarde transparente./ ... E te penetrei, como num rio seco uma fonte de água granulosa/ cansada de sedimentos pesados. No ato da posse, a integração com o elemento telútico, a imagem da mulher vinculada à fertilidade da terra e à vibração sensual da matéria. A mulher é “uma terra sofrida, úmida de lágrimas, sob a inclêmença do sol”. Há um contato estreito entre o amor físico e a comunhão com a natureza. No poema “Amada” diz Jap: “amor - palavra estranha - e risonho/ canto de pássaro tristonho”.

O erotismo se mistura ao lirismo também nestes versos: “o amor não foi feito para a felicidade do coração, nem da alma, mas para a saúde do corpo. (Idílio, em “Os Amantes”). O corpo existe impregnado dos desejos inerentes à carne, intrínsecos nos ossos e nos nervos. O amor não pode prescindir do ato sexual como satisfação fisiológica que o corpo tem direito

de exigir. Mas em sua poesia há também um sentido de enigma que transcende a dimensão do vulgar. E este é certamente o aspecto mais autêntico de sua arte. O misterioso que há no lirismo metafísico de poetas de grande estatura espiritual como Rilke, Shelley, Vallejo, Emily Dickinson, Valéry, Borges, Jorge de Lima, Garcia Lorca e Antônio Machado, entre outros. No poema “Eu”, publicado nos Cantos de Lúcifer, mergulha na essência do existir e emerge com revelações transcendentais: “Eu sou eu. Íntegro e inviolável dentro de mim mesmo”/ O que não se descobre. Anônimo sob minha sombra incorpórea, sem faltar um só dos meus gestos físicos”. Esta busca de si é tarefa primordial de quem se sabe inviolável em si, mas anônimo e incognito, no instante do desvelo e da auto-revelação. “Diverso sobre mim e sob eu mesmo./ Oculto e visível como a lua caída no poço. Intocável e impossível como o que não se conhece e não morre”. Nestes fragmentos do poema apresenta sua compreensão do fenômeno enigmático da vida e trata de um dos temas eternos da poesia. Há temas que jamais envelhecem. A lua, por exemplo, é uma tradição na trajetória universal da poesia. Os poetas sempre adoraram o arquétipo lunar. Sobretudo os românticos. Mas cantar a lua não é apenas uma subjetividade da poesia romântica. A lua representa uma espiritualidade profunda e permanente. Disse S. Agostinho a respeito de Deus: “tarde vos amei, beleza tão antiga e tão nova. É que estáveis dentro de mim e eu estava fora de mim”. A lua é uma beleza antiga e nova e por isso é sempre bela, assim como a arte mesma e tudo o que há na natureza. Nós humanos é que envelhecemos, porque somos frágeis. A árvore morre mas continua a existir através de sua semente. Os insetos, os pássaros e as árvores, tudo o que aparentemente desaparece, está sempre presente no mundo. E a lua, como toda a natureza, é eterna. Se um poeta moderno escreve sobre a lua, sobre o encantamento de contemplar o plenilúnio, apenas mostra ser dotado de sensibilidade para amar o belo e reconhecer a semelhança entre sua natureza e a da lua. A lua sempre foi decantada porque é um astro que ilumina o mundo inteiro. Porque ela é suave como a companheira, a mulher. Como música ao longe ela transmite o que há de mais romântico e eterno. E sendo ao mesmo tempo eterna, bela e divina, ela é de todos os tempos, de todos os poetas, cantores e trovadores. Perene em sua beleza, sua antiguidade é sempre nova e eterna. É um símbolo de musicalidade, sua luz suave cobre o mundo e deixa nas almas o romantismo dos poetas antigos e novos. Única e soberana, reina no espaço como uma monja em sua cela.

### **A família, a cátedra e os amigos.**

Há muito tempo Alcides perdeu contato com a mãe de Belkiss, sua filha mais velha que vive em Paris. Escreve e ela não responde. Belkiss

também escreve à sua mãe inúmeras cartas registradas. As cartas teriam que voltar, mas não voltam. A mãe não ficou desgostada com Belkiss porque ela criou sua própria independência, emancipou-se e viajou para Paris com os hippies. Mas em ela estudou jornalismo em Paris. Em sua carta mais recente Belkiss diz que nunca o esqueceu. Ela partiu de Fortaleza quando tinha 17 anos. Há mais de 20 anos que Alcides não a ve. Diz que gosta muito de Belkiss, porque ela é muito inteligente, porque é negra, e porque ele praticamente a abandonou, o que considera um de seus pecados. O próprio Alcides a incentivou a ir viver em Paris. Arranjou dinheiro para a passagem de ônibus até o Rio de Janeiro. Naquela época Alcides achava um estorvo que sua filha fosse hippie, mas hoje reconhece que foi um erro seu pensar dessa maneira. Há cerca de dois anos não tem contato com ela, pois as suas cartas ficam sem resposta. Preocupado, Jap me pede que escreva a Belkiss, recomendando-lhe que mande notícias a seu pai. Uma carta que lhe remeti há alguns meses, ao endereço que me dera desde que nos encontramos em Paris, em 1996, voltou com anotação de “destinatário ignorado”. Na ocasião em que a encontrei, achei um tanto estranha a sua conduta. Ela trajava calça e camisa pretas e um lenço negro sobre os cabelos. Disse-me que sua principal atividade na França consistia em retirar objetos de magia negra colocados nas igrejas. Conversamos durante várias horas exclusivamente assuntos de tal natureza e fiquei tomado de um sentimento depressivo depois do nosso encontro. Por enquanto permanece um mistério o paradeiro de Belkiss.

Outro erro que acredita haver cometido foi a reação que teve quando tomou conhecimento de que tem mais duas outras filhas com uma das mulheres que trabalhou em sua casa como empregada. Alcides pensou que fosse mentira da mãe delas. Não acreditou quando a mãe trouxe as duas meninas para ele conhecer. Recusou-se a reconhecê-las como filhas, porque pensou que fosse uma chantagem. Uma delas disse: “eu sei que sou sua filha, a minha mãe me disse”. Era bem bonitinha, de 12 anos de idade --- diz o poeta --- parecida com a Jamaica, uma de suas filhas. Pensou que a mãe queria apenas tomar-lhe dinheiro. Ele morava ainda na mansão da rua Rodrigues Júnior, na Aldeota, e poderia parecer aos olhos daquela mulher ambiciosa que ele tinha muito dinheiro. O poeta guarda um sentimento de remorso por essa atitude.

Todos tivemos algum ato inabonável, alguma atitude da qual nos arrependemos, por outro lado já tivemos tantos atos de magnitude, disse eu, tentando confortá-lo. “Mas uma ingratidão desta nenhum ato cobre”, disse ele, contrito. “Hoje em dia não faço mais esse tipo de coisa. Se eu pudesse reunia todos os meus filhos e viveria com eles o resto dos meus dias”.

Quanto aos amigos, Alcides fala com muito senso de humor a respeito de alguns deles, que considera tao doidos quanto ele. Diz que, por incrível que pareça, existem alguns com o juízo pior que o dele. Um deles é

o Carlos Emílio, cujo talento admira, mas de quem, segundo Alcides, não se pode negar certo grau de insensatez. Conta o seguinte caso acerca do escritor Carlos Emilio Correa Lima: um dia, quando estavam os dois conversando na sacada de seu apartamento da Praia do Flamengo, ia passando um avião e Carlos Emilio disse para Alcides: “atenção, vai um amigo meu dentro desse avião, ele vai me mandar mensagens, vai acenar para mim da janela do avião...” Disse que eu também figuro na lista dos amigos doidos, pois acompanhá-lo à fazenda Terras do Dragão, no meio dos matos, nos confins do sertão cearense, já é um ato de insensatez. Mas reconhece que é pior do que eu, e diz que o Jarbas Júnior ocupa posição intermediária entre as nossas respectivas doidices, sendo que “os piores são o Paulo Garcez, (poeta bahiano falecido em 1998), o Carlos Emilio e o Mário Gomes”. “Só tenho amigos doidos”, declara. Doidos varridos como ele próprio, que é o mais doido de todos, pois largou a cátedra e abandonou tudo para dedicar-se exclusivamente a literatura numa província como o Ceará. Dentre os amigos sem juízo, alguns talvez sejam piores, pois são irresponsáveis. A loucura em sua vida é atávica. Sua família esta cheia de loucos, um vendaval que só não o pegou fatalmente por causa do sexo e da arte. Mas viver é uma espécie de loucura, ou uma maneira de estar-se exposto à loucura do mundo, cujo absurdo maior é a morte, essa megera que temos que carregar nas costas desde que nascemos. Só o sexo (o amor) é uma benção divina, nos salva da maldição. O sensualismo é uma religião.

Uma das idéias doidas e geniais que teve foi a de reunir 35 pintores, liderados por Barrica, para pintar o mural na casa da rua Rodrigues Júnior. Enquanto pintavam, Barrica cantava óperas, outros dançavam, sapateavam, contavam anedotas. Parecia um bando de doidos fugidos do hospício. Outros episódios hilariantes se registraram quando Jap comprou um piano, talvez na ilusão de que poderia ainda tornar-se um Beethoven. Naquele tempo acorria a mansão do poeta de toda sorte de boêmios, músicos, poetas de toda estirpe da cidade de Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção. Todos queriam dedilhar as teclas do instrumento. Todos os dias, infalivelmente, na hora do por-do-sol, comparecia ao reduto do Alcides o poeta Alano de Freitas, que chegou a compor algumas canções obscenas no piano. Meses depois, entediado com a frequência dos menestréis que permaneciam em sua casa até as primeiras horas da madrugada, Alcides resolveu se desfazer do piano, tendo convencido o gerente da loja a aceitá-lo de volta. A respeito do famoso piano, o professor e escritor Juarez Leitão escreveu belíssima crônica intitulada José Alcides Pinto e as Fúrias do Oráculo, em que relembra a noite em que se reuniram alguns amigos na casa de Alcides para inaugurar o instrumento. “Um instrumento lindo, que havia comprado na Mesbla sem a menor condição de pagá-lo. Não importava a nós este detalhes medíocre; o piano estava ali, na sala do Zé Alcides era um ícone, um totem, um símbolo solene da arte. Nenhum dos

jovens e embebedados amigos de Alcides sabia tocar piano, mas todos passavam a mão no móvel preto e reluzente, como fazem os muçulmanos com a Caaba, a pedra negra do centro de Meca, para expiar os pecados. E voltamos daquela estranha noite leves, felizes e saciados de ternura e paz, e pelas ruas de nossa euforia cantávamos, bradávamos poemas sobre o piano do Zé Alcides. O piano, naturalmente, foi devolvido à loja: já cumprira sua missão”.

Apesar dos momentos difíceis que já enfrentou, Alcides reconhece que Deus lhe deu tudo o que queria. Tornou-se uma pessoa realizada. Sua vida sempre foi uma busca do eterno e acredita que Deus já lhe deu mais do que merecia. “O que eu queria de Deus era a paz interior pra suportar os meus sofrimentos com dignidade e essa dádiva divina eu tenho. Não posso querer mais do que isso. Deus foi comigo sempre muito pródigo e muito misericordioso. É claro que eu aspirava a ter uma vida melhor. Mas será que essa aspiração teria me dado a tranquilidade espiritual? Eu acho que não. Veja a minha vida pregressa, larguei a universidade, comprei uma fazendinha e passei um ano sem vir a Fortaleza”. Faltavam 14 anos para se aposentar como professor concursado da Universidade Federal do Ceará. Pediu rescisão do contrato de trabalho, por livre e espontânea vontade, a partir de 31-12-77. Abandonou tudo para se dedicar a literatura. Comprou a fazenda, perdeu as comodidades, mas sua obra cresceu. A aposentadoria que recebe, embora pareça contraditório, é por invalidez, e foi concedida quando se encontrava doente. Perguntei-lhe qual a doença. Respondeu-me: a loucura. A loucura em sua família é bem de raiz: genético. “Minha família é pontilhada de doidos, a começar pelo avô materno, Chico das Chagas Frota, personagem de O Dragão. Também o tio João Pinto de Maria, de “Biografia de um louco”. A locura não se separa de sua vida. Se tivesse a mente sã não teria deixado a Universidade, mas rescindiu o contrato e ficou sem nada. Mas acredita que não foi propriamente uma locura. Foi antes uma destinação, pois agiu de maneira coerente com o que faria seu pai, que também era despojado de bens terrenos, orgulhos, vaidades e preconceitos. A humildade é o princípio mais exemplar do verdadeiro cristão.

Contou em sua experiência de professor na Faculdade de Jornalismo da UFC. Ensinava História da Cultura e dos Meios de Comunicação, disciplina em que abordava os processos culturais da humanidade, desde os hieroglifos egípcios, a pedra roseta e a ideografia dos chineses até o classicismo, os filósofos, poetas e dramaturgos, com ênfase nos 4 mestres do teatro grego, pois o anfiteatro é a origem da comunicação. “E quem disser que não é que vá pra baixa da égua”, dizia para os alunos. Depois passava à comédia francesa, Racine, Moliere, passando pelo teatro inglês de Shakespeare até o modernismo, com Camus, Cocteau, Ionesco, Oswald de Andrade, Nelson Rodrigues, etc. Teatro é comunicação. Comentava os

autores, fazia súmulas, sínteses. Utilizava o método peripatético. Dava aulas andando. Os alunos da faculdade saíam das classes de outros professores para assistir às suas perorações. Pedia que voltassem, mas em vão. Certos professores ficavam irritados porque os alunos deixavam suas salas vazias para ir assistir à aula do poeta. Sentavam no chão. Perguntava aos alunos porque preferiam suas aulas às dos demais instrutores, eles respondiam que pelo fato de alguns deles não saberem responder às perguntas que faziam. Diziam, “na outra aula eu trago a resposta” e jamais traziam, por falta de conhecimento. Falando sempre rápido, os alunos pediam que falasse devagar para melhor aproveitar as aulas, mas ele argumentava: isso em mim é genético, orgânico. Se vocês vissem duas irmãs minhas conversando não aguentariam. Nenhuma das duas se entende e ninguém as entende. Jogava o apagador e o giz no chão, gritava e gargalhava como um sátiro. Falava do papiro, do pergaminho, de cada desenho que representava um sentido. Também dos povos peruvianos, os quipos, cordõezinhos cheios de nós e os vampumes, conchas geométricas coloridas. Daí vem a pictografia... Batia com a mão nos ombros dos alunos. Alguns deles se deitavam no chão. Os alunos lhe davam biscoitos, o levavam de carona à sua casa, pois Jap nunca teve carro. Pagavam-lhe cerveja. Mas teve de abandonar a cátedra, pois sua ambição sempre foi ser escritor e não professor. Faltavam dez anos para aposentar-se. Achou que ser escritor era mais importante. Para que acumular riqueza? O que tinha dava para uma vida simples. A Universidade foi um tempo perdido. Tinha de trabalhar o dia todo. Trabalhar nunca foi a sua atividade predileta: “Não me arranjam emprego. Não criem obstáculos à minha vida”.

Sua atual situação financeira é precária. Para sobreviver escreve artigos e prefácios para os livros de amigos, cobrando pelo trabalho. Alguns poetas amigos o ajudam eventualmente, contribuindo financeiramente para seus tratamentos de saúde. Muitos de seus livros são dedicados aos médicos que o operaram ou trataram de sua saúde quando esteve acometido de diversos males. É uma forma de gratidão e de obter estrategicamente algum desconto no pagamento dos honorários.

Admira-se da riqueza de Francisco Carvalho. No mundo em que vivemos é difícil um poeta rico. Ele é dono de uma mansão e dois grandes sítios de centenas de hectares. Ele merece, confirma. “Carvalho é madeira de lei”. Mas afirma também que a fé em Deus vale mais que toda fortuna material. Ter fé vale por 100 escritores ou 100 cientistas. Não interessa arte, ciência, tudo vira pó. E a fé, a luz da fé não morre, é eterna como o vento, o mar e o amor pelo próximo. Assim como é grande a sua estima e gratidão em relação aos amigos leais, os que sempre foram corretos ou o ajudaram, como Juarez Leitão, Dimas Macedo, Francisco Carvalho e outros, aos quais dedica poemas e livros, também não esquece a ingratidão daqueles que foram cafajestes. Decepcionou-se com um deles, que pensava

que fosse amigo, mas que só depois se revelou um velhaco, prometendo pagar-lhe duzentos reais por um prefácio e jamais pagou. Outro ex-amigo, qual lobo vestido em pele de cordeiro, ofereceu-se para editar-lhe as obras completas, sumiu com o dinheiro que Alcides lhe adiantara, e só apareceu quando um advogado amigo já estava colocando o caso na justiça. Por desgosto, depois do livro pronto, Alcides soterrou toda a edição numa vala em seu quintal. Apesar de me haver dito os respectivos nomes, pediu-me apenas que contasse os casos sem decliná-los, para dar-lhes mais uma chance para que se redimam. Em outra ocasião, também foi lubidriado pelo dono de uma gráfica que ficou com o dinheiro que lhe havia adiantado e jamais publicou o livro. Por incrível que pareça o caloteiro também era escritor... Contra esses vilões Jap descarrega a violência de suas imprecações poéticas. A eles os adjetivos espúrios que o poeta prefigura em seus textos. Se não fosse a existência de tais calhordas não existiria a poesia maldita. Por causa deles é que surge o poema sórdido, contundente, para acusar a desonestidade dos patifes, a falsidade dos infames. Chego a acreditar que a arte de Jap transparece um profundo teor moral, disfraçado em rebeldia. Na realidade, trata-se de um grande moralista às avessas, pois prega a ordem dissimulada em desordem, e enquanto acusa o crime, condena o vício. A realidade do mundo exige que se combata o mal, mas torna o homem presa das armadilhas da condição terrena. É preciso lutar com palavras e atitudes em defesa da Verdade.

Se alguns o decepcionaram ao ponto de inspirar-lhe a máxima “podendo ter cinco amigos não tenha dez”, outros souberam merecer-lhe a estima. Assim é que alguns dos amigos que lhe tem apreço telefonam-lhe todos os dias, como Soares Feitosa e Rui Câmara, que não deixam de contactar o maldito iluminado, que a todos atende generosamente qual avoengo mestre. Duas gerações dos mais competentes poetas cearenses o louvaram em prosa e verso no livro *Guerreiros da Fome*, entre os quais também o inolvidável bahiano Paulo Garcez de Sena: “...enxergas para além dos abissais horizontes...” Alano de Freitas também participa de tal coletânea com um texto em que recorda as mechas de cabelo das musas que Alcides guarda em suas gavetas. Francisco Carvalho consagrou-lhe monumental poema em cordel. Faria Guilherme no cordel “O cigano, o vate e o frade, narra o gracioso episódio do uso da batina franciscana. No artigo intitulado “José Alcides Pinto, o Espetáculo Permanente”, Adriano Espinola lembra-lhe a magreza absoluta, os gestos tempestuosos, os braços longos e as mãos que se movimentam sem parar, sua eletricidade teatral e sua fala torrencial, matizadas de emoções mutáveis, em que conforme o seu estado de humor, é capaz de criticar severamente determinado escritor e elogia-lo em seguida com a mesma ênfase. Acerca de Alcides, escreveu Gerardo Mello Mourão artigo publicado no jornal *Diário do Nordeste*, em que o menciona como um nome avançado nas melhores aventuras

revolucionárias do texto poético e ao mesmo tempo como um François Villon urbano e rústico. Ao elogiar a obra de ficção de Jap, cita o romance O Dragão como um texto violento e agônico, que pela carga poética de sua escritura demonstra o quanto é tênue a fronteira entre a as metáforas da ficção romanesca e as da ficção poética. Trata-se da história do povoado do Alto dos Anjicos, “um pequeno bando de viventes entregues à indolência, à superstição, aos inocentes vícios dos pobres, a desolação, a fúria dos elementos e ao salubre fanatismo de um pobre padre com os miolos torrados pelo sertão, mas ainda assim com um sentimento medular da presença de Deus e da razão sem razão de seus castigos crueis”. Situa o autor de “O Dragão” ao lado dos grandes ficcionistas modernos do Brasil, como José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, José Americo de Almeida, Graciliano Ramos e José Candido de Carvalho. E pelo êxito alcançado em seu texto, chama-o de poeta de Jerusalém, escriba de Canaã e cronista da atormentada ribeira do Acaraú.

Na condição de admirador e discípulo, não poderia deixar de expressar-lhe minha estima na forma de poesia. Penso que só um poema delirante, em tom de alumbrado arrebatamento, poderia descrever o o inimitável caráter de Jap. Assim foi que escrevi o escatológico poema “Perfil de José Alcides Pinto Vislumbrado num Instante de Cosmovisão”, que considero condizente com sua personalidade e cujo teor reproduzo aqui: Alcides, cavaleiro dos mangues/, arauto dos poderes litorâneos,/ nervoso pássaro de olhar faiscante,/ maldito santo, arrasta com teus uivos a podridão do mundo./ José, ícone dos povos transatlânticos,/ defensor da justiça, sagaz e triunfante,/ arguto como o cavaleiro da triste figura,/ so tu que oscilante na ponta dos punhais,/ conheces o misterioso anfíbio da vida./ Sete vezes a fatalidade galopou nos teus ombros o calafrio/ --- peçonhento animal rastejou sobre as tuas vértebras/ e tu esmigalhaste com os dentes as vespas, os pítilos e os lagartos voadores./ Príapo da Kaliyuga, íntimo dos chacais,/ venerado pelas princesas do Peloponésio,/ pelas fêmeas do Reino Mórbido/ estimado e estimulado pelas bailarinas de Lesbos,/ heráldico espadachim pantomímico,/ as ninfas gemem de pejo e os planetas estremecem quando passas./ O descendente de Belial,/ aniquila os sucubos, doma os morcegos, o pastor dos unicórdios,/ ordenhador das bruxas de Lúcifer,/ um simples pensamento emanado de tua fúria/ faz gemer os demônios, os patifes e os furacões/. És um ser da lama dos alagadicos/ porque devastas os pântanos de lesmas e besouros./ Messianico, fescenino, és o faquir dos outonos arcangelizados/ e eu, o devoto, conclamo teu poder purificador./ Verte o grito transido de gelados sobressaltos,/ afugenta os antílopes, cose a teia dos infortúnios./ O tempestuoso irmão de Zoroastro,/ és impiedoso com os tiranos e brincas na ventania./ Do inferno sazonestas as peras, sufocando as borboletas./ O misericordioso arcanjo./ Lembro-me com que desvelo perfuraste o peito tísico dos vampiros,/ por ocasião das bodas

de Satã./ Ó potestade do Caucaso, José,/ a raça humana deve tanto a tua fecundidade/ que andas extasiado sobre os flagelos/ e destróis a vileza dos biltres./ Tu que bebes urina no crânio dos sarcófagos,/ gane, uiva, lobo esfomeado./ Abutre e fauno, vocifera contra o esterco do Nada,/ transmuta o excremento das Parcas,/ gargalha ante a ignomínia/ porque retens a fortuna de imperios inimagináveis./ Ruminando as messes douradas,/ berraremos como os animais santos que a morte esculhamba./ Tu que mijas na cloaca do organismo social/ pois a falsa moral fede muito, o grande possesso./ O espreitador de precipícios,/ ouve estas reflexoes utopicas enquanto espancas a felicidade./ Tu que cagas na face dos invejosos, das hidras,/ pois só tu, anjo e demonio,/ podes escandalizar os deuses ostensivamente./ Nenhum mortal ousa desafiar a tempera dos monstros malignos,/ só tu, mendigo afortunado, possuis o farnel das coisas dissolutas./ Em verdade, tens um pacto com os anofelinos/ que fucam as paredes dos cemiterios,/ farejando a resina mineral./ A resina das origens./ O filho do oprobrio,/ ermitao que ministras polens venenosos aos satiros,/ por que te debrucas sobre os abismos/ e dissipas candeias pelos caminhos perdidos?/ Do teu claustro de vertigens,/ ensina-me a hipnotizar os hidrofobos,/ a soprar o cauterio sobre os coagulos./ Em nome dos Arcanjos da Natureza,/ ensina-me a viajar no infinito como os filhos de Orfeu./ Tu que es eterno como os vampiros entediados,/ desvairado amigo,/ tu que sabes os signos magicos dos antropofagos da propria desgraça,/ sultao, califa, farao./ Afrodite te persegue por tua fama degradante,/ gnomo de delirantes ilacoes e paixoes caoticas./ maldito santo, maldito iluminado,/ tu que exorcisaste o amolador de punhais,/ tu que es cruel com os hermafroditas/ e cantas o desespero eterno,/ argonauta do mar do absisnto e do sacrificio,/ silfo da Oceania,/ so o Mar pode aplacar o teu desatino”.

Outro renomado escritor que nao perde uma chance de tecer apologias ao maldito iluminado e o jornalista Blanchard Girao. Transcrevo um trecho de artigo publicado na imprensa cearense, em que Blanchard afirma o seguinte: “Espirito inquieto, rebuscando multiplas verdades e contestando-as, procurando resposta as duvidas atraves da poesia, que acabaria por ser a sua unica opcao verdadeira na vida. Ora credulo e temente a Deus; ora rebelado; timido ou atirado, um ser humano complexo, onde a mente em permanente efervescencia se derrama em caudalosas ideias em prosa e verso. ... De longe, contudo, ou perto de seus escritos --- versos, contos e cronicas que tenho lido -- me parece, antes de tudo, um homem profundamente liberto, sem as peias das conveniencias, dessa hipocrisia que tutela o chamado “bicho social”que somos ou que fomos obrigados a ser.”

Dos amigos que lhe fizeram apanagios em prosa ou verso, a meu ver, quem melhor configurou-lhe o perfil foi Juarez Leitao, na cronica citada nos paragrafos antecedentes. Para finalizar este esboco da personalidade do

poeta, transcrevo alguns trechos do mencionado texto: “... Assim esguio como uma pintura de Modigliani, vive do ofício de inventar na terra das insanias, dos condenados da paixão, dos filhos da dor e do medo. Suas histórias e cantigas armadas sobre o lado cinzento da vida se afirmam na densa maravilha da condição humana, em todas as suas ambiguidades e contradições. Com a mesma espantosa profundidade José Alcides trata dos reflexos corriqueiros do cotidiano e dos grandes mistérios humanos. O confronto constante entre o real e o fantástico alimenta a peripecia de seus personagens, entre os quais ele figura como o mais estranho e singular protagonista. ... Travestido de compadre do diabo, e, entretanto, umromeiro devoto, capaz de fazer promessas e vestir o balandrau do Pobrezinho de Assis. Finge regar os caminhos de Sata para vence-lo de tocaia e ganhar as graças de Deus. ...É um homem cheio de riquezas e muito pobre de bens. Nunca mediu barreiras ou calculou os custos de sua aventura individual. Sua única medida é o prazer do salto e a vertigem do voo. Constroi-se, como se diz, na contradição de si mesmo. É um saltimbanco, um mágico manipulador de faíscas nesse arame esticado de inconstâncias... A grandeza de Ze Alcides resulta de sua autenticidade. O poeta é verdadeiro quando reza ou ate quando mente. Pos-se diante da vida como rebelde porque conseguiu ser original, singular. Ivan Junqueira afirma que Alcides, tanto do ponto de vista estético, quanto do ângulo existencial, escolheu a transgressão como deusa e musa”.

*Sofia, 5/1/99.*